



UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

PROGRAMA DE INTERVENÇÃO COM MÃES DE
ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

CURITIBA/PR

2017



UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

ALFREDO HAUER JUNIOR

PROGRAMA DE INTERVENÇÃO COM MÃES DE
ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Forense

Orientador (a): Dr^a. Paula Inez Cunha Gomide.

CURITIBA/ PR

2017

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

H368 Hauer Junior, Alfredo.

Programa de intervenção com mães de adolescentes em
conflito com a lei / Alfredo Hauer Junior; orientadora Prof^a. Dr^a.
Paula Inez Cunha Gomide.

112f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná,
Curitiba, 2017.

1. Treinamento com pais. 2. Adolescente infrator.

3. Práticas parentais. I. Dissertação (Mestrado) – Programa de
Pós-Graduação em Psicologia / Mestrado em Psicologia.

II. Título.

CDD – 155.5

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212

TERMO DE APROVAÇÃO

ALFREDO HAUER JUNIOR

**PROGRAMA DE INTERVENÇÃO COM MÃES DE ADOLESCENTES EM CONFLITO
COM A LEI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia –
área de concentração: Psicologia Forense, para obtenção do título de Mestre em
Psicologia, da Universidade Tuiuti do Paraná.

Banca examinadora

Professora Paula Inez Cunha Gomide (Orientadora)

Instituição: Universidade Tuiuti de Paraná

Assinatura_____

Professora Doutora Maria da Graça Padilha

Instituição: Universidade Tuiuti de Paraná

Assinatura_____

Professor Doutor Cloves Antonio Amissis Amorim

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Assinatura_____

Curitiba, 22 de junho de 2017.

AGRADECIMENTOS

A realização desta etapa de minha formação pessoal e profissional ocorreu de forma concomitante à uma situação muito difícil, de incertezas e dificuldades financeiras causadas pela perda de meu emprego como professor e de minha esposa como profissional de tecnologia de informação, ambas as empresas encerraram suas atividades.

Nos momentos difíceis a família tem um papel fundamental para a superação de obstáculos, agradeço muito aos meus pais pelo apoio em TODAS as situações que passei neste período, sem vocês eu não teria conseguido concluir esta jornada. Meu Pai Alfredo Hauer com seus estímulos e minha mãe Roseli Deolinda Hauer com suas palavras de orientação e de conhecimento em relação ao que estava vivendo.

Agradeço à minha esposa Amanda Lovera Hauer, que me ajudou muito, mas MUITO mesmo, sem a sua dedicação às adaptações que foram necessárias em nossa rotina, jamais teria conseguido conciliar minhas atividades profissionais com as do mestrado. Agradeço aos meus filhos Eduardo Hauer e Isadora Hauer que me “resgatavam” da frente do computador para jogar bola, vídeo game ou brincar de “Gormitis e dinossauros”.

Agradeço a todos os profissionais da Instituição que me acolheram, apoiaram e acreditaram em meu trabalho, em especial à Diretora Vera, seu feedback me ajudava muito à compreender a realidade destas famílias.

Agradeço imensamente às mães que participaram deste programa, pelo compartilhamento de suas histórias de vida. Vocês demonstraram ao longo do programa uma imensa vontade em mudar, apesar de um contexto familiar e social muito

desfavorável. Aprendi com vocês que não importa se a correnteza é forte e nos leva para onde não queremos, o importante é continuar remando.

Agradeço aos meus amigos de turma, foi uma experiência inesquecível compartilhar a sala de aula com vocês, o café que eu levava todos os dias era apenas uma forma de agradecimento por estar com vocês. Aprendemos e ensinamos uns aos outros, principalmente quando realizávamos trabalhos em grupo.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da nossa formação, ótimas aulas, turma motivada, grande aquisição de conhecimento!

Não tenho palavras para agradecer minha Orientadora Dra. Paula Gomide, nossas supervisões de duas horas, conversávamos sem parar sempre em um clima de descontração, discutíamos matricídio, clínica forense, programa de mães, parece que sempre faltava tempo para tantos assuntos. Agradeço à paciência nesta reta final, em que me vi atolado entre trabalho e produção de texto!!

Agradeço à Dra. Maria da Graça Padilha minha professora da graduação, CETEC, pós-graduação e mestrado. Você esteve comigo em toda minha formação e sempre demonstrou conhecimento, paciência, conhecimento e bom humor. Foi muito especial para mim contar com suas contribuições em meu trabalho.

Agradeço à Dra. Luiza Habigzang pelas e orientações em minha qualificação, que proporcionaram uma ampliação na leitura do programa e análise dos resultados.

Agradeço ao Dr. Cloves Amorim pela participação em minha defesa, alguns professores fazem da educação uma arte, você é um destes. Sempre admirei sua postura como mestre e fiquei muito feliz em contar com você neste momento especial.

Agradeço à Deus, por todas as experiências vividas neste período.

“Os nossos pais amam-nos porque somos seus filhos, é um fato inalterável. Nos momentos de sucesso, isso pode parecer irrelevante, mas nas ocasiões de fracasso, oferecem um consolo e uma segurança que não se encontram em qualquer outro lugar”.

Bertrand Russel

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Caracterização da amostra	17
TABELA 2. Conteúdo programático dos encontros.....	23
TABELA 3. Conteúdo programático dos encontros (cont.).....	24
TABELA 4. Conteúdo programático dos encontros (cont.).....	25
TABELA 5. Presença nas Sessões.....	31
TABELA 6. Tipos de infração dos familiares das mães.....	31
TABELA 7. Escores do Inventário de estilos Parentais auto aplicação.....	79
TABELA 8. ASR Amigos e família.....	85
TABELA 9. ASR Redução.....	86

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Atividades realizadas.....	26
FIGURA 2. Escores do Inventário de Estilos Parentais.....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASR	Adult Self Report – Inventário de Autoavaliação para Adultos de 18 a 59 anos
CENSE	Centros de Socioeducação
DSM –5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
HIF	Histórico Infracional de Familiares
IEP	Inventário de estilos parentais
SPSS- IBM	Statistical Package for the Social Sciences
SEJU	Secretária de Estado, Justiça Cidadania e Direitos Humanos
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	i
1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1. Práticas parentais e o comportamento infrator.....	02
1.2. Estratégias em grupo: treinamento de práticas parentais.....	12
2. OBJETIVOS.....	16
2.1. Objetivo Geral.....	16
2.2. Objetivos Específicos.....	16
3. METODO.....	17
3.1. Participantes.....	17
3.2. Percorso amostral.....	18
3.3. Local.....	19
3.4. Instrumentos.....	19
3.5. Procedimentos éticos.....	21
3.6. Procedimentos.....	22
3.7. Análise de Dados.....	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	28
4.1. Perfil das participantes.....	28
4.2. Histórico infracional de familiares.....	31
4.3. Descrição das sessões	33
4.4. Avaliação da intervenção.....	77
4.4.1. Inventário de Estilos Parentais IEP.....	78
4.4.2. Inventário ASR.....	84
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
APÊNDICES.....	92
REFERÊNCIAS.....	120

RESUMO

As práticas parentais são estratégias utilizadas pelos pais na orientação dos filhos. Quando estas estratégias ocorrem de forma adequada e positiva é favorecida a aprendizagem de comportamentos pró-sociais, quando é inadequada comportamentos antissociais podem ser aprendidos aproximando à criança ou adolescentes da conduta infracional. Uma das formas de prevenção e tratamento do comportamento antissocial e infracional são treinamentos com pais ou cuidadores responsáveis. O objetivo desta pesquisa foi avaliar um programa de intervenção com mães de adolescentes infratores em um Centro de Socioeducação de um município de médio porte no Estado do Paraná. O programa foi desenvolvido em 12 sessões, de uma hora e trinta minutos. Os temas abordados no programa foram; escolarização, manifestação de afeto, assertividade, comunicação, polidez, práticas parentais positivas e negativas, análise funcional, autoestima, justiça e perdão. Participaram deste estudo quatro mães com idades entre 35 e 58 anos, cujos filhos cumpriam medidas socioeducativas em regime fechado por homicídio, latrocínio, tráfico de drogas e roubo. O programa foi avaliado por meio do Inventário de Estilos Parentais- IEP e Inventário de auto avaliação para adultos de 19 à 59 anos – ASR, utilizados em pré, pósteste e *follow up*. Também foi utilizado o Histórico Infracional Familiar – HIF para caracterização da amostra. O HIP indicou presença de comportamentos infratores nos companheiros, pais e avós. As práticas parentais positivas aumentaram após intervenção e as negativas diminuíram. No ASR houve melhora nos escores em quase todas as variáveis, com destaque para amigos, problemas externalizantes, problemas internalizantes e retraimento. Este estudo aponta para a possibilidade de intervenção com mães de adolescentes em conflito com a lei com aumento significativo de praticas positivas que são inibidoras do comportamento antissocial.

Palavras – chave: Treinamento com pais; adolescente infrator; práticas parentais.

ABSTRACT

Parental practices are strategies used by parents in guiding their children. When these strategies take place adequately and positively, the learning of pro-social behaviors is favored; when it is inappropriate, antisocial behaviors can be learned by bringing the child or adolescents closer to the offending behavior. One of the forms of prevention and treatment of antisocial and infractional behavior is training with responsible parents or caregivers. The objective of this research was to evaluate an intervention program with mothers of offending adolescents in a Socioeducation Center of a medium size municipality in the State of Paraná. The program was developed in 12 sessions, one hour and thirty minutes. The topics covered in the program were; affection, assertiveness, communication, politeness, positive and negative parenting practices, functional analysis, self-esteem, justice and forgiveness. Four mothers aged between 35 and 58 years old participated in this study, whose children fulfilled socio-educational measures in a closed regime due to homicide, robbery, drug trafficking and robbery. The program was evaluated through the Inventory of Parenting Styles - IEP and Self Assessment Inventory for adults aged 19 to 59 years - ASR, used in pre, post and follow up. The Family Injury History (HIF) was also used to characterize the sample. The HIP indicated the presence of offending behavior in partners, parents and grandparents. Positive parenting practices increased after intervention and negative practices decreased. In ASR there was improvement in scores in almost all variables, especially friends, externalizing problems, internalizing problems and withdrawal. This study points to the possibility of intervention with mothers of adolescents in conflict with the law with a significant increase of positive practices that are inhibitors of antisocial behavior.

Keywords: Parent training; offender adolescent; parenting practices.

APRESENTAÇÃO

A preocupação do envolvimento de adolescentes com o crime tem sido abordada pela mídia e por pesquisas da área da psicologia forense. Um dos aspectos de destaque refere-se às estratégias utilizadas pelos pais na orientação de seus filhos, que podem promover a aquisição de comportamentos pró-sociais e por outro lado, comportamentos antissociais (Gomide, 2003).

Ambientes familiares instáveis, em que pais não apresentam consistência em seus comportamentos educacionais e possuem dificuldades em definir e manter regras favorece a aprendizagem de comportamentos de risco e de condutas infratoras em crianças e adolescentes (Snider & Patterson, 1987; Patterson, Reid & Dishion, 1992).

Pesquisas baseadas em intervenções com famílias de risco que visam a prevenção ou capacitação de famílias são cada vez mais frequentes. Os resultados destas intervenções apontam os benefícios às famílias envolvidas, as dificuldades que envolvem o trabalho com esta população e aspectos que podem ser aprimorados (Murta, Rodrigues, Rosa & Paulo, 2012; Rios & Williams, 2008; Pinheiro et al., 2006).

Para a realização deste estudo foi aplicada intervenção com quatro mães de adolescentes em conflito com a lei, tendo sido utilizado o modelo de práticas parentais de Gomide (2006), para o embasamento da intervenção realizada. Os objetivos desta intervenção foram: promover o aprimoramento de comportamentos pró-sociais na educação dos filhos, baseando-se no ensinamento das virtudes e das práticas parentais positivas, assim como, treinar habilidades de comunicação para o aprimoramento das práticas parentais.

Este trabalho está dividido em cinco partes. Inicialmente, é apresentado um texto teórico, dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, são abordadas as práticas parentais e o comportamento infrator. No segundo capítulo, são apresentados

alguns modelos de intervenção de treinamento de práticas parentais. Na segunda parte do trabalho estão descritos os objetivos desta pesquisa. Na terceira parte está descrito o método utilizado na pesquisa e na quarta parte do trabalho são apresentados os resultados alcançados e a respectiva discussão. Nesta parte do trabalho são descritas as sessões de intervenções realizadas, correlacionando-as com a literatura e os resultados dos instrumentos utilizados. Na quinta e última parte do trabalho, são apresentadas as considerações finais, com uma reflexão sobre o trabalho, procedimentos e sugestões para futuras pesquisas.

1.INTRODUÇÃO

O alto índice de criminalidade é uma difícil realidade brasileira. Fatores como as desigualdades sociais; as desigualdades de oportunidades; a falta de acesso à educação de qualidade, à saúde, às condições dignas de moradia; a desestrutura familiar; o envolvimento com o uso e o tráfico de drogas; a inexistência de expectativas sociais e o enfraquecimento de vínculos sociais, em que os vínculos com genitores, escola, amigos, família são frágeis, podem predispor a criança e o adolescente a situações de vulnerabilidade e risco que podem levá-los a cometer atos infracionais (Costa, 2004; Shecaira, 2008).

Diante dessa realidade, faz-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas preventivas, que busquem a redução do envolvimento de crianças e adolescentes em atos infracionais, bem como, a implementação de programas voltados para a capacitação de profissionais que atuem diretamente com famílias que vivem em situação de vulnerabilidade e risco.

A escassez de intervenções realizadas por Psicólogos com este público, justifica a relevância social deste estudo como importante contribuição na promoção de subsídios para implementação de ações preventivas e restaurativas neste campo.

As dificuldades encontradas por outros pesquisadores na aplicação e na avaliação de programas de treinamentos de habilidades sociais e de desenvolvimento de práticas parentais de mães de menores infratores justifica a relevância acadêmica deste estudo.

Este estudo tem como hipóteses que o treinamento de habilidades sociais e de práticas parentais pode contribuir para redução de práticas parentais negativas, aprimorar o relacionamento das mães com os filhos, promovendo práticas educativas

que inibam comportamentos de risco e promover redução nos níveis de ansiedade e depressão nas participantes.

O objetivo geral desta pesquisa foi avaliar os resultados de uma intervenção com mães de adolescentes infratores. Os objetivos específicos desta pesquisa foram: Identificar as práticas negativas e positivas utilizadas pelas mães dos adolescentes infratores na educação de seus filhos; treinar habilidades de comunicação para o aprimoramento das práticas parentais.

1.1. Práticas parentais e o comportamento infrator

A família é responsável pela socialização da criança nas primeiras fases do desenvolvimento e é determinante para o desenvolvimento da segurança, do ensinamento dos valores e normas sociais (Neiva, 2015; Silva, 2016).

A literatura apresenta estudos que descrevem as características de famílias de adolescentes infratores, e dentre estas famílias, muitas são monoparentais, tem a mãe como o adulto responsável, com baixa escolaridade e renda familiar precária (Nardi & Dell'Aglio, 2012; Patterson, Reid & Dishion, 1992; Pereira & Sudbrack, 2008).

Os modelos de pai e mãe exercem forte influência na aprendizagem de comportamentos antissociais e infratores. Ambientes pobres em afetividade, práticas disciplinares muito rígidas ou escassas, monitoramento pobre, modelos parentais inadequados e envolvimento de familiares com a criminalidade potencializam os fatores de risco para o aprendizado do comportamento antissocial e infrator (Gomide, 2006; Patterson, Reid & Dishion, 1992).

Segundo Prust e Gomide (2007), é no lar que se aprendem os repertórios comportamentais básicos, desta forma, pais sensíveis, responsivos e pró-sociais,

exercem forte influência comportamental, pois também são a maior fonte de reforçamento e modelo para os filhos.

Por outro lado, Bolsoni-Silva e Dell Prette (2003), identificaram várias razões associadas ao comportamento antissocial dos filhos: características da família de origem, fatores internalizantes (depressão, irritabilidade), pais antissociais, prática parental coercitiva e baixo nível de instrução, problemas socioeconômicos e interpessoais, conflito conjugal, interação dos pais com a criança (práticas parentais negativas e baixo nível de habilidades sociais), características da criança (hiperatividade, impulsividade, fracasso escolar e habilidades sociais reduzidas) e características da comunidade (problemas escolares com alunos e professores).

Essa variedade de fatores estressantes pode estar presentes em famílias desorganizadas, porém as maiores perturbações estão na nas práticas de manejo familiar. Pais com baixa capacidade de manejo, lidam com estresse elevado e prolongado acarretando consequências negativas elevadas na condução da administração familiar (Patterson, Reid & Dishion, 1992).

Alguns fatores contribuem para o ajustamento dos membros familiares: a comunicação referente a comportamentos verbais e não verbais, as regras familiares determinadas na interação entre pais e crianças em situações disciplinares (Ingberman, 2001).

O estilo parental pode ser definido como um conjunto de práticas educativas parentais com o intuito de socializar, educar e controlar o comportamento dos filhos. As práticas educativas parentais são estratégias específicas, utilizadas pelos pais para orientar e o comportamento dos filhos em diferentes contextos (Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002).

O modelo de práticas educativas de Gomide (2006) é baseado em sete práticas educativas duas positivas e cinco negativas. As práticas positivas são monitoria positiva e comportamento moral que facilitam a aprendizagem de comportamentos prossociais.

As práticas negativas que favorecem a aquisição de comportamentos antissociais são o abuso físico, a negligência, a disciplina relaxada, punição inconsistente, disciplina relaxada e a monitoria negativa, também conhecida por supervisão estressante. Com base neste modelo a autora desenvolveu o Inventário de Estilos Parentais – IEP (2006), onde se pode avaliar, o índice de estilo parental praticado pelos pais, e identificar práticas negativas e positivas utilizadas pelos cuidadores, como também indicar possíveis tratamentos ou orientações.

O apoio dos pais está correlacionado à sensação de segurança e bem estar das crianças. Pais que apresentam comportamento pró-social aparente motivam a criança a prestar atenção em vítimas de danos ou tragédias (Hoffman, 1975). O comportamento agressivo dos pais influencia o comportamento agressivo das crianças, mas não é determinante, pois irmãos que são submetidos ao mesmo contexto respondem de formas diferentes, desenvolvendo ou não comportamentos agressivos de acordo com a interpretação que fazem dos comportamentos dos pais (Eron, 1997).

Para o aprendizado da moralidade é necessário um ambiente genuíno de calor e afetividade e que uma das melhores maneiras de se ensinar é pelo exemplo. Seguindo esta linha de raciocínio, para a prevenção de comportamentos antissociais deve-se atuar junto à família, orientando e treinando pais, cuidadores e até educadores em relação às práticas educativas (Kellerman, 2002).

Pais com elevados níveis de comportamento moral são aqueles que têm habilidades sociais, senso de justiça e empatia. Estas habilidades favorecem á

aprendizagem de comportamentos como falar a verdade, não trapacear e não agredir o outro (Gomide, 2010; Nucci, 2000).

O comportamento antissocial de adolescentes está associado às práticas educativas parentais inadequadas. A literatura destaca inúmeras variáveis relacionadas ao desenvolvimento de comportamento antissocial em função das práticas educativas paternas e maternas. Diversos estudos apontam a participação da família na aprendizagem de comportamentos antissociais e infratores. A influência de pais, avós, tios, primos e irmãos, podem ser determinantes para a aprendizagem destes comportamentos, eles podem ser naturais e rotineiros, pois fazem parte da cultura da família. (Feldman 1977, Gomide 2006, Kazdin & Buella – Casal 2001, Pacheco & Hultz, 2009).

O envolvimento de familiares com atos infratores pode ser visto como um forte preditor de posterior comportamento infrator, familiares com histórico infracional oferecem um modelo de conduta antissocial às crianças e adolescentes. Uma pesquisa intergeracional na Holanda constatou que 7,2% das mães e 18% dos pais de adolescentes infratores tinham histórico de prisão e estas estavam correlacionadas com problemas de prisões dos avós. Foram apontados outros fatores como violência entre parceiros íntimos, abuso infantil e violência familiar como preditores do comportamento infantil (Junger et. al. , 2013).

Segundo Patterson, Reid e Dishion (1992), a aprendizagem de padrões de comportamento antissociais começa em casa com a incompetência dos pais em relação a questões disciplinares, que consequentemente produzem um aumento de comportamentos coercitivos entre a criança e o adulto. Os mesmos autores apontam que o comportamento coercitivo entra em escalada nesta interação entre pais e filhos, comprometendo cada vez mais o desenvolvimento social da criança. Correlacionam o

início precoce dos comportamentos antissociais de um indivíduo, com uma maior probabilidade de participação em crimes, de apresentar comportamentos delinquentes e do indivíduo tornar-se um infrator crônico.

O comportamento antissocial pode ser aprendido por imitação e descrevem a aquisição do comportamento antissocial dividindo-o em quatro estágios com características bem definidas. O primeiro caracteriza-se pelos pais antissociais, avós inábeis, fatores estressantes no lar e o temperamento da criança e o uso de drogas pelo pai ou mãe, disciplina e monitoramento pobres e criança antissocial. No segundo estágio aparece a rejeição pelos pais e grupos, desempenho escolar fraco e humor deprimido. O terceiro estágio é determinado pelo uso de drogas, participação de grupos desviantes e delinquência. No quarto e último estágio a institucionalização, trajetória de emprego caótica e casamentos desfeitos são as principais características (Patterson, Reid & Dishion, 1992).

O comportamento antissocial é caracterizado pela indiferença e violação dos direitos dos outros, pela quebra de regras sociais e não obediência às leis. A busca de satisfação, prazer ou benefícios desprezando as consequências negativas que podem prejudicar o outro, também são características do comportamento antissocial (Kazdin & Buela-Casal, 2001).

Em crianças com dois anos de idade já se pode identificar comportamentos antissociais. Estas crianças geralmente costumam quebrar objetos, são impulsivas, inadequadas e impacientes, são vistas de forma geral como crianças de temperamento forte. Esse padrão de comportamento costuma causar prejuízo social em crianças e adolescentes, acarretando problemas na socialização escolar, desempenho acadêmico, convivência com seus pares e na relação familiar (Patterson, Reid & Dishion, 1992).

A manutenção destes sintomas associados ao isolamento de grupos de iguais costuma serem critérios para o diagnóstico de Transtorno de Conduta, que se caracteriza por um padrão repetitivo e persistente de comportamentos associados à violação dos direitos básicos dos outros, das regras sociais apropriadas à idade. Estes comportamentos são divididos em quatro categorias: agressão a pessoas e animais, destruição de propriedade, fraude ou roubo ou grave violação a regras (Rocha, 2012; American Psychiatric Association, 2014).

Na interação com o meio social, podem-se perceber como determinados comportamentos interferem no ambiente alterando-o de forma significativa. Estes comportamentos podem ser representados por mentira, furto, vandalismo, desobediência, piromania, brigas entre outros. Estes comportamentos são caracterizados como externalizantes agressivos e indicam também impulsividade, irresponsabilidade, ausência de remorso e déficit em habilidades sociais. Os comportamentos internalizantes são caracterizados por queixas somáticas, depressão, ansiedade e medo (Bolsoni-Silva & Dell Prette, 2003; Bolsoni-Silva & Maturano, 2007; Gomide, 2010).

Dell Prette e Del Prette (2001), enfatizam a importância do processo de interação do indivíduo com outras pessoas no desenvolvimento de sua sociabilidade. A percepção do indivíduo a respeito de um acontecimento está associada a processos de cognição (interpretação), emoção (medo, ansiedade, alegria) e conexão (reação ao ambiente). A capacidade do indivíduo em resolver problemas é determinada pelos processos cognitivo, afetivo e comportamental. A aquisição de estímulos antissociais pode estar relacionada com o grupo no qual o indivíduo está inserido e com o que é esperado dele em seu ambiente social.

Estudos apontam indícios significativos da correlação de determinadas características do ambiente familiar com comportamentos antissociais e problemas

infracionais com jovens. Estas pesquisas mostram que famílias com características comportamentais muito severas e inconsistentes, com baixo nível de envolvimento positivo com a criança e monitoramento pobre favorecem o surgimento de condutas antissociais (Gallo & Williams, 2005; Patterson, 2002; Webster-Stratton & Hammond, 1997).

A ausência de monitoramento das atividades dos filhos, baixos níveis de afeto intrafamiliar, associação com pares desviantes, elevada tolerância à infrações, déficit de comportamento moral e histórico infracional são importantes fatores de risco para o comportamento infracional (Gallo & Williams, 2005; Gomide, 2006).

Outro fator que aumenta a vulnerabilidade da criança na aprendizagem de comportamentos antissociais está relacionado à condição econômica da família. Viver em situação de pobreza facilita as condições de aprendizagem do comportamento antissocial, fatores que corroboram com esta condição são as técnicas de disciplina inadequadas, ausência de monitoria positiva e do reforço positivo e falta de rede de apoio (Patterson, Reid & Dishion 1992; Patterson, 2002). O desemprego, famílias superpopulosas, condições precárias de moradias, escolas de baixa qualidade são fatores que favorecem o aprendizado de comportamentos infratores e antissociais. (Bolsoni – Silva & Dell Prette, 2003; Kazdin e Buella–Casal, 2001; Nardi & Dell’Aglia, 2012).

Pesquisas apontam a alta correlação de comportamentos infracionais associada a famílias monoparentais conduzidas pela mãe. Esta condição exige da mãe ser o único adulto cuidador acarretando um acúmulo de responsabilidades. Nestes casos a ausência dos pais está relacionada muitas vezes com o abandono ou prisão (Branco, Wagner & Demarchi, 2008; Fiorelli & Mangini, 2015).

Galo e Williams (2005) realizaram uma pesquisa utilizando 123 prontuários de adolescentes infratores, tendo encontrado uma significativa frequência de famílias

monoparentais. Segundo estes autores a mulher fica sobrecarregada nestas condições ao cuidar financeiramente da casa e dos filhos, em função das ausências paternas. Outra característica encontrada pelos autores foi um padrão de permissividade da mãe em relação aos crimes, ou seja, os filhos não se responsabilizam pelos seus atos e elas minimizam a gravidade destes. Esta situação torna-se ainda mais crítica se outros fatores relacionados à mãe estiverem presentes como baixa escolaridade, pouca qualificação profissional e falta ou pouca rede de apoio.

Em pesquisa realizada na FASE – RS com adolescentes infratores identificou-se que, a maioria das famílias monoparentais tinha a mãe como responsável (Branco, Wagner & Demarchi, 2008). Em pesquisa comparativa de diferentes variáveis de adolescentes infratores do Brasil e Canadá, identificou-se que 90% das mães dos adolescentes infratores brasileiros possuíam no máximo o ensino fundamental (Gallo & Williams, 2005). Pais com baixa escolaridade possuem mais dificuldades para incentivar o estudo dos filhos e utilizar práticas educativas mais adequadas (Brancalhone & Williams 2003; Patterson, Reid & Dishion, 1992).

Pesquisa realizada por Pereira e Sudbrack (2008), em Brasília com 29 adolescentes infratores entrevistados, identificou no discurso deles, forte identificação com a mãe como figura protetiva. Outra característica encontrada foi a lealdade e proteção em relação à mãe, assim como da mãe em relação à sua situação do filho com a justiça. Nos relatos verbais dos adolescentes, foi constatado que para ter acesso às drogas os participantes fazem o que for necessário, inclusive cometer atos infracionais.

As drogas com maior impacto em relação à abstinência como o crack e a merla estão mais associadas com a necessidade de se cometer um delito (Pereira & Sudbrack, 2008). A vulnerabilidade dos adolescentes infratores está relacionada a fatores como a falta de amparo social, exclusão social, pobreza, violência e ausência de figura paterna e

materna. Condições de vida precárias associadas com a baixa renda familiar forçam crianças e adolescentes a iniciar precocemente no trabalho (Gomide, 1998; Feijó & Assis, 2004).

De acordo com Patterson, Reid e Dishion (1992, p. 60) “O monitoramento parental e a disciplina podem ser entendidos como o “preto básico”; ele é simples elegante e parece apropriado para mais de uma ocasião”. Segundo os autores, quanto maior a quantidade de tempo sem supervisão maior o risco de meninos com idade entre dez e nove anos envolverem-se em atividades antissociais. Na adolescência o tempo com os amigos costuma aumentar e consequentemente o risco de entrar em contato ou pertencer a um grupo desviante aumenta consideravelmente.

A literatura descreve a importância de programas de orientação e prevenção para pais como forma de melhorar suas habilidades de manejo familiar (Gomide, 2004, 2006, 2010; Patterson, Reid & Dishion, 1992). Como a família pode ser considerada o sistema que mais influencia o desenvolvimento do indivíduo, os programas de intervenção familiares ou com pais podem ser vistos como a principal ferramenta para prevenção e redução de comportamentos inadequados ou antissociais (Reid, Webster-Stratton & Beuchaine, 2001).

O perfil das famílias de adolescentes em conflito com a lei foi investigado por Pedrebom e Giongo (2015), em uma revisão sistemática de literatura. As autoras identificaram que em relação às medidas de proteção os adolescentes tornam-se vulneráveis devido à fiscalização esporádica. Este fator contribui para a identificação do adolescente com uma imagem associada apenas à delinquência, contribuindo para que a desproteção torne-se infração. As autoras ainda destacaram a forma como o relatório enviado ao juiz é produzido. Também referem que estudos indicaram que em certos casos não são levados em consideração questões familiares, realidade socioeconômica, a

fase de desenvolvimento do indivíduo e as motivações da história de vida do adolescente.

Os estudos indicam que adolescentes infratores possuem dificuldades em se abrir com pais e familiares assim como pedir ajuda. De forma geral estas famílias possuem como características problemas de comunicação, elevado nível de conflitos, relacionamentos insatisfatórios. A figura paterna em geral é distante ou ausente e as mães foram descritas com dificuldades em exercer a autoridade e permissivas em relação ao comportamento transgressor dos filhos (Pedrebom & Giongo, 2015).

Entre as práticas educativas o comportamento moral pode ser entendido como a transmissão das normas e valores pelo modelo oferecido pelos pais. O desenvolvimento do comportamento moral ocorre pelo ensinamento das virtudes. Para que ocorra essa aprendizagem é preciso que experiências e modelos positivos fornecidos por pais, professores ou cuidadores sejam adequados e constantes (Comte-Sponville, 2000; Gomide, 2006; Weber & Gomide, 2004).

O comportamento moral do ponto de vista da análise do comportamento é visto como um comportamento como outro qualquer, ou seja, é um comportamento operante estabelecido e mantido pelas contingências de reforçamento no ambiente, especialmente pelas comunidades sociais. Os comportamentos pró-sociais ou morais são: ajudar, cooperar, compartilhar e ter empatia. Estilos parentais podem favorecer o comportamento pró-social, fundamentado em virtudes, ética e na moralidade. (Gomide, 2010; Schlinger, 1995).

1.2. Estratégias em grupo: treinamento de práticas parentais

As intervenções com familiares são uma das formas de prevenção e intervenção em relação ao tratamento de crianças e adolescentes com problemas de comportamento. Quando se trabalha com pais de adolescentes em conflito com a lei, busca-se em geral aumentar a habilidade parental na aplicação de limites, discriminar fatores de risco e manifestação de afeto.

Um exemplo deste tipo de intervenção foi o programa de intervenção desenvolvido por Berri (2004), baseado nas práticas parentais de monitoria positiva e abuso físico. Participaram deste grupo 5 mães de adolescentes infratores, e o programa desenvolveu-se em 8 sessões. Neste estudo, constatou-se melhora significativa em duas das participantes, devido às novas formas de lidar com problemas de comportamento. Outra mãe relatou discriminar melhor os sentimentos e outras duas não demonstram mudança de comportamento.

Outro exemplo de intervenção é o de Galo e Willians (2010), com 10 mães de adolescentes em conflito com a lei, em 6 sessões foram trabalhados o manejo do estresse, técnica de relaxamento, práticas parentais, análise de contingências, importância dos limites e o uso da disciplina. Nesta pesquisa apenas quatro mães concluíram o programa. Em relação aos resultados os autores referem melhora da autoestima e no bem estar social. Em relação aos escores do IEP houve um leve aumento nas categorias positivas e uma redução mais acentuada nas negativas.

Uma pesquisa realizada por Toledo e Coser (2015), com pais de adolescentes não infratores, avaliou um treinamento com foco em conceitos comportamentais e práticas parentais em 8 sessões. Participaram 8 famílias, divididas em 4 famílias no grupo experimental e 4 famílias no grupo controle. Foram abordados os temas: a

importância do reforço positivo, monitoramento positivo, comportamento moral, manifestação de afeto, dar ordens, uso de regras, conversa sobre drogas e sexualidade. Os pesquisadores referem que durante o programa percebeu-se alteração na percepção dos pais em relação à punição física, a dificuldade em conversar com os filhos de forma não invasiva, limitações em relação a execução das tarefas pelos pais. Os resultados apontaram mudança positiva no comportamento dos pais e estes foram confirmados pelos filhos na pesquisa (Toledo & Coser, 2015).

O comportamento dos filhos pode exigir dos pais um repertório de práticas educativas mais elaboradas. Um estudo piloto de treinamento de pais com 11 meninos de 3 a 11 anos diagnosticadas com Transtorno Desafiador de Oposição (TDO), mostrou-se eficaz na redução dos sintomas de (TDO). Em 10 sessões os pais receberam instruções em relação às características de seus comportamentos e das crianças, na melhora da qualidade do tempo e atenção com os filhos, melhora da obediência, *time-out* e técnicas para manejo do comportamento das criança em locais públicos (Serra-Pinheiro, Guimarães e Serrano, 2005).

A maioria dos treinamentos com pais desenvolve procedimentos fundamentados em atividades de grupo da Terapia Cognitivo- Comportamental (Bieling, McCabe e Antony, 2008; White & Freeman 2003; Reinecke, Dattilio & Freeman 1999; Pettersen, Wainer & col., 2009; Caballo, 2012) e Terapia Analítico Comportamental (Leonardi, Borges & Cassas, 2012; Delliti & Derdyk, 2008).

Alguns modelos de treinamento com pais dão ênfase na capacitação em Habilidades Sociais. As habilidades sociais podem ser definidas como classes de comportamentos sociais que contribuem para a competência social, que pode ser entendida como comportamentos bem sucedidos no ambiente social. Como características funcionais esses comportamentos apresentam (atingir o objetivo,

melhorar ou manter a autoestima, manter ou melhorar a relações, equilíbrio entre ganhos e perdas no relacionamento, respeitar e ampliar os direitos humanos básicos (Bolsoni – Silva, 2007; Dell Prette & Dell Prette, 2001).

As habilidades sociais são desenvolvidas inicialmente nas relações interpessoais com a família e os pais (Arón & Milicic, 1994). Por meio de interações sociais do cotidiano, as habilidades sociais e a competência social são desenvolvidas de forma natural. Nesse processo as práticas educativas dos pais e da família e o relacionamento com professores e colegas na escola são os principais contextos para uma aprendizagem adequada (Dell Prette, Dell Prette & Rocha, 2011).

Um programa completo de THS deve abranger habilidades cognitivas, emocionais, verbais e deve ter como foco o desempenho em situações cotidianas da vida, no ensino de estratégias e habilidades interpessoais e melhorar a competência individual e interpessoal em diferentes e específicas situações sociais (Caballo, 1997). Segundo o mesmo autor, os quatro componentes de um THS são a) o treinamento em habilidades: com a utilização de procedimentos de instruções, ensaio comportamental, modelação e reforçamento baseando-se na teoria da aprendizagem social; b) redução de ansiedade: a aquisição de novos comportamentos mais adaptativos ou incompatíveis com a ansiedade; c) reestruturação cognitiva: mudar valores, crenças e cognições do indivíduo; d) treinamento em solução de problemas; ensinar o indivíduo à perceber de forma adequada os valores, processar e gerar respostas potenciais de acordo com o objetivo. Entre as técnicas de reestruturação cognitiva mais utilizadas destacam-se a terapia racional emotiva, resolução de problemas, parada de pensamento, modelação encoberta e instruções (Del Prette & Del Prette, 1999).

Quando ocorre uma falha nessa aprendizagem estas habilidades podem ser aprendidas em programas específicos de treinamento, com intervenções, procedimentos

e técnicas geralmente avaliados e analisados por meio de pesquisas com delineamento experimental ou quase experimental (Dell Prette, Dell Prette & Rocha, 2011). Os programas de Treinamento em Habilidades Sociais (THS) podem ser definidos como:

[...] um conjunto de atividades planejadas que estruturam processos de aprendizagem, mediados e conduzidos por um terapeuta ou coordenador, visando a: (a) ampliar a frequência e/ou melhorar a proficiência de habilidades sociais já aprendidas, mas deficitárias; (b) ensinar habilidades novas significativas; (c) diminuir ou extinguir comportamentos concorrentes com tais habilidades” (Dell Prette & Dell Prette 2010, p. 128).

Um grupo de THS visa auxiliar os participantes a interagirem melhor uns com os outros, aprimorar a comunicação, a empatia, a compreensão dos sentimentos dos outros e conseqüentemente melhorar a satisfação nas interações sociais. As habilidades sociais podem ser aprendidas e desenvolvidas em situações de grupo, assim torna-se necessário o indivíduo experienciar determinadas situações no contexto relativamente protegido do grupo para depois enfrentar os desafios do cotidiano. (Falcone & Rangé, 1998; Falcone, 2000).

Um modelo de intervenção que descreve muito bem aplicação das habilidades sociais com pais é o de (Bolsoni-Silva, 2007). São trabalhados nesse modelo habilidades sociais de comunicação, expressão de sentimento positivo, direitos humanos básicos, identificação do comportamento habilidoso, expressão de sentimento positivo, recusar pedidos, lidar com críticas e a influência do relacionamento conjugal na interação com os filhos. Em cada sessão os pais recebem que são discutidas no próximo encontro. Os resultados deste modelo sinalizam aumento das habilidades sociais educativas, melhora nos problemas externalizantes das crianças e generalização dos comportamentos aprendidos para outros contextos.

2. OBJETIVOS

2.1.Objetivo Geral

Avaliar os resultados de uma intervenção com mães de adolescentes infratores.

2.2.Objetivos Específicos

Identificar as práticas negativas e positivas utilizadas pelas mães dos adolescentes

infratores na educação de seus filhos;

Treinar habilidades de comunicação para o aprimoramento das práticas parentais.

3. MÉTODO

O método para o desenvolvimento da pesquisa foi um estudo de campo com intervenção, de delineamento quase experimental.

3.1. Participantes:

Os participantes desta pesquisa foram mães de adolescentes que estavam cumprindo medida socioeducativa de internação em um CENSE – Centro de Socioeducação - de um município de médio porte do Sul do Brasil.

A amostra foi composta por quatro mães com idades entre 35 e 58 anos, com média de 44,2 anos.

Os atos infracionais cometidos pelos adolescentes foram homicídios, latrocínio, tráfico de drogas e roubo (Tabela 1).

Tabela 1.
Caracterização da amostra.

Particip.	Idade	Cor da pele	Sexo	Est. Civil	Escolaridade	Profissão	Ato infracional do adolescente
P1	35	Parda	F	Separada	Fundamental incompleto	Diarista	Latrocínio
P 2	58	Parda	F	Casada	Fundamental incompleto	Do lar	Homicídio
P 3	44	Parda	F	Viúva	Fundamental incompleto	Salgadeira	Homicídio
P 4	40	Parda	F	Separada	Fundamental incompleto	Do lar	Tráfico de drogas e roubo

3.2.Percurso amostral:

Inicialmente, para a composição da amostra o pesquisador apresentava-se aos familiares e adolescentes, explicava os objetivos do programa, perguntava os dados pessoais, quais os melhores dias e horários para a participação no programa. O objetivo desta estratégia era iniciar um vínculo, identificar no grupo mães e familiares com disponibilidades de horários semelhantes, assim como registrar os dados obtidos na ficha de cadastro de participantes da pesquisa.

Para a seleção dos participantes da pesquisa foram realizadas 32 entrevistas no mês de março de 2016, sendo seis com a díade pai e mãe, três somente com o pai, sete somente com a mãe, oito com a díade mãe e irmão(a), uma com o pai e irmã, quatro com a mãe e a namorada, uma com o irmão, duas com namorada e duas com a avó.

Em seguida, o pesquisador entrava em contato telefônico com estas famílias para marcar dia e horário para iniciarem o grupo. Percebeu-se a falta de disponibilidade e interesse dos familiares entrevistados, muitos não atendiam ao telefone, apresentaram incompatibilidade de horários de trabalho com os disponíveis pela instituição para o desenvolvimento do programa, ou então não tinham condição para participar por residirem em outros municípios. Os critérios para escolha dos participantes da pesquisa foram: ter mais de 18 anos, ser pai, mãe ou responsável pelo adolescente, disponibilidade de tempo para participar dos encontros, interesse em aprender e aprimorar habilidades em práticas parentais, aceitar responder os instrumentos de avaliação da pesquisa e assinar o termo de consentimento livre esclarecido. Devido à baixa renda familiar das famílias e para reforçar a adesão ao programa ofereceu-se às participantes, ajuda de custo para o transporte e um kit alimentação para cada encontro, composto por três alimentos não perecíveis. O pesquisador realizava ligações nas

quintas-feiras para todas as participantes para reforçar o vínculo e avisar o dia e horário das sessões.

Das 32 famílias abordadas, apenas cinco familiares (mães) participaram do programa, P1, P2, P3 e P4 eram mães de adolescentes cumprindo medida socioeducativa em regime fechado, foram realizadas entrevistas com estas mães para a aplicação dos instrumentos IEP Auto avaliação, ASR (18-59), anos, HIF e do TCLE, duração média desta entrevista foi de uma hora e quarenta e cinco minutos. P5 participou de apenas duas sessões (2 e 3) e seus resultados não foram utilizados na pesquisa. P5 demonstrou certa confusão na compreensão dos assuntos, limitação cognitiva e pouco interesse nas atividades. Duas semanas após as entrevistas iniciou-se o programa com 12 encontros.

3.3.Local:

O programa foi desenvolvido em uma sala de um CENSE de um município de médio porte do sul do Brasil.

3.4.Instrumentos:

Foram utilizados três instrumentos para caracterização da amostra. Utilizou-se o questionário de Histórico Familiar Infracional - HIP, (Gomide, não publicado) e dois instrumentos para avaliação do programa: Inventário de Estilos Parentais - IEP (Gomide, 2006) e Inventário de auto avaliação para adultos 18 a 59 anos ASR (Achenbach & Rescorla, 2001).

O Histórico Infracional de Familiares HIP consiste num questionário desenvolvido por Gomide (não publicado), possui o objetivo de levantar informações

sobre infrações cometidas pelo respondente e seus familiares. Neste questionário são investigadas 16 formas de infração; furto / roubo, assalto, homicídio, porte ilegal de arma, tráfico de drogas, porte de arma, dirigir sem habilitação, dirigir embriagado, compra / venda de veículo roubado, vandalismo, violência doméstica, lesão corporal, não pagamento de pensão, prostituição, sequestro e se já esteve preso. Os familiares avaliados são; adolescente, pai, mãe, madrasta, padrasto, irmãos, avô, avó, tios, primos. Cada infração assinalada será contabilizada com um ponto. O total do HIF corresponde à somatória dos pontos de cada membro familiar para cada infração.

O Inventário de Estilos Parentais - IEP (Gomide, 2006), é um instrumento de auto avaliação, composto por 42 questões que abordam sete práticas educativas, duas positivas: monitoria positiva e comportamento moral e cinco práticas educativas negativas: punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico. As afirmativas são respondidas em uma escala de *likert* de três pontos (sempre, às vezes e nunca) que correspondem aos valores 2, 1 e 0 respectivamente para cada questão. O IEP (índice de estilo parental) é obtido somando-se as práticas educativas positivas e subtraindo das negativas. O IEP possui crivo próprio para correção, nestes, soma-se as práticas positivas e as negativas, calcula-se a diferença entre elas para obtenção do valor que varia de -60 a +24 correspondente ao estilo parental de cada participante. Cada prática educativa, recebe uma pontuação que varia de 12 a 0. Com o resultado identifica-se a pontuação de cada prática educativa e classifica-se o estilo parental em quatro categorias, estilo parental ótimo, estilo parental bom, estilo parental médio e estilo parental de risco.

O Inventário de auto avaliação para adultos 18 a 59 anos - ASR (Achenbach & Rescorla, 2001), é um inventário de auto avaliação que permite verificar diferentes aspectos do funcionamento adaptativos de adultos com idade entre 18 a 59 anos. Este

inventário permite identificar problemas comportamentais, emocionais, transtornos mais frequentes, informações prévias sobre o indivíduo, através do seu próprio ponto de vista. O instrumento faz parte do software ADM 7.0 (Software Assessment Data Manager) desenvolvido por Achenbach & Rescorla, (2001). Contém três partes: a primeira refere-se ao funcionamento adaptativo, dividido em escalas de amigos, à esposa (o) ou companheira (o), à família, ao trabalho e à educação, nesta parte o participante avalia a qualidade de seus relacionamentos; a segunda parte identifica e mensura problemas de comportamento, na escala de internalização, investiga-se ansiedade / depressão, retraimento e queixas somáticas, na escala de externalização problemas de atenção, comportamento agressivo, violação de regras, comportamento intrusivo e problemas de pensamento; a terceira parte refere-se ao abuso de substâncias. As afirmativas são respondidas em uma escala *likert* de 0 (não verdadeira), 1 (um pouco verdadeira ou algumas vezes verdadeira), e 2 (muito verdadeira ou frequentemente verdadeira). Os participantes foram instruídos a responder as questões, levando em consideração os últimos seis meses anteriores à aplicação do instrumento. O ASR é analisado a partir de um programa derivado do Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado de Achenbach & Rescorla (2001), que faz parte de um software ADM 7.0 este fornece a soma dos escores brutos e ponderados derivados da soma da pontuação fornecida para cada um dos itens que compõem a escala. São transformados em escores T (≥ 60) classificando o sujeito em: faixa normal, limítrofe ou clínica (Bordin, Rocha, Paula, Teixeira, Achenbach, Rescorla, & Silveiras 2013).

3.5.Procedimentos éticos:

Foi apresentada a proposta da pesquisa e solicitada a autorização para sua realização aos órgãos responsáveis pelo CENSE, e esta foi aceita.

Em seguida o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética que o aprovou sob o CAAE: 39340114.2.0000.0103.

Para a realização desta pesquisa, as participantes foram orientadas a respeito do teor da pesquisa, sobre os objetivos, funcionamento do programa e seus benefícios e orientadas que teriam a liberdade de desistir de participar caso sentissem algum desconforto emocional durante a participação.

Foi solicitado que as participantes que se dispusessem a participar assinassem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE

3.6.Procedimentos:

O pesquisador solicitou autorização do diretor do CENSE para entrar em contato com os pais dos adolescentes para convidá-los a participarem da pesquisa. Estes contatos ocorreram nos dias de visita dos familiares no CENSE (sábados pela manhã e à tarde). Na entrevista, as participantes que aceitaram o convite para participar do programa assinaram o TCLE e informaram os melhores dias e horários para a participação. Nessa entrevista o pesquisador informava os familiares que para a participação do programa eles receberiam ajuda de custo em relação às passagens de ônibus, auxílio alimentação com um kit de 3 alimentos não perecíveis por encontro e seria oferecido café e biscoitos nos encontros.

O Pré-teste foi realizado nas duas semanas que antecederam o início do programa. Foram aplicados os instrumentos; IEP Auto avaliação, ASR (18-59) anos e Histórico Infracional de familiares (Gomide, não publicado).

O programa de Intervenção em Práticas Educativas Parentais e Habilidades Sociais para mães foi realizado em doze encontros de uma hora e trinta minutos de duração cada encontro, em encontros realizados com periodicidade semanal.

Os encontros foram realizados com temas específicos que foram trabalhados, conforme o conteúdo programático elaborado. (Tabela 2) (Tabela 3) (Tabela 4).

Tabela 2.

Conteúdo preprogramático dos encontros.

Atividade	Objetivos	Técnicas	Referências
Sessão 1. Integração do grupo	Acolher as participantes, apresentar os participantes, estabelecer as regras e funcionamento do grupo fortalecer o vínculo entre os participantes.	Minha bandeira pessoal (adaptação).	Serrão, M., & Baleeiro, M. C. (1999). <i>Aprendendo a ser e a conviver</i> . FTD.
Sessão 2. Escolarização	Valorizar a importância da escolarização como uma das formas de prevenção ao comportamento antissocial e à delinquência. Elaborar uma linha do tempo da escolaridade das mães, e dos filhos. Identificar na linha do tempo escolar o início do comportamento antissocial e dos atos infracionais.	Linha da vida (adaptação).	Rosset, S.M. (2004). 123 Técnicas de psicoterapia relacional sistêmica.
Sessão3. Características pessoais e positivas dos pais e do filho	Identificar diferenças e semelhanças nas características pessoais e comportamentais entre pais, mães e filhos. Refletir sobre o ambiente familiar e a influência do pai e mãe no cotidiano do filho. Identificar e aprimorar comportamentos inadequados ou negativos	Cartaz das características positivas e negativas de pais e filhos. Desenvolvida pelo pesquisador	
Sessão 4. Manifestação do afeto	Identificar as diversas formas de se manifestar o afeto. Aprimorar a comunicação com os filhos. Refletir sobre as características pessoais que podem interferir e ou potencializar a qualidade da manifestação do afeto.	Ensaio comportamental	Marinho, M. L., & Caballo, V. E. (2002). Comportamento anti-social infantil e seu impacto para a competência social. <i>Psicologia, saúde & doenças</i> , 3(2), 141-147.

Tabela 3.

Conteúdo preprogramático dos encontros (cont.).

Atividade	Objetivos	Técnicas	Referências
Sessão 5. Comunicação e Polidez	Aprimorar a comunicação com foco na assertividade. Identificar e treinar os comportamentos de polidez ou boas maneiras, correlacionando-os com os benefícios no convívio social.	1. Comunicação assertiva (adaptação). 2. Quadrinhos de falta de polidez (adaptação).	Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). <i>Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo</i> . Ed. Vozes. Gomide, P. I. C. (2010). <i>Comportamento moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes</i> . Curitiba: Juruá.
Sessão 6. Práticas parentais negativas: Abuso físico e negligência	Identificar práticas parentais negativas de abuso e negligência no histórico das participantes e dos pais de seus filhos. Correlacionar as práticas parentais aprendidas na infância com as utilizadas com os filhos. Estimular práticas parentais positivas como monitoria positiva e comportamento moral.	Discussão sobre as práticas parentais abuso físico, negligência e suas consequências	Gomide, P. I. C. (2004). <i>Pais presentes, pais ausentes: regras e limites</i> . Vozes.
Sessão 7. Práticas parentais negativas: monitoria negativa (supervisão estressante), humor instável. Prática parental positiva comportamento moral	Refletir sobre as consequências das práticas parentais negativas de monitoria negativa e humor instável. Identificar e aprimorar comportamentos relacionados à prática parental positiva do comportamento moral.	1. Discussão sobre as práticas parentais negativas monitoria negativa e humor instável e suas consequências. 2. Ensaio comportamental referente ao comportamento moral.	Gomide, P. I. C. (2004). <i>Pais presentes, pais ausentes: regras e limites</i> . Vozes. Marinho, M. L., & Caballo, V. E. (2002). Comportamento anti-social infantil e seu impacto para a competência social. <i>Psicologia, saúde & doenças</i> , 3(2), 141-147.

Tabela 4.

Conteúdo preogramático dos encontros (cont.).

Atividade	Objetivos	Técnicas	Referências
Sessão 8 Práticas parentais: análise funcional 1ª parte	Instruir as participantes na utilização dos conceitos de (A) antecedente, (B) bom comportamento e (C) de consequência.	Orientação referente à aplicação da análise funcional na educação dos filhos.	Kazdin, A. E. (2010) <i>Como educar crianças difíceis: sem remédios terapia ou conflitos</i> . Novo Século. Kazdin, A. E. (2008). <i>Parent management training: Treatment for oppositional, aggressive, and antisocial behavior in children and adolescents</i> . Oxford University Press.
Sessão 9. Práticas parentais: análise funcional 2ª parte	Avaliar a aplicação das orientações durante a semana (tarefa de casa). Aprimorar comportamentos que necessitam de ajustes e reforçar aqueles que estão adequados.	Orientação e treino Método Kazdin ABC.	Kazdin, A. E. (2010) <i>Como educar crianças difíceis: sem remédios terapia ou conflitos</i> . Novo Século. Kazdin, A. E. (2008). <i>Parent management training: Treatment for oppositional, aggressive, and antisocial behavior in children and adolescents</i> . Oxford University Press.
Sessão 10. Autoestima	Reforçar as características positivas das participantes. Aprender mecanismos que auxiliem à lidar de forma positiva com sentimentos negativos.	1. Escuta terapêutica. 2. O melhor de mim (adaptação).	Militão, A., & Militão, R. (1999). <i>SOS dinâmica de grupo</i> . Qualitymark.
Sessão 11. Justiça e Perdão	Discutir dilemas referentes à igualdade e desigualdade.	1. Revisão da tarefa de casa. 2. Parábola do filho pródigo.	Gomide, P. I. C. (2010). <i>Comportamento moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes</i> . Curitiba: Juruá.
Sessão 12. Encerramento e confraternização	Revisar os principais temas abordados. Identificar temas ou estratégias utilizadas durante a intervenção. Refletir sobre o futuro em relação aos filhos, à família e a sociedade. Confraternizar com o grupo e discutir sobre futuros encontros.	Revisão e discussão dos principais temas do programa.	Gomide, P. I. C. (2010). <i>Comportamento moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes</i> . Curitiba: Juruá.

O pós-teste foi realizado uma semana depois do término do programa e o *follow up* 3 meses depois. Em ambos foram aplicados os instrumentos IEP Auto avaliação e ASR (18-59) anos.

Em todas as etapas os instrumentos de avaliação foram aplicados individualmente com as participantes.

A duração média da aplicação destes instrumentos foi de uma hora e cinquenta e quatro minutos.

No pós-teste P1, P2, P3, P4 e no *follow up* P1, P3 e P4 antes de responderem os instrumentos conversaram com o pesquisador sobre a relação com os adolescentes e a utilização dos recursos que aprenderam no programa.

Atividades realizadas. (Figura 1).

Pré-teste	Intervenção	Pós-teste	Follow up
Questionário de HIF ASR IEP	12 sessões	ASR IEP	ASR IEP

Figura 1. Atividades realizadas.

3.7. Análise de dados:

Para a correção do IEP utiliza-se um crivo próprio de correção. A soma dos resultados das práticas positivas é subtraída com a soma das práticas negativas. $IEP = (\text{monitoria positiva} + \text{comportamento moral}) - (\text{punição inconsistente} + \text{negligência} + \text{disciplina relaxada} + \text{monitoria negativa} + \text{abuso físico})$. Com o resultado desta equação corresponde ao estilo parental de cada participante

Os resultados do HIF foram digitados e apresentados em tabelas. Os resultados do ASR foram digitados no IBM SPSS *Statistics 20.0* para comparação dos resultados

de pré-teste, pós-teste e *follow up* por meio do teste de Wilcoxon, que analisa a presença ou ausência de diferenças estatisticamente significativas entre as médias.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados serão apresentados com a descrição do perfil das participantes, com os resultados do Histórico Infracional Familiar (HIF), do IEP e ASR, em pré-teste, pós-teste e *follow-up*. Na sequência serão apresentadas as descrições das sessões, correlacionando-as com a literatura.

4.1. Perfil das participantes

Foram incluídas na amostra apenas as participantes que frequentaram dois terços do programa, (8 sessões), ou seja, quatro mães.

P1, 35 anos trabalha como diarista, estudou até sexta série do ensino fundamental, possuía quatro filhos com idades entre 5 e 19 anos. Separou-se do marido devido às agressões constantes e comportamentos abusivos consequentes do uso de bebida alcoólica e outras drogas. Casou-se muito cedo e por isso parou de estudar. Separou-se do marido quando ele ateou fogo na casa, após uma crise de ciúmes. Logo no primeiro contato com o pesquisador demonstrou interesse em participar do programa, sentia culpa pelo o que aconteceu com seu filho, demonstrava uma ótima relação com os educadores e profissionais da instituição, mostrando-se presente sempre que possível. Em relação ao grupo, a participante apresentou uma postura ativa e de colaboração, muitas vezes auxiliava o terapeuta em exemplos ou explicações de algum assunto e faltou apenas uma vez por motivo de saúde. Demonstrando ser afetiva e ansiosa em relação aos seus filhos. É evangélica, e está em tratamento psiquiátrico devido a um quadro depressivo leve.

Nascida em uma área rural isolada, P2 foi criada pela mãe, seu pai morreu quando tinha quatro anos. Com 58 anos de idade, casada, evangélica, do lar. Casou-se,

com 17 anos, tinha sete filhos com idades entre 17 e 42 anos. Estudou até a 3ª série do ensino fundamental, trabalhou muitos anos como diarista. Relatou ter poucos amigos fora da família, porém como sua família era numerosa e muitos são vizinhos, não sentia-se sozinha. Descreveu uma relação difícil com o marido, marcada por relacionamentos extraconjugais e problemas com o uso de bebida alcoólica. A comunicação entre o casal era muito ruim, pois o marido pouco conversava, apresentando uma postura fria e distante. Ele visitou apenas uma vez o filho na instituição. P2 participou ativamente no grupo, nas primeiras sessões demonstrou timidez, mas com a sequência do programa foi possível perceber a evolução e aperfeiçoamento das habilidades de comunicação, solicitando treinar certas conversas com o uso do ensaio comportamental. Chorou algumas vezes ao ouvir relatos de situações difíceis de outras participantes. Apresentou um estilo de comunicação autoritário e demonstrou ressentimento em relação ao seu marido. P2 tinha problemas cardíacos, estava em tratamento, sofreu um infarto e faleceu 2 semanas antes da realização do *follow up*.

A P3, com 44 anos, estudou até a 3ª série do ensino fundamental, cresceu em uma comunidade rural isolada, casou-se com 16 anos, evangélica possuía quatro filhos com idades entre 18 e 25 anos. Era casada, mas seu marido faleceu durante o programa, apesar da perda continuou participando, sem faltar. Possui uma vida social intensa, ligada a muitas atividades na igreja, era salgadeira e também vendia pão para ajudar a renda familiar. A família tinha um sítio que costumava frequentar nos finais de semana. P3 devido a sua história de vida simples e de lida na roça, aparentava ser muito mais velha, era afetiva ao conversar, e muito tímida. O grupo foi muito importante para ela, pois não tinha hábitos de sair de casa sozinha, e sentiu-se apoiada em relação à perda do marido. Apesar de sua timidez, com poucas palavras conseguia demonstrar afeto e

apoio às participantes quando estas se sensibilizavam com algum assunto ou fato descrito.

Com 42 anos, P4 é separada, estudou até a 4ª série do ensino fundamental, tinha sete filhos com idades entre 16 e 25 anos, evangélica, foi criada pelo pai e irmãs mais velhas, sua mãe morreu quando tinha 3 anos. Morava em uma área rural distante, ela e seus irmãos ajudavam o pai nas atividades da roça e cuidavam da casa. Casou-se com 16 anos, seu marido sempre foi muito agressivo, já foi preso duas vezes por assalto e homicídio, dois de seus filhos também já foram presos por assalto e tráfico de drogas. Mudou-se de cidade algumas vezes devido às prisões de seus filhos. Trabalhou sempre como diarista, atualmente está aposentada em decorrência a seu estado de saúde: é portadora de hanseníase e em decorrência da doença apresentou limitações em algumas atividades devido às mãos atrofiadas. No grupo, apresentou comportamentos distintos, em algumas sessões conversou bastante e participou ativamente, em outras falou pouco e justificou esse comportamento por estar triste ou pensando em problemas, nestas ocasiões o grupo manifestou apoio, percebeu-se que em algumas sessões, seu comportamento se modificou com o apoio das participantes conversando mais, rindo ou brincando. Mesmo com timidez, hanseníase e outros problemas de saúde, faltou apenas a uma sessão. Precisou interromper sua participação na 10ª sessão, em função da transferência de seu filho para o regime semiliberdade, visto que os horários de visita e sessões com o psicólogo eram no mesmo dia e horário das sessões do grupo.

O programa teve início em 27 de maio e terminou em 19 de agosto, ou seja, foi realizado em um período de três meses. As participantes demonstraram interesse e envolvimento com as atividades da intervenção, faltando apenas por motivos de consultas ou exames médicos.

Como pode ser visto na tabela 4, a participação nas 12 sessões foi expressiva, P1 (91,66%), P2 (100%), P3 (83,33%) e P4 (66,66%). (Tabela 4).

Tabela 5.

Presença nas Sessões.

Part.	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	Total
P 1	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	F	C	11
P 2	C	F	C	C	C	C	C	C	F	C	C	C	10
P 3	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	12
P 4	C	C	F	C	C	C	C	C	C	-	-	-	08

4.2.Histórico infracional de familiares

Para melhor caracterizar a amostra foi aplicado o HIF que fornece informações sobre a frequência com que os membros familiares estão ou estiveram envolvidos em atos infracionais. (Tabela 6).

Tabela 6.

Tipos de infração dos familiares das mães.

Participante	Cônjuge	Irmãos	Adolescente	Outros filhos	Sobrinhos	Total
P1	Dirigir sem habilitação Dirigir embriagado Vandalismo Violência doméstica		Homicídio	Furto/ roubo Assalto Dirigir sem habilitação Dirigir embriagado Prostituição		5
P 2			Homicídio			7
P 3		Tráfico de Drogas Porte de drogas	Homicídio		Tráfico de Drogas Porte de drogas	6
P 4	Furto/ roubo Homicídio Dirigir sem habilitação Já foi preso		Assalto Tráfico de drogas	Furto/ roubo Assalto Tráfico de drogas		9
Total	8	2	5	9	3	27

Os resultados apresentados na Tabela 5, apontaram para um maior envolvimento dos pais (8 ocorrências) e outros filhos (9 ocorrências) em atividades criminosas. Irmãos e sobrinhos com duas ocorrências cada. Não foram apontados atos infracionais entre os avôs em nenhuma das famílias estudadas.

Pode-se observar que os crimes variam de leves (dirigir embriagados, sem carteira, não pagar pensão) a crimes graves (homicídio, assalto, tráfico de drogas).

Os resultados do HIF corroboram com estudos que correlacionam o meio familiar em que mulheres chefiam a família utilizando monitoria negativa ou negligência com a disciplina ineficaz (Pettit, Laird, Bates & Criss, 2001).

O modelo Sócio Interacionista proposto por Patterson (et. al, 1992), indica que o meio familiar, com elevados modelos de comportamentos infratores e práticas educativas negativas constituem a base para o desenvolvimento de comportamentos antissociais e infratores dos filhos. Pesquisa com adolescentes em conflito com a lei constatou que sempre existe algum membro da família que cometeu algum tipo de infração (Gallo & Williams, 2005).

Fatores genéticos relacionados ao temperamento podem favorecer à aprendizagem do comportamento antissocial, pais usuários de drogas e envolvidos com a criminalidade oferecem um modelo inadequado de comportamento. Padrões de comportamento são passados de geração para geração por meio da inter geracionalidade (Kazdin & Buela-Casal, 2001).

Famílias de adolescentes infratores podem apresentar um padrão de comportamento passado de geração para geração, como um legado. De acordo com os resultados obtidos no HIF é possível identificar em todas as famílias modelos inadequados de comportamentos e atos infracionais, sendo que em duas famílias o pai era um dos autores. Em alguns casos ocorre a co-participação de familiares no ato

infracional , este é compreendido como algo natural e até mesmo valorizado, faz parte da cultura da família (Cenci, Teixeira & Oliveira, 2014).

4.3.Descrição das sessões da intervenção

Serão descritas a seguir as 12 sessões realizadas com as mães para o aprimoramento das práticas educativas parentais e habilidades sociais.

Primeira sessão: Integração do grupo

Objetivos: Acolher e apresentar as participantes, estabelecer as regras e funcionamento do grupo, fortalecer o vínculo entre os participantes.

Participantes: P1, P2, P3 e P4.

Atividades 1: Apresentação do terapeuta e dos temas importantes em relação ao programa. Explicação das regras do grupo, destacar a importância da pontualidade, assiduidade e sigilo em relação ao grupo.

Atividade 2: Técnica de apresentação; as participantes receberam vários materiais (canetas hidrocor, tesoura, giz de cera, lápis preto, revistas e folhas A4). Cada participante foi instruída a elaborar um cartaz que representasse suas características pessoais (gostos, cultura, espiritualidade, família, etc...). Após a confecção as participantes foram divididas em duplas neste momento cada participante apresentou o seu cartaz para sua companheira de dupla. Concluída esta etapa apresentaram sua companheira de dupla para o grupo. Para auxiliar na atividade o terapeuta também elaborou um cartaz e se apresentou oferecendo um modelo. As participantes realizaram a tarefa sem dificuldades, apenas P4 foi auxiliada pelo terapeuta, devido a sua limitação motora nas mãos. A atividade transcorreu em um clima agradável e participativo.

Relataram o local moravam, o número de filhos, características da família, gostos pessoais etc...

Após as apresentações o terapeuta enfatizou a importância da presença no grupo, da melhoria da situação familiar e dos benefícios que elas poderão alcançar por participarem das sessões. Ao final da sessão o terapeuta solicitou o *feedback* do grupo. Elas relataram que gostaram muito do encontro, por ter sido foi muito agradável naquele momento.

Foi verbalizada pelo terapeuta a importância da família e do papel dos pais em momentos de crise, assim como à valorização do grupo na aprendizagem de novos comportamentos, na educação dos filhos e na formação de novas amizades. Segundo (Leszcz & Yalom 2006) instilar e manter a esperança são cruciais em qualquer psicoterapia, pois ela auxilia na manutenção do paciente no processo terapêutico assim como, fortalece os efeitos outros fatores terapêuticos.

Segunda sessão: Escolarização

Objetivos: Valorizar a importância da escolarização como uma das formas de prevenção ao comportamento antissocial e à delinquência. Elaborar uma linha do tempo da escolaridade das mães, e dos filhos. Identificar na linha do tempo escolar o início do comportamento antissocial e dos atos infracionais.

Participantes: P1, P3 e P4.

Atividade 1: Linha do tempo da Escolaridade: Esta sessão teve início com a apresentação na nova participante e uma breve apresentação do restante do grupo. Na sequência o terapeuta comentou a atividade desenvolvida no encontro anterior. O grupo mostrou-se acolhedor com a nova participante e o clima foi positivo.

As participantes descreveram histórias muito semelhantes de escolarização: P3 e P4 moravam em sítios distantes de escolas quando criança. Outro fator importante citado foi a pouca valorização dos estudos pela família. Relataram que os pais geralmente eram presentes na criação e valorizavam a ajuda dos filhos em tarefas no sítio, em decorrência disto, a inserção na escola foi tardia e o abandono dos estudos ocorreu na terceira ou quarta série.

P1 residia em região urbana e estudou até a sexta série, o principal motivo do abandono escolar foi o início do namoro e posterior casamento, ainda muito nova, com estímulo da família. A escolaridade dos cônjuges foi relatada de forma semelhante: eles também ajudavam a família em trabalhos no campo, todos abandonaram a escola sem completar a quarta série. O ex-marido de P1 residia em área urbana e começou a trabalhar com 14 anos, como auxiliar de pedreiro.

As participantes realizaram uma linha do tempo sobre a escolaridade dos filhos, onde descreveram como era a relação do seu filho com a escola e apontavam possíveis situações que interferiram no comportamento escolar. P1 relatou que seu filho era bom aluno, nunca reprovou de ano até 2014, quando o pai, alcoolista e usuário de drogas, depois de agredir a mãe, ateou fogo na casa. O filho ficou muito abalado com a situação e com raiva do pai, reprovou de ano, perdeu a motivação de estudar e 18 meses depois cometeu o crime, pelo qual foi preso. Segundo P1, seu filho demonstrou um bom rendimento acadêmico no CENSE e cursa o 1º ano do segundo grau.

P3 relatou que seu filho também não tinha dificuldades na escola até 2014, quando começou a andar com certo grupo de amigos, desistiu de completar o ano letivo por dois anos seguidos porque iria reprovar, no segundo ano cometeu o crime pelo qual cumpre pena. O período de tempo entre o declínio do rendimento escolar e a prisão foi de aproximadamente dois anos. Este adolescente cursa hoje a 9ª série.

P4 relatou que precisou fazer muitas mudanças de cidade durante os últimos anos, este fator dificultou a escolaridade de seu filho, muitas vezes tinha dificuldade em encontrar escolas e seu filho chegou a reprovar algumas vezes por esta situação. Segundo esta participante, as dificuldades financeiras da família e do seu filho em encontrar emprego, como também, a situação do pai e do irmão presos em Curitiba, contribuíram para o envolvimento do seu filho no mundo do crime. Segundo a mãe seu filho cursa no CENSE a 6ª série e gosta de estudar, mas por necessidade, passou a valorizar mais o trabalho de auxiliar na construção civil.

Devido às dificuldades de compreensão das mães e distanciamento em relação ao tema, a escolarização foi discutida de maneira simples e objetiva, o terapeuta descreveu a importância da educação na formação das pessoas, mas também, como fator de proteção e prevenção de comportamentos antissociais e da criminalidade. As participantes foram também estimuladas refletir sobre a possibilidade de voltarem a estudar, pois P3 e P4 relataram as dificuldades diárias que já enfrentaram por não saber ler.

Pode-se perceber nesta sessão a similaridade das histórias familiares das participantes com os dados encontrados na literatura, em que a situação socioeconômica desfavorável, pais com práticas educativas hostis, modelos inadequados de comportamento e mães e pais com baixa escolaridade (Patterson, Reid e Dishion 1992).

A psicoeducação é uma parte importante na condução de grupos em muitas abordagens em terapia de grupo (Leszcz & Yalom, 2006), nessa sessão as participantes foram instruídas sobre a importância da valorização da escolaridade como prevenção do comportamento infrator e da participação delas na rotina escolar. Ao conversar com seus filhos de forma positiva e demonstrando interesse quando eles chegam da escola,

essas mães conseguem entender um pouco mais a rotina dos filhos em relação às atividades realizadas na escola, relacionamento com amigos e professores e consequentemente aumenta a probabilidade da ocorrência de comportamentos positivos em relação ao estudo.

Gallo e Willians (2005) investigaram publicações entre 1997 e 2003 fatores de risco e de proteção de adolescentes em conflito com a lei, este estudo identificou que a baixa capacidade verbal, inabilidade verbal e dificuldades de aprendizagem favorecem o surgimento de problemas de comportamento e problemas psicossociais. Outros resultados da mesma pesquisa apontam para uma semelhança entre dados de pesquisas nacionais com outras realizadas na América do Norte, ambas correlacionam a baixa escolaridade em quase todos os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas.

Ao realizar uma pesquisa realizada com 123 adolescentes que cumpriam medida socioeducativa em um município do interior de São Paulo, Gallo e Willians (2008), identificaram que 60,2% dos adolescentes não freqüentavam a escola, os principais motivos relatados foram desinteresse 43%, abandono 13,5% e conflitos 13,5%. Em relação ao grau de escolaridade 27,6 % tinham escolaridade até a 4ª série, 61,8% cursavam o primeiro grau (5ª à 8ª série), 10,6% o ensino médio e 14,6% cursavam um curso profissionalizante. Outro dado importante refere-se ao tipo de medida que os adolescentes cumpriam participantes com escolaridade mais baixa cumpriam em geral medidas mais severas como liberdade assistida, em contrapartida os jovens que cursavam o primeiro grau cumpriam em maior proporção a medida de prestação de serviço à comunidade.

Terceira sessão: Características pessoais positivas e negativas dos pais e do filho

Objetivos: Identificar diferenças e semelhanças nas características pessoais e comportamentais entre pais, mães e filhos. Refletir sobre o ambiente familiar e a

influência do pai e mãe no cotidiano do filho. Identificar e aprimorar comportamentos inadequados ou negativos.

Participantes: P1, P2, P3 e P4.

Atividade 1: Cartaz das características positivas e negativas dos pais e do filho.

Na terceira sessão, por meio de uma colagem, foram abordados os temas características de pai, mãe e do filho, influências positivas e negativas. O ônibus das participantes atrasou 30 minutos, este tempo foi compensado e a sessão manteve a mesma duração. O terapeuta iniciou a sessão comentando o tema do encontro e orientou para a elaboração de um cartaz com as suas características positivas e negativas, dos pais de seu filho e do próprio filho. Os materiais que foram utilizados foram revistas, canetinhas coloridas, lápis de cor e cola.

Mesmo com revistas de temáticas diferentes, foi possível perceber a dificuldade na capacidade de abstração das participantes P2, P3 e P4, principalmente em identificar figuras ou desenhos e associá-las com as características pessoais solicitadas. O terapeuta ajudou-as a correlacionar imagens das revistas com características pessoais, como também ofereceu auxílio, escrevendo com canetinhas coloridas no cartaz, as características pessoais que não foram identificadas nas revistas e que eram relevantes.

Com este auxílio foi possível abordar o tema de forma mais clara e objetiva, finalizada a apresentação do cartaz cada participante apresentou o seu ao grupo. O terapeuta elaborou seu próprio cartaz e apresentou primeiro como modelo. P2 foi a primeira a apresentar as características positivas semelhantes entre pai, mãe e filho, destacou que todos gostavam de ir ao sítio da família, assim como iam à igreja, três vezes por semana. Dentre as características negativas P2 relatou que às vezes é meio nervosa, “explosiva”, já o pai é “agitado, inquieto” e ranzinza “nada tá bom” (SIC). P2 descreveu o filho como um adolescente agitado, ansioso e que, quando era criança, foi

identificada uma alteração em seu cérebro, porém não soube explicar do que se tratava. Segundo ela, o pai, quando criança, também tinha os mesmos comportamentos. Dentre as características positivas do seu filho a mãe destacou a disponibilidade em ajudar os outros, ela citou exemplos de situações em que seu filho ajudou parentes e vizinhos de forma prestativa, (em reforma da casa de um tio, e mudança de parentes) e que ele não tem preguiça para ajudar o outro, mesmo que a tarefa seja trabalhosa, ou demorada. O terapeuta aproveitou esta oportunidade para reforçar estas características positivas classificando estes comportamentos do filho como altruístas. Foi explicado ao grupo que o altruísmo é uma virtude, na qual a pessoa ajuda uma outra pessoa pelo simples prazer em ajudar, sem esperar nada em troca. Foi pontuado também que esta virtude pode ser um ótimo reforçador social para seus filhos, no sentido de proporcionar uma reintegração social, melhorar a autoestima e favorecer a inserção em grupos sociais positivos e no mercado de trabalho.

P3 descreveu características muito semelhantes entre ela e o marido, ambos se conheceram no início da adolescência, moravam na mesma região e sempre gostaram das mesmas coisas. Eram humildes, gostavam de ajudar os outros, possuíam muitos amigos na igreja e eram pessoas educadas. Esta participante descreveu seu filho com muitas características positivas: brincalhão, trabalhador e educado. Segundo ela, as características negativas apareceram quando ele começou a andar com más companhias, começou a desobedecer, responder e não ouvir os conselhos dos pais.

P1 descreveu como suas características positivas ser uma boa mãe, protetora, cuidadora, sempre estimulou seu filho a fazer as coisas certas, ser uma pessoa honesta. Como sua característica negativa ela se descreve como muito “gastadeira” tem dificuldades em cuidar de sua vida financeira. Segundo ela, o genitor era muito companheiro dos filhos, “quando não bebia ou usava droga”. Porém quando estava

sobre o efeito de drogas tornava-se extremamente agressivo, quebrando coisas em casa e agredindo-a. Em uma destas situações chegou a incendiar a própria casa. Segundo P1 o filho era seu grande companheiro. Descreveu o filho como muito prestativo e amigo, suas características negativas era ser tímido, introvertido e ansioso, e assim como a mãe, era consumista, gostava de comprar coisas, roupas, tênis, etc...

Após estas apresentações o terapeuta perguntou para o grupo como foi realizar esta atividade, que reflexões elas tiveram e como foi ouvir o relato das outras mães. As participantes concluíram que os adolescentes que estavam cumprindo pena eram os filhos mais próximos delas de forma geral, não que fossem os “preferidos”, mas sim aqueles que eram mais prestativos, companheiros, divertidos e por estes motivos era muito doloroso para elas este distanciamento que estavam vivendo.

Ao perceber este momento de revelação entre as participantes o terapeuta comentou que esta situação vivida pelo grupo foi importante, pois elas perceberam que compartilhavam de pensamentos, sentimentos e problemas semelhantes. De forma simples o terapeuta explicou que isto que sentiram chamava-se universalidade e era um importante fator terapêutico. Para (Leszcz & Yalom 2006), universalidade significa uma espécie de sentimento de pertencimento a um grupo, é perceber que não estamos sozinhos e que outras pessoas também passam por situações e problemas semelhantes, e por isso a terapia de grupo é importante, pois no grupo podemos ajudar uns aos outros, apoiar e sentir-se apoiado. Foi discutido também a influência das características comportamentais de mães e pais em relação aos filhos, e como essas mães podem influenciar os filhos por meio do seu comportamento. Como exemplo, o terapeuta citou P2, pois seu filho na semana passada voltou para casa.

Na última parte da sessão foram apontadas formas de reforçar os comportamentos positivos dos filhos, por meio de elogios baseados em evidência. Estes

sempre vinculados a um comportamento desejado ou positivo “lavar a louça, ficar em casa, não ir para a rua e ajudar a mãe” e aplicado logo após o comportamento desejado. Esta explicação foi demonstrada utilizando-se a técnica do ensaio comportamental, onde terapeuta e participantes representavam e trocavam os papéis de pai/mãe e filho. No encerramento o terapeuta reforçou as características positivas das mães, como facilitadoras na relação com os filhos.

O ensaio comportamental ou *role playing* é uma técnica utilizada na Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), Terapia Analítico Comportamental e no Treinamento de Habilidades Sociais (THS). Ela é utilizada com o intuito de treinar determinados comportamentos por meio de dramatização, para auxiliar na preparação do indivíduo para situações ou eventos com características desafiadoras, aversivas ou que exijam um determinado tipo ou qualidade de resposta. Seu uso costuma ser direcionado para fins terapêuticos e psicoeducativos (Dell Prette & Dell Prette, 2001). Esta técnica contribui para a aprendizagem de novos comportamentos por meio de modelos, avaliação de desempenho, instruções e inversões de papel. Muitos comportamentos podem ser aprendidos com esta técnica, desde observar os outros e a si mesmo, descrever ou analisar contingências, desenvolver e aprimorar habilidades sociais, melhoria da comunicação e empatia (Delliti & Derdyk, 2008).

Quarta sessão: Manifestação do afeto

Objetivos: Identificar as diversas formas de se manifestar o afeto. Aprimorar a comunicação com os filhos. Refletir sobre as características pessoais que podem interferir e ou potencializar a qualidade da manifestação do afeto.

Participantes: P1, P2, P3 e P4.

Atividades: Técnica da verbalização de sentimentos e assertividade.

Esta sessão teve início com um acolhimento à P3 no grupo, devido ao falecimento do seu marido cinco dias antes da sessão. A participante relatou sobre o estado de saúde do marido que há um bom tempo exigia cuidados específicos, devido a múltiplos problemas de saúde. Neste momento P1, P2 e P4 verbalizaram apoio à P3, reforçando e valorizando sua presença, força e comprometimento, pois mesmo diante de um momento tão doloroso ela estava presente no grupo. Este foi um momento de forte emoção, consequentemente, foi possível identificar forte coesão do grupo em função do momento doloroso de P3 e do apoio recebido das demais colegas.

Após este momento o terapeuta introduziu o tema do encontro. Explicou o que era o afeto e como ele pode ser demonstrado por meio de comportamentos, do cotidiano. Foi perguntado às participantes quais comportamentos elas emitem para demonstrar o afeto. As participantes relataram que de forma geral manifestam o afeto com abraços, beijos e conversando. O terapeuta verbalizou a importância de certos comportamentos em situações do cotidiano que podem ser entendidas também como manifestação de afeto; uma brincadeira, fazer uma comida que o filho gosta, participar de uma atividade em casa ou na escola. Para que o filho perceba a afetividade é importante que ocorra a verbalização do afeto junto com o comportamento. O terapeuta citou o exemplo de P3, que manifesta o afeto fazendo o pão que o filho gosta. A mãe faz um pão caseiro, ela sabe que o filho gosta de pão caseiro, mas ele não identifica que neste pão também tem afeto da mãe para com ele. Se ela verbaliza que faz o pão, porque sabe o quanto ele gosta do pão da mãe, e que fica feliz quando ele come, o filho consegue identificar o afeto da mãe no comportamento de fazer o pão.

Foi descrito para as mães a importância do afeto como um facilitador na educação dos filhos, principalmente quando associado às regras, mais especificamente ao cumprimento das mesmas. Com exemplos, o terapeuta pontuou sobre as

consequências de modelos de educação em famílias onde os pais são muito afetuosos, mas pouco atentos ao cumprimento das regras, ou muito presos às regras e pouco afetuosos e quando existe equilíbrio entre a manifestação de afeto e ao cumprimento das regras.

Utilizando a técnica do ensaio comportamental, o terapeuta simulou algumas situações em que as participantes tinham que manifestar o afeto com os filhos, e manifestar o afeto associando-o a regras. As situações envolviam querer sair de casa, trazer a namorada para dormir em casa e sair à noite com os amigos. Nestas simulações o terapeuta interagiu com as participantes e elas interagiam entre elas também, visando o treino de certos comportamentos. Utilizaram-se os princípios de aprendizagem por modelação e modelagem. As situações eram criadas e buscou-se o aprimoramento dos comportamentos desejados por aproximações sucessivas. Foram pontuadas questões paralinguísticas como o tom de voz, a linguagem corporal, o toque, o olhar e o conteúdo da mensagem.

A resposta do grupo foi muito positiva ao ensaio comportamental, as participantes demonstraram motivação ao cumprimento das tarefas, na execução e no *feedback*. Também foi abordada pelo terapeuta a leitura do ambiente, no sentido de identificar quais os momentos mais adequados para determinadas conversas. O terapeuta reforçou a participação das participantes, pois demonstraram interesse e motivação no cumprimento das tarefas. Embora o início da sessão tenha sido pesado emocionalmente pelo sentimento de luto de P3, o restante da sessão foi leve, com brincadeiras, e ao se despedir P3 relatou “Ai que bom que eu vim hoje, eu pensei, será que eu vou? Mas daí eu pensei, vou lá ver meus amigos, e agora estou me sentindo bem melhor!!” (SIC). Como tarefa de casa as mães tinham que treinar em algumas situações com os filhos a comunicação com a manifestação de afeto.

Em decorrência do acolhimento de P3 no início, e da proposta de se abordar a comunicação e a manifestação de afeto pode-se trabalhar com o grupo as habilidades sociais empáticas. (Dell Prette & Dell Prette, 2001) definem a empatia como “a capacidade de compreender e sentir o que alguém pensa e sente em uma situação de demanda afetiva, comunicando-lhe adequadamente tal compreensão e sentimento” (p.86). Os mesmos autores descrevem que o comportamento empático, precisa de três componentes, o cognitivo (interpretar e compreender pensamentos e sentimentos), o afetivo (experienciar a emoção do outro) e o comportamental (expressar compreensão aos sentimentos e comportamentos do outro). Nessa sessão foi possível observar uma comunicação positiva e empática devido à validação do sentimento do outro, à disponibilidade das participantes em partilhar seus sentimentos e ao fortalecimento dos laços de amizade.

Dificuldades em dar e receber afeto positivo pode ser relacionadas à experiências de aprendizado negativas caracterizadas por crenças inadequadas e experiências mal sucedidas nesta área. A manifestação de afeto não se baseia apenas na comunicação verbal, depende também da linguagem corporal e carinho físico, principalmente o relacionado ao toque (Dell Prette & Dell Prette, 2001).

A modelação é uma forma de aprendizagem baseada na observação, novos comportamentos podem ser aprendidos quando observados no ambiente. A observação de um modelo pode gerar novos comportamentos com o uso da imitação (Bandura, Azzi & Polydoro, 2009). Nesta sessão modelação foi uma forma de aprendizagem utilizada quando o terapeuta demonstrou modelos adequados ao lidar com situações específicas na interação com os filhos e quando as participantes observavam as colegas no desempenho da atividade.

Quando o terapeuta interagiu com as participantes, orientando e modificando o comportamento, se utilizou a aprendizagem por modelagem. Com o aprimoramento do comportamento por aproximações sucessivas buscou-se o comportamento mais apropriado em relação às interações com os filhos.

Quinta sessão: Comunicação e Polidez

Objetivos: Aprimorar a comunicação com foco na assertividade. Identificar e treinar os comportamentos de polidez ou boas maneiras, correlacionando-os com os benefícios no convívio social.

Participantes: P1, P2, P3 e P4.

Atividade 1: Técnica da comunicação assertiva.

De acordo com os resultados atingidos no último encontro optou-se por reforçar o tema da última sessão, devido às limitações das participantes em relação à compreensão das informações e aos seus próprios repertórios comportamentais, apesar da boa participação e envolvimento do grupo. Quando questionadas em relação à tarefa de casa, P1 comentou que em uma situação com a filha mais nova, conseguiu ser mais firme, conversou sobre o comportamento negativo dela, sem brigar, pois, geralmente numa situação como aquela, “agiria de forma mais explosiva” (SIC). Depois da situação, a filha foi pedir desculpas para a mãe.

P2 comentou que conseguiu conversar com seu filho em relação aos estudos, pois o mesmo precisava voltar a estudar como parte da medida socioeducativa. “Eu peguei ele, chamei para a conversa, fiz ele sentar no sofá da sala, segurei no braço dele e falei olhando no olho” (SIC). P3 e P4 não souberam dar um exemplo de aplicação da tarefa, mas relataram que estão satisfeitas com as reflexões do grupo e com os relatos das colegas.

Repetiu-se o mesmo procedimento da sessão anterior. Utilizando-se do ensaio comportamental foram treinadas algumas situações na interação mãe e filho, “chegar a casa tarde”, “ir para a escola”, “procurar um emprego”. Novamente pontuaram-se questões referentes à qualidade da comunicação. Na interação entre as participantes foi possível treinar os comportamentos referentes assertividade, onde as participantes tinham que falar em primeira pessoa, algo que queriam, defender uma ideia, ou solicitar mudança de comportamento.

Foi possível identificar dificuldades em P2, P3 e P4 para falar em primeira pessoa, P1 demonstrou facilidade nesta tarefa. Após o exercício foi discutido como o grupo se sentiu ao realizar a tarefa. De forma geral, as participantes reconheceram que às vezes possuem dificuldades em defender suas ideias, de serem mais incisivas com os filhos e em certas relações interpessoais. Durante o ensaio comportamental o clima no grupo era de descontração. Durante a execução das atividades as participantes verbalizavam as dificuldades e questionava-se em como precisavam melhorar em relação ao comportamento assertivo.

Atividade 2: Polidez ou boas maneiras.

O terapeuta iniciou esta etapa da sessão descrevendo as características de alguns comportamentos de polidez ou de boas maneiras. Foram dados exemplos de comportamentos de boas maneiras e explicado a importância deles em determinadas situações sociais: seleção profissional, no trabalho, na educação, na igreja e na comunidade de forma geral. Em sequência, o terapeuta comentou a sua percepção em relação aos adolescentes da Instituição, pois, no contato com os estes, percebeu-se comportamentos de timidez, de agressividade, não olhar nos olhos, embaraço em cumprimentar e manter conversação.

O terapeuta pontuou sobre a importância do papel da mãe na estimulação e manutenção destes comportamentos. Foi utilizada uma adaptação da técnica de polidez do Programa de Comportamento Moral de Gomide (2010), para trabalhar este tema. Os comportamentos de polidez abordados na sequência foram: “agradecer”, “pedir por favor”, “pedir desculpas” e “cumprimentar de forma adequada”. Estes comportamentos representados em desenhos foram dramatizados pelas participantes e pelo terapeuta.

As participantes desempenharam muito bem a tarefa. Os desenhos mostravam situações em que as personagens agiam com falta de polidez, o grupo representou cada situação de duas formas; uma inadequada e outra adequada com polidez. P2, P3 e P4 comentaram a dificuldade em realizar a tarefa da forma inadequada e sem polidez sentiam-se mal, agindo deste jeito. P1, P2 e P4 reconheceram em seus filhos, esta dificuldade em ser mais comunicativo, aberto e “conversador”. Segundo elas em algumas situações seus filhos até conseguem apresentar comportamentos polidos, em outras reconhecem estas dificuldades. O terapeuta pontuou sobre a importância delas como mães, demonstrarem e estimularem estes comportamentos de polidez e de reforçar positivamente quando estes ocorrerem, fazendo elogios, estes sempre seguidos do comportamento adequado ou esperado.

P3 comentou que seu filho apresenta comportamentos polidos, o terapeuta afirmou ter percebido estas características quando conversou com ele na entrevista de apresentação do programa. O adolescente foi um dos poucos que conversou abertamente na entrevista com os familiares de forma sorridente e colaborativa. No final da sessão o terapeuta parabenizou o grupo em relação ao envolvimento nas atividades, respeito às colegas e motivação para a mudança. Como tarefa as participantes iriam estimular o uso da polidez pelos filhos.

Programas de habilidades sociais aplicados em famílias na literatura nacional, dividem-se basicamente em dois grupos, um direcionado às crianças e adolescentes, com intervenções indiretas com os pais e o segundo exclusivamente com os pais. Quando se avalia o efeito destes dois modelos, as evidências desse segundo modelo são similares ao primeiro (Del Prette, Del Prette & Rocha, 2011). Segundo os mesmos autores pode-se considerar a assertividade como umas das habilidades sociais mais relevantes, devido às suas consequências nas relações interpessoais. Buscou-se nessa sessão promover maior autoconhecimento das participantes quanto à assertividade em sua comunicação, com ênfase nas interações com seus filhos, destacando os comportamentos de seguir regras e cumprir combinados.

Na atividade em que comportamentos de polidez foram representados de formas adequadas e inadequadas foi possível identificar a importância deste tipo de comportamento nas relações interpessoais. Segundo as participantes certos comportamentos de seus filhos não eram corrigidos, pois para elas esses faziam parte do “jeito de ser” dos adolescentes. A timidez de algumas das participantes e os modelos agressivos ou inadequados dos pais são algumas das hipóteses da falta de comportamentos de polidez dos adolescentes.

A polidez é o primeiro comportamento de boas maneiras que as crianças aprendem. A polidez pode ser considerada uma pré-virtude, fundamental para a aprendizagem das demais virtudes e de favorecer a competência social na interação com as outras pessoas adequando o indivíduo às situações sociais (Comte-Sponville, 2004). Segundo o mesmo autor a polidez refere-se às boas maneiras, como “uma moral do corpo” e estas precede as boas ações. A polidez pode ser relacionada com as habilidades sociais de civilidade, isto é, como uma classe de comportamentos caracterizada pela boa

comunicação, cortesia, habilidades em se apresentar, cumprimentar, agradecer, pedir “por favor” e falar “obrigado” (Dell Prette & Dell Prette 2001).

Sexta sessão: Práticas parentais Abuso físico e negligência

Objetivos: Identificar no histórico das participantes e dos pais de seus filhos práticas parentais negativas de abuso e negligência. Correlacionar as práticas parentais aprendidas na infância com as utilizadas com os filhos. Estimular práticas parentais positivas como monitoria positiva e comportamento moral.

Participantes: P1, P2, P3 e P4.

Atividade 1: Práticas parentais negativas: Abuso físico e negligência

Esta sessão teve início com uma breve explicação do terapeuta em relação às práticas parentais negativas de abuso físico e negligência e suas consequências para o comportamento dos filhos. Os exemplos e referencial teórico foram utilizados do livro Pais presentes pais ausentes de (Gomide 2004). Em sequência foi perguntado às participantes como foram suas experiências quando crianças em relação a estas práticas educativas.

P4 relatou nunca ter apanhado do pai, “jamais levei um só tapa dele” (SIC), sua mãe morreu quando ela tinha quatro anos, era a terceira filha e ajudou o pai a criar seus três irmãos mais novos. Sua vida era cuidar da casa pela manhã, no período da tarde, todos os filhos ajudavam um pouco o pai na lavoura. P4 afirmou que todos se ajudavam, a vida era muito difícil, mas a família era feliz e seu pai sabia “educar só conversando” (SIC). Neste momento a participante se emocionou dizendo que seu pai mesmo sendo “um homem muito simples criou sozinho a família e todos os filhos, que se tornaram adultos trabalhadores e pessoas de bem” (SIC). Em síntese, seu pai não utilizava o abuso físico, mas crianças ficavam juntas no sítio onde moravam, sem a supervisão de

um adulto. Em relação à história do genitor relatou que ele era filho único e sempre foi muito agressivo, batia na mãe e no pai desde muito pequeno, “os pais nunca controlaram ele, nunca colocaram limite e conforme ele foi crescendo, mais agressivo ele ficava” (SIC). Segundo P4 ele ensinou muita coisa errada para as crianças, foi preso assim como seu filho mais velho e o quinto filho que está no CENSE. “Hoje os filhos não dão moral para o que ele fala, e ainda por cima me defendem, quando ele saiu da prisão foi morar lá em casa, mas não estamos juntos como marido e mulher” (SIC). Em relação à criação de seus filhos a participante relatou que nunca bateu nos filhos, mas o pai batia com frequência. Algumas vezes P4 empenhou-se em defender as crianças e acalmar a situação, mas era agredida e conseqüentemente as crianças iam para a rua quando o pai bebia ou usava droga.

P3 relatou que também vivia em um sítio, e sempre estava junto com seus pais nas atividades da roça e nunca apanhou da mãe ou do pai “as meninas nunca apanharam lá em casa, só os meninos né... os piás que aprontavam de vez em quando, daí levavam umas cintadas... mas era difícil isso acontecer” (SIC). Em relação ao seu marido P 3 comentou que a relação dele com a mãe era muito forte, ele era um bom menino, “mas às vezes aprontava né ... coisa de menino... acho que apanhou umas 3 vezes só do pai” (SIC). Em relação à educação dos filhos ela relata que seus filhos sempre se comportaram bem, apenas seu filho que está no CENSE apresentou problemas de comportamento quando andou com más companhias “os gêmeos às vezes aprontavam demais, daí o pai dava bronca, algumas vezes bateu, mas depois dos 14 anos eles nunca mais apanharam do pai... era mais de conversar sabe... dava uma bronca... aconselhava” (SIC). Segundo P3 ela e seu marido sempre conseguiram controlar bem os filhos e confiavam neles, “os meninos que levaram meu filho para o mau caminho eram filhos

de vizinhos, a gente confiava neles, conhecia eles desde pequenos... jamais iríamos acreditar que iriam fazer coisas tão erradas!!” (SIC).

P2 relatou que viveu a infância “no sítio”, não tem lembranças do pai que morreu quando ela tinha apenas sete anos, sua mãe era muito rígida, ela e a irmã dois anos mais velha “andavam na linha” raramente apanhavam da mãe “a gente também não podia aprontar muito, a mãe sempre estava com a gente... nos criamos tudo junto no sítio”(SIC). O pai de seus filhos tinha quatro irmãos e que, muitas vezes, os irmãos tinham que “conversar com a varinha...”(SIC). Tanto o pai quanto a mãe eram muito rígidos. “Acho que por isso ele ficou assim, turra, cabeça dura, teimoso e grosseiro” (SIC).

Em relação ao seu filho, P2 comentou que o marido não sabia conversar “com ele é só no coice... tem vezes que meu piá ia pra rua para ficar longe do pai... por isso começou a fazer coisa errada... quando ele era pequeno eu e meu marido chegamos a dar umas surras nele, mas quando era pequeno, depois eu parei, mas meu marido continuou um pouco mais...” (SIC). Quando questionada sobre a época em que o marido parou de bater ela afirmou que aproximadamente com 9, 10 anos. “Mas ele continuou estúpido, muito grosso!” (SIC).

P1 descreveu a falta de monitoramento de seus pais quando ela era criança, “por isso eu e meus irmãos aprontávamos muito... a gente andava por um monte de lugar... minha mãe e meu pai nem sabiam onde a gente tava... mas quase sempre descobriam... ambos batiam na gente, mas não adiantava, nós continuávamos aprontando...” (SIC). De acordo com P1, era comum a mãe utilizar objetos para bater nos filhos, “minha mãe tinha uma mira muito boa... um dia jogou uma lata velha de azeite e acertou a cabeça do meu irmão, abriu a cabeça dele!” (SIC). P1 classificou sua mãe como uma pessoa “descontrolada, ela perdia a cabeça facilmente” (SIC). Segundo ela o pai também batia,

mas a mãe era mais agressiva. Em relação ao genitor ela descreve que ele sofreu muito na infância, “ele sempre apanhou muito quando era criança... apanhava até sem motivo” (SIC). Ao descrever a relação dele com os pais, descreve um cenário muito disfuncional “a mãe dele era bipolar, fez vários tratamentos e o pai sempre bebeu muito... até os 18 anos o pai era meio agressivo com ele... ele tem muita mágoa do pai.” (SIC). Quanto ao seu filho ela explicou que raramente fez uso da punição física, e justificou “não quero que meus filhos tenham uma visão negativa de mim como a que eu tive da minha mãe...” (SIC). P1 descreveu pai de seu filho como “um paizão, ele é brincalhão, quando não bebe, mais quando bebe ou usa droga fica agressivo ... ele já bateu no filho, mas nunca de forma descontrolada”... “ele perdia o controle quando era comigo, violento, ciumento, me agredia perdia o controle ameaçava me matar” (SIC). Em relação ao monitoramento do filho a participante relatou ter falhado com seu filho, ele sempre estava com ela até quando trabalhava como diarista, mas quando o marido chegava bêbado ela pedia para seu filho sair de casa, com medo da agressividade do pai. Segundo P1 seu filho tem raiva do pai pelas coisas que ele já fez com ela e com a família, referindo-se às constantes agressões à mãe e o incêndio na casa.

Após a escuta dos relatos o terapeuta conversou com o grupo sobre estas experiências compartilhadas, P2, P3 e P4 identificaram algumas semelhanças em suas histórias, viviam praticamente de forma isolada com suas famílias em sítios distantes da comunidade mais próxima, P2 e P4 perderam pai e mãe respectivamente e foram criadas mesmo assim de uma forma adequada. Todas relataram rigidez na família do pai de seus filhos quando criança, com dois modelos muito agressivos P1 e P2. Nestes casos foi possível identificar relatos consistentes de abuso físico e negligência.

Em relação aos seus filhos, também foi possível identificar o uso da punição física no intuito de controlar ou educar o filho, em todas as famílias e falha no

monitoramento principalmente quando o pai estava nervoso (P2) bebia ou se drogava (P1 e P4) ou não sabiam o que o filho estava fazendo com determinados grupos de amigos (todas as participantes).

Neste momento o terapeuta reforçou a importância da monitoria positiva, na importância dos pais saberem onde o filho está, com quem ele está, o que está fazendo, que horas ele vai voltar e como entrar em contato quando necessário. As participantes demonstraram muito interesse pelos temas desta sessão, pelos relatos percebeu-se a motivação delas em contar as suas histórias e dos pais dos adolescentes. Revelações pessoais intensas aconteceram nesse encontro com um alto nível de intimidade. Reviver conflitos familiares de forma corretiva, é um importante fator terapêutico, pois é uma forma de resolver assuntos inacabados à muito tempo (Leszcz & Yalom 2006).

Práticas parentais violentas costumam estar associadas a problemas sociais, problemas psiquiátricos e comportamentos criminosos em adultos. Quando a punição física é acompanhada de sentimentos negativos dos pais como a raiva, esses tendem à agir de forma mais impulsiva e descontrolada (Gomide, 2006). Todos os pais dos adolescentes faziam uso do abuso físico como método disciplinar e quando crianças sofreram este tipo de prática de seus pais.

A influência da transmissão intergeracional, é objeto de estudo de pesquisas como a de Marin (et al., 2013), realizada com 30 mães e 22 pais, em que as práticas parentais foram investigadas. Percebeu-se que houve a manutenção das práticas recebidas pelos seus pais, principalmente as coercitivas ou indutivas, assim como alguns indícios de aumento do uso combinado de ambas as práticas.

P1 e P3 acompanhavam a rotina dos filhos, P1 relatou que era comum ela ir trabalhar (diarista) e o filho ir junto, quando o crime aconteceu, ele estava sozinho em casa e saiu com um amigo. P3 relatou que quando o crime de seu filho aconteceu, ela e

o marido estavam viajando e os filhos estavam sozinhos em casa. Disse que conheciam a rotina do filho e todos os seus amigos, mas achavam que eram boas companhias, pois os conheciam desde criança e a maioria frequentava a mesma igreja. P2 e P4 apesar do resultado alto do IEP em monitoria positiva, reconheceram que não conheciam certos amigos dos filhos e que estes não verbalizam sempre aonde iam, ou que muitas vezes mentiam para a mãe não “ficar cobrado”, assim elas achavam que estavam fazendo a sua parte, mesmo não sendo de forma eficaz.

Encontra-se na literatura várias pesquisas que apontam a correlação de pais pouco presente, disciplina frouxa, uso frequente de castigo físico, agressões verbais e pais pouco responsivos com o comportamento delinquente (Carvalho & Gomide, 2005; Feijó & Assis, 2004; Feldman, 1977; Gomide, 2006; Patterson, Reid & Dishion, 2002).

Sétima sessão: Práticas parentais negativas e monitoria negativa (supervisão estressante) e humor instável

Objetivos: Refletir sobre as consequências das práticas parentais negativas de monitoria negativa e humor instável. Identificar e aprimorar comportamentos relacionados à prática parental positiva do comportamento moral. Identificar comportamentos que possam estar correlacionados com essas práticas parentais.

Participantes: P1, P2, P3 e P4.

Atividade 1: Reflexão e discussão sobre os temas Monitoria negativa e humor instável.

Esta sessão se iniciou com a apresentação dos temas: a monitoria negativa (supervisão estressante) e humor instável. Como referencial teórico foi utilizado o livro Pais presentes, pais ausentes de (Gomide 2004), por meio deste foram dados exemplos destas práticas e suas consequências negativas no comportamento dos filhos. As

participantes demonstraram interesse sobre o assunto, identificando-se com alguns exemplos apresentados pelo terapeuta.

P2 identificou-se com os temas apresentados, devido a recente saída do filho da instituição, relatou que está supervisionando intensamente o filho, “eu tô de olho nele... pergunto onde ele vai, o que ele está fazendo... preciso ficar em cima não posso contar com o pai dele, o pai só fala não faça isso ou aquilo, mas não cobra, não fica em cima... não posso contar com ele...” (SIC). Ao ouvir o depoimento todas as participantes disseram que se identificaram com a situação.

P1 afirmou “nossa eu também acho que vou fazer a mesma coisa quando meu filho sair...” (SIC). P3 descreveu que já se percebeu fazendo isto, “esses dias o V. chegou em casa às 2 horas da manhã, estava desesperada, ele sempre avisa quando vai chegar e nunca chega tarde, desta vez fiquei muito nervosa, pois seu irmão está aqui agora (CENSE)... já fico pensando o pior” (SIC). O terapeuta perguntou qual foi a atitude dela quando ele chegou em casa, P3 falou que perguntou por que ele não avisou, já que estava jogando videogame na casa do vizinho em frente à sua casa e a resposta do filho foi “eu não liguei porque estava sem crédito no celular... lembra mãe eu tinha pedido para você comprar há dois dias atrás” (SIC).

O terapeuta aproveitou a fala de P3 e questionou o grupo sobre o comportamento do filho. P1 comentou “ele está colocando a culpa na mãe falando deste jeito” (SIC), P2 continuou “se ele estava na casa da frente podia ter avisado, ir até em casa e avisar a mãe onde estava” (SIC).

O terapeuta orientou o grupo em como agir em situações como esta, de forma geral, na situação apresentada por P3 seria conversar com o filho sobre a preocupação que a mãe tem quando ele não avisa e que é responsabilidade dele avisar conforme o combinado. Para melhor aprendizagem foi utilizada a técnica do ensaio comportamental

para simular esta situação o terapeuta representava o papel de pai no primeiro momento e de filho no outro momento. Participaram P1, P2 e P3. Foi importante a reflexão após o exercício sobre como é fácil receber ou aceitar a culpa que o filho atribui à mãe.

O terapeuta discutiu sobre a importância da monitoria positiva, em acompanhar as atividades, saber o dia a dia do filho; onde ele está, com quem está, o que estava fazendo, etc... Foram reforçados os conteúdos da sessão quatro “Manifestação de afeto” sobre o que falar, como falar, em qual momento. Quanto mais próximas dos filhos as participantes estiverem mais fácil será realizar a monitoria positiva.

O terapeuta refletiu com o grupo sobre o desafio da educação de filhos adolescentes, quanto mais os filhos crescem mais autonomia e liberdade eles conquistam, assim na adolescência os pais sentem uma “perda de controle dos filhos”. As participantes comentaram que sentiram esta perda de controle, P1 relatou “eu queria colocar eles num aquário de vidro... só para ter certeza que não vai acontecer nada com eles... mas sei que isso também não é bom...” (SIC). Quando questionadas sobre o que sentem em relação ao controle dos filhos as participantes relataram sentirem-se inseguras, ansiosas e “com medo que voltem a fazer coisas erradas”.

Seguindo este raciocínio o terapeuta aproveitou para introduzir o outro tema do dia, o humor instável, aproveitando o exemplo do livro Pais presentes pais ausentes (p.29), em que o pai reage de formas diferentes quando seu filho quebra o vidro da casa do vizinho, de acordo com o seu estado de humor, o terapeuta perguntou as participantes como elas se percebiam em relação a este assunto.

P1 iniciou relatando suas experiências quando criança “minha mãe era muito braba, exagerava muitas vezes com a gente... o que ela mais usava era a varinha de marmelo... ela era meio estressada... às vezes batia mais quando estava mais nervosa...”

(SIC). Ao falar de si mesma admite que “às vezes me percebo mais braba, ou estressada... mas também depois de tudo o que eu passei com meu marido...” (SIC)

P2 relatou que sua mãe também era muito inconstante e “desde pequena eu aprendi que não podia aprontar lá em casa, a mãe uma hora tava de um jeito outra hora tava de outro... agora eu já sou meio braba mesmo, admito... mas não tem jeito, meu marido não faz nada, não posso contar com ele, tenho que dar umas duras, do meu jeito, pois o pai quando fala, explode!” (SIC). P4 disse não perceber em si mesma muitas oscilações de humor, mas com os exemplos dados no grupo identificaram situações com alguns familiares ou vizinhos.

O terapeuta encerrou a discussão sobre o tema reforçando a ideia que o estado de humor interfere na forma de agir e que uma punição pode variar conforme este estado de humor, desta forma o terapeuta reforçou a importância da identificação, discriminação do seu estado de humor e dos fatores ambientais que alteram este estado de humor. Esta explicação foi realizada de forma bem simples com exemplos para facilitar a compreensão das participantes.

A monitoria negativa ou supervisão estressante, caracteriza - se pelo extensivo controle psicológico. Algumas das estratégias desta prática são a indução de culpa e a ameaça de retirada do amor, interferindo no desenvolvimento emocional da criança (Gomide, 2006). Uma das consequências da monitoria estressante é a facilitação do processo de adolescentes se unirem à grupos ou pares antissociais, favorecendo o aprendizado de comportamentos infratores (Patterson, Reid & Dishion, 1992).

Em relação ao humor instável, ocorre um processo de aprendizado dos filhos em que a atenção deles fica direcionada ao estado de humor dos pais e não as consequências do seu comportamento. Quando a punição se baseia mais no estado de humor da mãe ou do pai, do que o comportamento da criança ou do adolescente, eles

buscam esquivar-se destes estados de humor negativos, não obedecem aos pais em algumas situações, buscam sair para a rua facilitando a aproximação e envolvimento com grupos desviantes (Gomide, 2006).

Um importante fator no processo grupal em terapia cognitivo comportamental são as modificações de padrões desajustados de relacionamento. Este fator corresponde à experiência de aprendizado corretivo de interações interpessoais desajustadas que o grupo oferece (Bieling, McCabe, Anthony & col., 2008). As estratégias terapêuticas que correspondem a esse fator aplicadas nessa sessão foram a conscientização dos padrões interpessoais e seus efeitos no outro, oportunizar o feedback de determinados comportamentos e encorajar comportamentos alternativos para a redução de comportamentos voltados à supervisão estressante e para maior controle emocional.

Oitava sessão: Análise funcional

Objetivos: Instruir as participantes na utilização da análise funcional do comportamento. Identificar comportamentos antecedentes e as contingências controladoras do comportamento alvo.

Participantes: P1, P2, P3 e P4.

Atividade 1: Análise funcional do comportamento (antecedente, bom comportamento e consequência)

O terapeuta iniciou a sessão recapitulando alguns temas que já foram discutidos nas últimas sessões e explicou alguns princípios da análise funcional. O terapeuta utilizou uma folha de “flipchart” e explicou o significado do A - antecedente (o que vem antes do comportamento, como a mãe modela o comportamento do filho, instruções, e a forma como se comunica), o B – bom comportamento (o comportamento positivo desejado, como oportunizar situações para que o comportamento ocorra) e C -

consequência (o que vem depois do comportamento, um elogio, atenção ou outra forma de reforçamento). Após as explicações o terapeuta pediu a cada participante do grupo dar um exemplo de bom comportamento que espera de seus filhos. Os comportamentos escolhidos foram: seguir regras, ficar em casa, respeitar os adultos enquanto eles conversam, ser honesto e honrar os pais. As participantes descreveram algumas situações “gerais”, desta forma o terapeuta solicitou para que escolhessem comportamentos específicos, os quais pudessem ser observados e medidos.

O terapeuta escreveu na coluna B referente aos bons comportamentos: pedir licença, fazer a lição de casa sem reclamar, ouvir com atenção a mãe e ajudar a mãe em tarefas de casa (lavar a louça, arrumar o quarto e varrer a casa). Em seguida foi discutido a característica destes comportamentos, quando o comportamento pode ocorrer, em quais ambientes eles podem ocorrer e quem são as pessoas envolvidas na situação.

O terapeuta debateu com o grupo a maneira pela qual as participantes podem “preparar o terreno”, planejar o antecedente, isto é, identificar ou promover um ambiente favorável em relação ao bom comportamento. Questões referentes a conversar com os filhos antes em relação ao comportamento desejado e principalmente em como realizar isso utilizando uma comunicação positiva em relação ao conteúdo verbalizado, utilização correta da voz e linguagem corporal. Em relação às consequências, foi discutida a importância da consequência ser realizada o mais próximo possível do comportamento adequado ou desejado.

Foi explicado ao grupo diferentes formas de realizar este reforço; um elogio, dando atenção, fazendo um agrado, etc... Em seguida, o terapeuta perguntou ao grupo quais os comportamentos negativos dos filhos são considerados mais frequentes ou

difíceis de lidar. O grupo descreveu comportamentos ligados à obediência, aceitar ou não, sair de casa e a teimosia.

O terapeuta descreveu o conceito do oposto positivo, “muitas vezes os pais focam sua atenção nos comportamentos negativos dos filhos, nas coisas erradas que eles fazem e não nas corretas”. Alguns exemplos foram apresentados como: “fico louca quando você não me ouve!”, pode ser substituído por “quero que você me escute quando eu falo com você”. P1 se identificou com alguns dos exemplos, refletiu e verbalizou que muitas vezes age de forma inadequada “eu sei que fico muito em cima mesmo” (SIC). Neste momento foi realizado um ensaio comportamental com algumas das situações comentadas. Na discussão foram abordados temas relacionados como consequências da análise funcional, pois na prática foram resgatados os temas relacionados às práticas parentais, foram lembradas às práticas de supervisão estressante, punição inconsistente, monitoria positiva e comportamento moral. No final do encontro as participantes receberam como tarefa de casa aplicar a análise funcional, com os filhos em casa, e dentro do possível utilizar nas visitas com o seu filho no CENSE.

Buscou-se com a orientação em relação à análise funcional auxiliar as participantes a observar com mais atenção os comportamentos dos filhos, discriminar determinadas situações, refletir sobre a importância de realizar automonitoramento e estabelecer correlação entre os seus comportamentos, os comportamentos dos seus filhos e suas consequências.

Nona sessão: Análise funcional

Objetivos: Avaliar a aplicação da fórmula ABC, durante a semana (tarefa de casa). Aprimorar comportamentos que necessitam de ajustes e reforçar aqueles que estão adequados.

Participantes: P1, P3 e P4.

Atividade 1: Treinar comportamentos relacionados à análise funcional

O terapeuta iniciou a sessão, perguntado ao grupo como as participantes passaram a semana e como foi realizar a tarefa. P1 verbalizou que utilizou algumas estratégias que aprendeu no grupo com seu filho mais novo, pois o mesmo quebrou a tela do celular e estava insistindo para a mãe arrumar. Segundo a participante em frequência ela fazia coisas para os filhos que envolviam gastos financeiros que comprometiam sua renda, para satisfazer os filhos. “Desta vez eu disse para ele, vai ter que esperar... eu falei que vou arrumar para ele, mais custa caro e que só vou arrumar a tela do celular no mês que vem... e se ele se comportar direito!!!”(SIC).

P4 comentou sua última visita no CENSE, segundo ela, seu filho discutiu com uma professora, e conseqüentemente perdeu tempo de visita, ela conseguiu conversar com ele de um jeito produtivo e sentiu-se ouvida, ele reagiu bem ouvindo - a com atenção “nós conversamos bem direitinho, eu me surpreendi, numa situação dessa, ele geralmente fica agressivo, mas ele reagiu bem... apesar da punição dele... ele reagiu bem... fiquei feliz em ver ele assim, foi boa a visita...” (SIC). A participante ainda completou “antes eu falava e ele não ouvia... ele está aceitando mais... e ele vai trocar de instituição, a psicóloga falou que ele vai ter que ser educado, vai ter que aprender a se relacionar bem com pessoas diferentes...” (SIC)

P1 relatou outra situação em que usou o ABC com os filhos em casa “com minha filha tivemos uma conversa sobre obedecer a regras... minha filha mais nova xingou o irmão... e depois veio pedir desculpa para mim ela disse ‘eu peço para Deus para te obedecer mãe, como você quer mãe... mas eu não consigo!!’. Então eu falei para ela que era importante ela se esforçar, tentar fazer... fizemos uma lista de coisas certas para seguirmos, e foi ela que escreveu o que eram as coisas certas...” (SIC).

P3 conversou com o filho sobre os horários de sair e chegar a casa “Ele começou a chegar tarde uma, duas, três vezes, daí conversei com ele... daquele jeito peguei na mão, olhei bem nos olho dele e falei... que não queria ver ele na rua tarde, e que não sabia com quem ele estava andando... deu certo ele tá chegando cedo agora dá uma saída, umas voltinha, mas já volta... só em relação à namorada que ele não me conta...” (SIC). Observaram-se no relato do grupo respostas positivas em relação ao último encontro, no treino de situações de conversação mães disseram não, colocaram limites e incentivaram comportamentos positivos nos filhos.

O terapeuta aproveitou os exemplos para recapitular em cada situação, como pode ser o comportamento eficaz da mãe. P1 fez o antecedente (A) quando conversou com o filho que só mandaria concertar o celular, consequência (C) quando tivesse dinheiro, e se ele se comportasse bem durante o mês, bom comportamento (B).

P4 durante a visita de seu filho fez uma leitura de ambiente adequada, quando seu filho verbalizou de forma agressiva as situações que tinha vivenciado e as punições recebidas, ela ouviu atentamente, não tentou acalmá-lo como sempre fazia e depois que ele terminou de relatar os fatos ela começou a falar. Este foi o antecedente (A), ela conversou com ele da mesma forma que o terapeuta orientou, segurando sua mão e olhando nos olhos, como consequência (C), seu filho ficou, mais calmo e tranquilo.

P3 utilizou a mesma estratégia de P4, conversou com seu filho sobre os horários de saída e chegada em casa como antecedente (A), ela solicitou mudança de comportamento em relação estas situações. Segundo ela o filho cumpriu o combinado durante a semana, isto é, apresentou o bom comportamento (B) e foi reforçado por elogios da mãe e com algumas comidas que ele gosta (bolo de chocolate).

O terapeuta encerrou a comentado a importância do comportamento das mães em relação à comunicação como o tom de voz, linguagem corporal e o momento

adequado para a conversação. Por último parabenizou as participantes pelo cumprimento da tarefa, solicitou para que todas continuem aplicando as estratégias do programa.

O comportamento de obedecer está relacionado com o cumprimento de regras, instruções ou combinados. Na interação pais e filhos, as contingências estabelecidas pelos pais vão gerar consequências no comportamento dos filhos, diante de modelos positivos dos pais, aumenta a probabilidade dos filhos também demonstrarem comportamentos positivos. Pais e filhos influenciam desta forma o comportamento do outro (Haydu, Gomide & Seegmueller, 2010).

Décima sessão: Autoestima

Objetivos: Reforçar as características positivas das participantes. Aprender mecanismos que auxiliem a lidar de forma positiva com sentimentos negativos.

Participantes: P1 e P3.

Participaram deste encontro duas participantes P1 e P3. P4 disse no contato telefônico que não poderia participar, pois, no mesmo dia e horário precisava visitar o filho, que se encontrava agora no regime de semiliberdade. P2 afirmou no dia anterior por telefone que não viria, pois estava desmotivada, pois seu filho não estava respondendo de forma positiva em casa, não quer ir para a escola e ainda ela não contava com a ajuda do marido. O terapeuta então realizou uma orientação por telefone e reforçou a importância dela utilizar as estratégias do programa, embora algumas vezes elas vão encontrar resistência em relação aos comportamentos dos filhos e a necessidade de insistir nos comportamentos desejados. Ainda verbalizou que P2 era a principal pessoa para ajudar seu filho devido à relação ruim com o pai e as mudanças positivas em seu comportamento desde o início do programa.

Atividade 1: Escuta terapêutica

O planejamento inicial era de trabalhar “comportamentos de obediência”. Porém, as duas participantes relataram estar muito tristes, com as situações vivenciadas durante a semana, foi necessário fazer uma adaptação no cronograma das atividades, para atender às necessidades do grupo. Percebeu-se o sentimento de impotência e a sensação de estar sobrecarregada nos relatos das participantes.

Buscou-se entender quais são as situações difíceis vivenciadas e quais pensamentos e sentimentos estavam relacionados a estas situações. O terapeuta explicou ao grupo que tinha planejado uma atividade para esse encontro, mas devido ao momento do grupo seria realizada outra atividade para atender às demandas das participantes.

P1 relatou sentir-se muito sobrecarregada, seu ex-marido não contribui para a melhora do seu filho, nas visitas tem conversas inadequadas com ele e com as outras crianças fica difamando a mãe “estou triste porque saiu a decisão da justiça e meu filho vai ficar mais 6 meses aqui, eu já imaginava isso, mas sempre fica aquela esperança né... e o pai só atrapalha, vem aqui fala besteira para ele e até para o psicólogo!!! Assim fica difícil...” (SIC).

P3 relatou que estava feliz, seu filho foi para a casa, porém sofria com a dor de seu filho pela morte do pai. “ele não está comendo nada, pega as roupas do pai e fica cheirando elas... tudo o que ele vê ou faz lembra o pai... graças a Deus os irmãos da igreja tão ajudando bastante...” (SIC). Disse que o filho está indo para a escola que fica perto de casa e que não está saindo para a rua. “Ele só vai para a escola e para igreja e o irmão dele (gêmeo) está cuidando dele também!!” (SIC).

O terapeuta perguntou se existem outras coisas que podem estar interferindo negativamente em suas emoções. P1 relatou que está sentindo-se triste e mencionou que parou de tomar antidepressivo (Sertralina 150mg) e fazia uso desta medicação há

quatro anos “faz três meses que parei de tomar a medicação, achei que estava bem, e estava mesmo me sentindo bem, que não precisava mais, mas hoje percebo que estou muito mal” (SIC). O terapeuta recomendou que remarcasse uma consulta com o psiquiatra devido à necessidade de medicação. Percebendo que o grupo precisava de apoio emocional. O terapeuta deu início a uma nova atividade, uma adaptação da técnica “O melhor de mim” de Albigenor e Militão (2000).

Atividade 2: Técnica: “O melhor de mim”

Objetivos: Proporcionar as participantes autoavaliação. Valorizar as características positivas de cada participante. Reforçar a autoestima e empatia no grupo.

O terapeuta solicitou que cada participante verbaliza-se características positivas, virtudes de suas colegas (amizade, honestidade, bondade, ternura, altruísmo, etc..) e justificasse a escolha das virtudes.

P3 comentou “a P1 é muito querida mesmo, sempre anima nossos encontros, e eu percebi que nas últimas 2 semanas você andava meio quieta... meio tristonha...” (SIC). O terapeuta complementou os pontos positivos de P1, seu esforço para ajudar o filho e o papel dela no grupo. Foi a primeira a manifestar interesse no programa, ajudou a convocar mais integrantes e sempre buscava dar apoio às atividades.

Ao ouvir a colega P1 demonstrou certa timidez “É bom ouvir isso... às vezes parece que ninguém vê isso na gente...” (SIC). O terapeuta reforçou o comportamento que P1 tem em relação aos cuidados com os filhos, em relação às visitas e principalmente em relação ao envolvimento com os outros profissionais do CENSE, buscando sempre fazer o melhor para seu filho.

P1 quando falou “eu admiro muito a P3, ela é uma pessoa muito forte! Imagino só o que ela passou... perdeu o marido e continuou firme aqui no grupo, eu fiquei admirada com isso!” (SIC). O terapeuta complementou dizendo que P3 demonstrou

muita força e resiliência em relação à perda do marido e elogiou o comprometimento dela em relação ao grupo.

Para finalizar o terapeuta também comentou a importância das participantes realizarem certas atividades durante a semana, ou final de semana que fazem bem para elas, para que possam encontrar prazer em coisas simples da vida. Conhecendo as participantes o terapeuta descreveu algumas destas coisas: Ir para o sítio com a família no final de semana (P3), visitar familiares e participar de outras atividades na igreja (P1). A tarefa de casa das participantes foi realizar alguma atividade que fosse reforçadora para elas, visitar um familiar ou amiga, caminhar, etc...

A autoestima costuma ser relacionada com a percepção de si mesmo e comparada com os valores pessoais do indivíduo. As relações interpessoais ao longo da vida são determinantes para o desenvolvimento da autoestima. Pais e professores possuem um importante papel nesse processo. Mesmo com traumas vividos na infância que afetaram o desenvolvimento da autoestima, ela pode ser desenvolvida se o indivíduo conseguir viver conscientemente, com autoaceitação, ser responsável, assertivo seguir seus propósitos e manter a integridade (Branden, 1998).

Antes do lanche o terapeuta ainda orientou-as a continuarem usando a análise funcional com seus filhos. No final da sessão durante o lanche P1 comentou “estou saindo bem daqui hoje, nem imaginei que conseguiria sair assim, de tão triste que eu tava!” (SIC). Já P3 disse “é mesmo, foi bom ter vindo... sempre é bom vir, até quando a gente não tá bem... pois a gente sai daqui melhor.” (SIC).

Nessa sessão houve a necessidade de adaptar a proposta do trabalho com a demanda do grupo, devido à ausência de duas participantes e ao estado emocional de P1 e P3, o terapeuta adaptou sua estratégia de trabalho modificando o tema da sessão. Para

(Bieling, MacCabe, Antony & col., 2008), a expressão e o processamento aberto de emoções são promovidas pelo contexto grupal.

Na escuta das participantes suas emoções foram identificadas e trabalhadas com o foco no aqui - e - agora. A validação dos sentimentos das participantes motivou a participação e devolveu ao grupo a atenção necessária para uma participação significativa. Os pensamentos disfuncionais foram questionados e as características positivas das participantes foram identificadas e descritas em forma de comportamentos.

Décima primeira sessão: Justiça e Perdão

Objetivos: Refletir sobre o ato de perdoar e a importância de se reparar danos a outrem. Discutir dilemas referentes à igualdade e desigualdade.

Participantes: P2 e P3.

Atividades: Revisão da tarefa de casa. O terapeuta iniciou a sessão perguntando como as participantes passaram a semana, após ouvir os relatos, o terapeuta resumiu para P2 os principais temas do último encontro. Esta comentou que conversou com seu filho sobre não querer ir para a aula e descreveu duas situações em que o filho identificou a mudança do estado de humor da mãe em relação ao seu comportamento. Em uma conversa com a irmã que é vizinha, o filho de P1 falou “opa, tá na hora, tenho que ir para casa senão a mãe já fica chateada, com cara feia” em outra situação “ôôôô mãe... tá feliz que eu tô em casa né?” (SIC).

O terapeuta questionou, se os comportamentos do adolescente tinham correlação com o comportamento das mães em relação à análise funcional. A participante respondeu “aaah, claro... tem sim... agora eu converso com ele e ele me escuta, já vou preparando o terreno antes de conversar... e também a hora certa né?” (SIC). P2 ainda comentou que podia estar melhor, mas o pai não ajuda, não conversa direito com o

filho. Pela descrição do comportamento do pai indica sinais de quadro depressivo. Este casal já passou por algumas separações, traições conjugais por parte do marido e há anos o marido tem uma postura de distanciamento de toda a família.

P3 estava feliz, com o filho em casa, segundo ela “ele só está saindo de casa para ir para a escola e ir para a igreja... e parece estar com medo da polícia, estes dias passou um carro de polícia na rua deu pra ver que ele ficou com medo, e ele tava comigo, perto de casa.” (SIC). P3 verbalizou sua preocupação em relação ao luto do filho “dá até dó... ele diz não sentir fome, às vezes não come nada...”

O terapeuta comentou que a falta de vontade de comer era compreensível, fazia poucos dias que seu filho estava em casa, e estaria nesse momento vivenciando a perda do pai de forma mais intensa. Quando questionada em relação os grupos de amigos de seu filho, P3 respondeu que apenas os amigos da igreja visitaram seu filho. O terapeuta reforçou os comportamentos positivos da mãe em relação ao seu filho e também comentou que o comportamento de seu filho está adequado até esse momento.

Atividade 2: Reflexões sobre justiça. A parábola do filho pródigo

Na segunda parte da sessão o terapeuta informou ao grupo que iria contar uma história para o grupo, no intuito de refletir sobre o comportamento do pai e a noção de justiça. A história foi a “Parábola do filho pródigo”, adaptação da história Bíblica do livro Comportamento Moral de Gomide (2010) (p238). Após a leitura da história o terapeuta solicitou para que as participantes comentassem suas opiniões em relação à postura do pai. P2 continuou “é... depois de tanto tempo o pai aceitou o filho de volta... mais se acontecer alguma coisa parecida assim com os filhos da gente, a gente tem que fazer assim, tem que aceitar de volta... o dia que ele se arrepender, tem que apoiar...” (SIC). Já P3 relatou “eu acho que ele fez certo... eu também faria isso”.

O terapeuta comentou sobre como o grupo avaliou o senso de justiça do pai, pois o filho mais velho demonstrou não concordar com o pai. As participantes acharam a atitude do pai justa, P1 afirmou “acho que não só o irmão achou injusto o que o pai fez, nesta situação parece que muita gente torce contra... sabe por que fez uma coisa errado vai ser sempre o errado.” (SIC). Já P2 continuou “se ele que é pai não perdoasse, quem iria perdoar? ” (SIC) e P3 concluiu “é mesmo né? Nessas horas... família é família...” (SIC). O terapeuta reforçou a importância das participantes na vida dos filhos, em como elas podem proteger e apoiar os filhos em relação ao julgamento que outras pessoas podem fazer deles em situações sociais. Também mencionou o fato de todos os adolescentes do grupo não possuírem um pai, padrasto como figura masculina positiva significativa para dar apoio.

O terapeuta também explicou o conceito de resiliência, e pontuou que para desenvolver maior capacidade de resiliência em seus filhos basta ter um adulto que seja significativo, que apóie, incentive e mostre um caminho positivo na vida. Em seguida, o terapeuta perguntou em como estavam se comportando as pessoas que fazem parte do convívio social de seus filhos, principalmente a família e pessoas mais próximas como vizinhos e amigos.

A P2 disse que não percebeu nenhuma diferença em relação aos familiares, descreveu o comportamento da família como um todo e relatou que não houve mudanças em relação aos comportamentos dos familiares. “Graças a Deus lá em casa não mudou nada, continuam tratando o meu filho do mesmo jeito... até os parente que só vejo de vez em quando..” (SIC). Em relação aos vizinhos e amigos da família a P2 não vivenciou nenhuma situação na qual seu filho foi tratado de forma diferenciada pelo seu crime.

P3 relatou que está sentido muito apoio da comunidade, principalmente dos amigos da igreja “Nossa quando souberam que ele tava em casa foram tudo lá visitar ele, foram tudo lá ver ele... em muitos cultos rezaram, oraram e pediram por ele e pela família”. (SIC) Nesse momento, P2 também relatou estar recebendo apoio do grupo de jovens da igreja que frequenta “o pessoal da força jovem foi lá em casa também foram visitar o A., chamaram para as atividades na igreja, e ele tá indo” (SIC).

No final da sessão o terapeuta incentivou as participantes em continuar a reforçando os comportamentos positivos dos filhos, assim como, ficarem atentas aos comportamentos dos mesmos em suas interações sociais, pois nestas relações podem ocorrer eventos aversivos a eles e por isso saber quando isso aconteceu, com quem isso aconteceu, onde isso aconteceu, e porque tais situações foram desencadeadas. P2 e P3 relataram mudanças positivas em relação ao comportamento dos filhos, percebeu-se novas atitudes em relação à comunicação delas com os filhos, estão mais assertivas, conseguindo dar *feedback* e reforçar os comportamentos adequados.

A coesão grupal é um importante fator terapêutico, principalmente para participantes que lidam com estigmas, isolamento social ou que necessitam aprender novas habilidades de relacionamento (Leszcz & Yalom, 2006). Nesta sessão buscou-se promover a coesão do grupo com o compartilhamento de informações e sentimentos comuns à todas as participantes em relação ao retorno do filho ao convívio social e suas consequências.

Décima segunda sessão: Encerramento e confraternização

Objetivos: Revisar os principais temas abordados durante o programa. Identificar nas participantes os temas ou estratégias mais importantes durante o processo psicoterapêutico. Refletir sobre o futuro em relação aos filhos, à família e a sociedade. Confraternizar com o grupo e discutir sobre futuros encontros.

Participantes: P1, P2 e P3.

Atividade 1: Revisão dos principais temas discutidos e apresentados ao longo do programa.

O terapeuta realizou uma revisão dos principais temas abordados nos encontros.

O primeiro tema apresentado foi o acolhimento do primeiro encontro, sobre como foi importante naquele momento as participantes conhecerem um pouco mais a outra, e mesmo em um momento difícil devido à situação dos filhos e da família, tinham um momento para conversar, desabafar e aprender sobre como lidar com as situações difíceis envolvendo os filhos. Neste momento P1 comentou, “Antes de começar eu já ficava ligando para o Alfredo, não via a hora de começar!” (SIC). P2 comentou “eu vou lá ver como vai ser, se não for bom nem volto mais ahahah...” (SIC). P3 afirmou que recebeu apoio da família “meu marido disse: já que eu não posso e estou doente vai você... meus outros filhos também apoiaram.” (SIC).

O primeiro tema específico do programa foi a escolarização, o terapeuta comentou sobre a importância da escolarização como forma de prevenção à criminalidade e de apoio na reinserção social. P2 comentou estar vivendo este momento “agora estou gostando, meu filho parece que tá se endireitando, indo para aula, tá procurando serviço...” (SIC). P1 relatou “o M. está indo bem nos estudos aqui, o sonho dele é fazer faculdade de educação física, ele quer ser professor...” (SIC). P3 afirmou que seu filho assim que saiu de CENSE, já na semana seguinte começou a estudar “e o bom que a escola é bem perto de casa, fica fácil de saber se ele está indo para a escola” (SIC). O terapeuta reforçou também a possibilidades das participantes também voltarem a estudar.

Em seguida foram discutidas as características comportamentais positivas e negativas de pais, mães e filhos. O terapeuta relembrou algumas reflexões sobre este

tema. P1 comentou que seu filho sempre foi muito prestativo “ele sempre gostou de ajudar as pessoas... eu sei o que ele puxou de mim e do pai dele” (SIC). P3 comentou que está confiante com a saída do filho “agora ele tem que andar com os irmãos da igreja... eles já foram lá em casa trouxeram roupa para ele, no culto oraram por ele, eles sabem das coisas boas do meu filho” (SIC). O terapeuta comentou sobre a importância em reconhecer e elogiar sempre que possível os comportamentos esperados e adequados dos filhos, e que isto precisa ocorrer o mais breve possível, também afirmou que o nome disso é reforço positivo.

O outro tema discutido foi a manifestação do afeto, o terapeuta lembrou as estratégias utilizadas em relação à comunicação, destacando a importância do uso adequado da linguagem corporal, do tom de voz, da escolha do momento certo para determinadas conversas. P2 comentou que estava sentindo-se mais animada, pois tem utilizado algumas destas estratégias com sucesso “Não foi fácil... e também não foi na primeira vez que já deu resultado, mas agora eu to vendo que tá dando certo, ele tá indo para a escola e já tá procurando emprego... estes dias minha filha que mora bem perto de mim falou que ele tava na casa dela e disse: tá na hora de eu ir para casa senão a mãe fica chateada comigo” (SIC) é importante destacar que esta participante foi a que mais pode utilizar as estratégias com seu filho que foi o primeiro a voltar para casa.

Os próximos temas lembrados foram às práticas parentais neste momento o terapeuta revisou às práticas parentais positivas e negativas, com uma linguagem simples e com exemplos práticos o terapeuta comentou as 5 práticas negativas de Gomide (2004), monitoria negativa ou supervisão estressante, negligência, abuso físico, disciplina relaxada e punição inconsistente. Como recurso didático o terapeuta utilizou seu computador (*laptop*) e assim como utilizou o programa *Power-point*. Com estes recursos foi realizada uma breve apresentação com imagens que representavam cada

uma destas práticas. O terapeuta enfatizou a importância das práticas parentais positivas e seus benefícios em relação aos comportamentos dos filhos em relação à prevenção de situações de risco, como forma de controle e reinserção social. Este foi um momento descontraído da sessão, pois algumas imagens remetiam às situações em que os pais comportavam-se de forma muito inadequada (práticas negativas).

As participantes então iniciaram uma discussão com alguns exemplos de situações por elas vivenciadas. P2 relatou que há duas semanas teve uma conversa com sua nora “eu disse para ela que ela precisa cuidar mais da minha neta... que ela não pode ficar tão solta lá na vila... senão o que pode acontecer, eu expliquei pra ela as coisas que a gente conversa aqui...” (SIC). P3 também comentou que está satisfeita com a volta do seu filho “por enquanto ele tá certinho... vai para casa cedo, tá ajudando, não está reclamando de mim porque eu estou agora mais em cima mesmo, sem o pai né... é mais difícil. ” (SIC). P1 relatou que está satisfeita com o comportamento do filho “ele nunca pegou medida aqui dentro, sinto que ele aprendeu, todos os educadores falam bem dele... sinto que ele está muito melhor nisso (referindo-se ao comportamento moral).” (SIC). O último tema apresentado foi a análise funcional. O terapeuta lembrou o significado de cada letra; A – antecedente o que vem antes do comportamento, instruções, como lembrar certos comportamentos, conceitos e o contexto do comportamento; B – bom comportamento, como lidar com o oposto positivo, oportunidades do filho de fazer a coisa certa e trabalhar repetidamente o comportamento desejado. As participantes comentaram que este tema foi o que elas mais “aprenderam”. P1 comentou “é importante valorizar o que ele, tá fazendo certo, não adianta ficar só em cima, só falando pra não fazer coisa errada, tem que falar as coisas boas também” (SIC).

O terapeuta também comentou os últimos temas: perdão e justiça. No final da sessão o terapeuta perguntou ao grupo quais os aprendizados que elas mais gostaram, aqueles que conseguiram utilizar no dia a dia e o que foi mais importante durante todo o programa. Todas as participantes destacaram a análise funcional, P1 afirmou que “aprendi a não sufocar eu ficava muito em cima deles... , isto é, redução da supervisão estressante mas sei que é difícil este é o meu jeito, sempre fui assim agora sei que tenho que melhorar nisso” (SIC). P2 comentou “já usei até com meus netos... vi que minha nora faz tudo errado... as conversas que tive com meu filho, usando as coisas que a gente aprendeu estão bem melhor que antes, como eram” (SIC).

P3 destacou a importância do grupo “eu não saia de casa sem meu marido, como ele ficou doente e não pode participar do grupo tive que vir sozinha, aprendi a sair sozinha, quando ele morreu o grupo me ajudou muito, me animou, vir aqui e ver minhas amigas foi muito importante, já to pensando como vão ser agora às sextas feira” (SIC). O grupo comentou que vai continuar fazendo alguns encontros nas casas das participantes.

Em relação ao que elas ainda consideram difícil de fazer todas concordaram que não fazer a supervisão estressante é um grande desafio. P1 comentou “Eu sei que sou assim... vai ser difícil não ficar muito em cima, não pegar no pé e ser chata, controladora” (SIC). P3 completou “é verdade eu tô em cima dele agora, não quero que ele volte pra cá, não é fácil...” (SIC). P2 comentou que a família tem cooperado “minhas filhas mais velhas tem conversado com meu filho, tem, me ajudado, e ele escuta elas, daí não fica só eu falando, falando...” (SIC). O terapeuta encerrou a sessão agradeceu a participação de todas, elogiou o comprometimento de todas ao longo do programa, e que encerrava o programa feliz e satisfeito, pois percebeu que todas aprenderam muito e

estão mais fortes e habilidosas em relação aos cuidados com seus filhos. No final da sessão foi realizado um lanche de confraternização.

No estágio final do desenvolvimento de um grupo alguns aspectos importantes são: reforçar as mudanças, discutir a incorporação das habilidades aprendidas no grupo às atividades da vida diária (Corey, 2000). Nesta última sessão buscou-se com a revisão dos principais temas de programa, com o *feedback* do terapeuta e das participantes reforçar o aprendizado obtido ao longo do programa e estimular a aplicação destes novos comportamentos e habilidades no relacionamento com os filhos.

Outros estudos com população semelhante desenvolveram estratégias para promover maior adesão e comprometimento das participantes. Oferecer ajuda de custo para o transporte, um kit com três alimentos não perecíveis, ligar uma vez por semana para lembrar-se da próxima sessão, estimular à realização das tarefas de casa e conversar com familiares (marido, filhos e filhas), foram estratégias que motivaram e resultaram em um elevado nível de participação e envolvimento (Gallo & Willians, 2005; Wilkis & Meiville, 2003; Stern, 2003).

O terapeuta levava em cada sessão café, chá e biscoitos. A partir da segunda sessão as participantes se mobilizaram e passaram a levar bolos, tortas, salgados e no final de cada encontro era realizado um lanche. Nos momentos do lanche as participantes interagiam de forma animada, conversavam sobre suas rotinas diárias e sobre assuntos discutidos durante a sessão.

No início do programa, buscou-se fortalecer o vínculo entre as participantes, estimular e valorizar a escuta, verbalizações, expressão de sentimentos e esforços para modificação de comportamentos. Um obstáculo encontrado em treinamento de pais é a resistência ao abandono de comportamentos negativos em relação aos filhos (Stern, 2003). Durante o programa foi possível identificar na história de vida das participantes,

fatores como condição social, nível escolar, práticas parentais e estrutura familiar semelhantes com literatura científica referente a essa população (Gomide, 2010; Rocha, 2012).

A baixa escolaridade das mães em famílias monoparentais, renda familiar escassa e o maior nível de estresse da mãe, contribuem para o aumento da vulnerabilidade da família a situações de risco. Fatores como acesso à saúde, creches e falta de apoio comunitária (Gallo & Willans, 2005; 2010). Das quatro participantes apenas P2 possuía bom relacionamento e apoio do marido, e este faleceu durante o período do programa.

O comportamento das participantes do grupo foi positivo em relação às atividades propostas, percebeu-se forte coesão grupal, diante de relatos difíceis, houve respeito e vontade de ajudar o outro. A coesão grupal pode ser compreendida como um importante fator terapêutico, responsável pela manutenção do sentimento de conforto e pertencimento, estima do grupo e aceitação incondicional dos outros membros (Leszcz & Yalom, 2006).

Foram utilizados visando a melhoria de comportamentos as estratégias de modelação e ensaio de comportamento. Estas estratégias podem ser consideradas fundamentais no trabalho com grupos. Como estratégias de avaliação pode-se observar comportamentos verbais e não verbais, e aspectos paralinguísticos da comunicação auxiliando na análise das contingências. Com a finalidade de intervenção estas estratégias facilitam a troca de experiências favorecendo o aprendizado de habilidades sociais, empatia e auto-revelação (Delliti & Derdyk, 2008).

A resposta do grupo foi positiva em relação aos ensaios comportamentais, técnicas que envolviam maior abstração como correlacionar imagens com

características pessoais, necessitaram de um auxílio do terapeuta na compreensão e execução. Uma hipótese para estes resultados é a baixa escolaridade das participantes.

Treinamentos de pais costumam ter como objetivo capacitar os pais no aumento da frequência de comportamentos positivos como impor limites para comportamentos inadequados, manifestar o afeto de forma positiva, pois os problemas comportamentais costumam ser as principais demandas para treinamento (Caminha, Almeida, & Scherer, 2011).

No enfrentamento do comportamento antissocial a prática educativa de monitoria positiva é descrita como aquela que mais restringe o comportamento antissocial. Quando os pais sabem onde os filhos estão, com quem estão, o que estão fazendo e que horas voltam para casa, eles dificultam o envolvimento dos filhos com pares desviantes (Gomide, 2004; 2006).

O comportamento moral como prática educativa tem um papel importante no ajustamento social da criança, pais que ensinam virtudes a seus filhos, por orientação ou pelo modelo de comportamento favorecem o desenvolvimento de valores como senso de justiça, honestidade e responsabilidade. Para que essa aprendizagem ocorra é necessário um ambiente familiar empático, afetivo, que a comunicação seja aberta e que os pais sejam responsivos em relação ao comportamento dos filhos (Gomide, 2010).

4.4. Avaliação da intervenção

A intervenção foi avaliada comparando-se os resultados de cada participante no IEP e ASR, do pré-teste com o pós teste e follow-up, por meio de médias, desvios padrões e teste de Z de Wilcoxon.

4.4.1. Inventário de estilos parentais IEP

As participantes responderam a versão de auto aplicação do IEP, onde os cuidadores avaliam a forma como educam seus filhos. A média geral do IEP no pré-teste foi de +3,75 (considerado Regular); no pósteste de +12 e no *follow up* +12,3 (considerados ótimos). P2 tinha comportamentos de monitoramento insuficientes (Monitoria positiva de risco) além de negligência, monitoria negativa de risco. Os dados do pré-teste mostraram P1 e P4 monitoravam os filhos com bons índices e P3 de forma regular e que tinham bons (P1, P2, P3) e regular (P4) índices de comportamento moral. Por outro lado, As quatro mães apresentaram comportamento de risco no que se refere aos abusos físicos em pré-teste, P2 e P4 apresentaram, além do abuso físico, prática de risco em monitoria negativa e negligência,

Apesar das mudanças positivas P1 continuou apresentado comportamento de risco em abuso físico e P2 em abuso físico e monitoria negativa. No geral, observou-se uma melhora expressiva, tanto no aumento de práticas educativas positivas como na diminuição das negativas no pós-teste e no follow-up, três meses após. P2 não participou do *follow up*, pois faleceu 15 dias antes da aplicação dos instrumentos. P2 estava em tratamento médico devido a problemas cardíacos, tinha perdido 5 quilos e estava motivada com a participação no grupo. Segundo informações coletadas com as outras participantes, ela sofreu um infarto e não resistiu (Tabela 6).

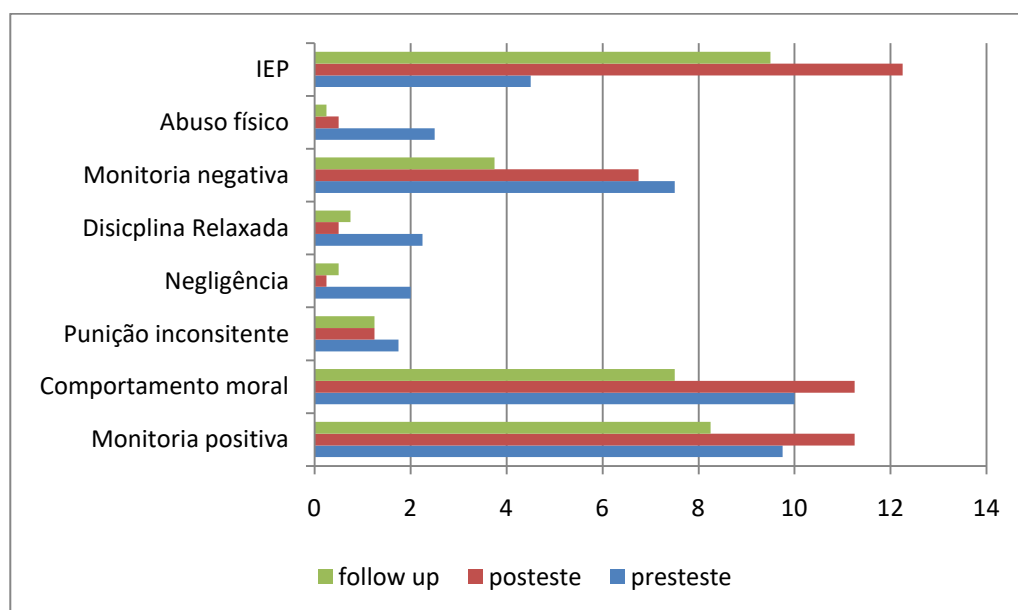
Tabela 7.

Escore do Inventário de estilos Parentais auto aplicação.

Participantes	Monitoria Positiva	Comport. Moral	Punição inconsistente	Negligência	Disciplina relaxada	Monit. negativa	Abuso físico	IEP
P1 Pré-teste P1	12 (2)	11 (2)	1 (1)	0 (1)	3 (3)	5 (3)	2 (4)	12
Pós-teste P1	12 (2)	9 (3)	1 (1)	0 (1)	1 (2)	4 (2)	1 (4)	14
Folow up	12 (2)	10 (2)	1 (1)	0 (1)	0 (1)	4 (2)	1 (4)	16
P2 Pré-teste P2	8 (4)	10 (2)	1 (1)	4 (4)	1 (2)	10 (4)	5 (4)	-3
Pós-teste P2	12 (2)	10 (2)	1 (1)	0 (1)	0 (1)	9 (4)	1 (4)	11
Folow up	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	---
P3 Pré-teste P3	9 (3)	10 (2)	2 (2)	1 (2)	2 (2)	6 (3)	2 (4)	6
Pós-teste P3	12 (2)	11(2)	2 (2)	0 (1)	0 (1)	7 (3)	0 (1)	14
Folow up	12 (2)	11(2)	2 (2)	0 (1)	1 (2)	6 (3)	0 (1)	14
P4 Pré-teste P4	10 (2)	9 (3)	3 (3)	3 (4)	3 (3)	9 (4)	1 (4)	0
Pósteste P4	9 (3)	10 (2)	1 (2)	1 (2)	1 (2)	7 (3)	0 (1)	9
Folow up	9 (3)	9 (3)	2 (2)	2 (3)	2 (2)	5 (3)	0 (1)	7

Interpretação: Estilo Parental (1) Ótimo; (2) Bom; (3) Regular e (4) de Risco.

Os escores do IEP geral e das práticas educativas podem ser analisados em relação ao pré-teste, pós-teste e *follow up*. Pode-se perceber um aumento significativo no IEP Geral. Em relação às práticas parentais negativas houve redução em todas. (Figura 2).

**Figura 2. Escores do Inventário de Estilos Parentais.**

Em relação às práticas parentais positivas, as participantes na autoavaliação do pré-teste tiveram uma pontuação elevada que não corresponde à realidade percebida durante o programa. Nas sessões de intervenção, verificou-se que o acompanhamento das atividades dos filhos era precário, muitas vezes não sabiam onde eles (P2 e P4) estavam. Não sabiam manifestar afeto (P2), havendo necessidade de treinamento específico para que pudessem falar com os filhos de modo atencioso, assertiva, com voz e postura adequadas (P1, P2, P3 e P4). A monitoria positiva refere-se ao acompanhamento consistente dos comportamentos dos filhos, saber com quem eles estão andando e onde estão (Bolsoni-Silva & Maturano, 2007; Feldman, 1977; Prust & Gomide, 2007). Durante o programa, P1, P2, P4 tentavam monitorar de forma adequada, porém, as atitudes dos maridos prejudicavam seus esforços, pois bebiam, usavam drogas, ficavam agressivos e esses motivos favoreciam que os adolescentes, para evitar conflitos, saíssem de casa.

Em relação às respostas das participantes no IEP encontra-se uma divergência nos resultados obtidos, foi percebido pelos relatos durante o programa. Em relação à monitoria positiva o que acontecia era que elas de forma geral até perguntavam aonde os filhos iam, mas não sabiam com quem estavam, o que estavam fazendo e se eles falavam a verdade. Em algumas situações os filhos mentiam e elas acreditavam ou “fingiam” que acreditavam, pedindo para que “Deus os proteja”.

P4 relatou o envolvimento dos genitores e irmãos com a criminalidade. O ambiente familiar coercitivo e as ameaças contribuíram para que os adolescentes ficassem mais vulneráveis, na rua “esperando o pai se acalmar”, facilitando o contato com grupos desviantes. Estes dados corroboram com o modelo Sócio-Interacionista de (Patterson et al, 1992), pois este adolescente tinha uma baixa escolaridade, pai e irmão mais velho com histórico de prisão, tentativas fracassadas de manter-se empregado.

Supõe-se que, em virtude da forte religiosidade, elas acreditassem ter valores morais, mas não avaliavam se transmitiam estes valores para os filhos. Viviam em função das regras e não das consequências. Nas práticas parentais das mães pode-se afirmar que os comportamentos eram governados por regras e não pelas consequências. Denomina-se regra os estímulos que antecedem que descrevem uma contingência (Catania, 1999). Os adolescentes tinham comportamentos inadequados mesmo com as orientações das mães, mas não sofriam as consequências da desobediência e do comportamento de mentir.

Os genitores, por outro lado, apresentaram elevados indicativos de comportamentos antissociais tais como, uso elevado de bebida alcoólica (P1, P2 e P4), drogas (P1 e P4) e envolvimento em crimes (P1 e P4).

Entre as práticas parentais negativas, a punição inconsistente no pré-teste, com média de + 1,7.; pós- teste +1,2 e +1,6 no *follow up*. Na punição inconsistente os filhos diante de um comportamento são punidos em determinadas ocasiões e não em outras. Este comportamento instável prejudica a aprendizagem da criança ou adolescente, dificultando a discriminação do certo ou errado, pois o estado emocional das mães, mais calmas ou mais irritadas, é mais determinante que o comportamento do filho. P2 durante o programa relatou que o ambiente familiar era muito “pesado” em casa, conflitos conjugais, falta de comunicação do marido tanto com ela como com o filho, causas do distanciamento filho em relação à família, e reconheceu que errou algumas vezes devido ao seu comportamento explosivo, que aprendeu no programa a controlar melhor seu humor e escolher o adequado momento para conversar.

Pesquisas com mães de infratores tendem a descrever mães com índice de risco em punição inconsistente. Na mesma instituição onde foi realizada essa intervenção (Grabicoski, 2016), avaliou 15 famílias, 15 adolescentes, 14 mães, 6 pais e 1 avó, em

relação às práticas parentais nesta mesma instituição e identificou grande variação de resultados em relação à punição inconsistente. A média das mães nesta prática foi de 5,4. Nessa pesquisa 9 mães e 3 pais relataram a prática de fazer ameaças de castigo ou punição e não aplicarem. Os resultados do IEP desta prática foram incompatíveis com os comportamentos observados e relatos durante o programa, pois P3 e P4 que demonstravam maior estabilidade emocional e controle emocional obtiveram pontuação maior que P1 e P2 que relataram impulsividade e dificuldade de controle emocional em determinadas situações com os filhos e se classificaram como prática parental ótima neste critério.

Em negligência a pontuação média no pré-teste foi + 2,0 (regular); + 0,25 no pós-teste e + 0,6 no *follow up*. P2 e P4 apresentaram estilo parental de risco no pré-teste, P2 reduziu a negligência para níveis ótimos e P4 para níveis regulares. As demais participantes apresentaram estilo parental bom ou ótimo em relação à negligência. Pais negligentes não respondem às necessidades dos filhos, são irresponsáveis em relação aos cuidados da criança, colocando-os em risco. Filhos de pais negligentes tendem a apresentar comportamentos agressivos e a se isolar, a falta de afeto dos cuidadores limita o aprendizado da afetividade e do desenvolvimento das habilidades sociais (Gomide, Salvo, Pinheiro & Sabbag, 2005; Nardi & Dell'Anglio, 2012; Pacheco & Hutz, 2009; Salvo, Silveira & Toni, 2005). A disponibilidade das participantes em participar do programa denota comportamento de envolvimento e disposição para melhorar seus relacionamentos com os adolescentes.

Em disciplina relaxada a média do pré-teste foi + 2,2 (bom); no pós-teste, + 0,5 e + 1,0 no *follow up* considerados ótimos. Esta prática parental refere-se ao não cumprimento das regras estabelecidas, os pais evitam o conflito com seus filhos deixando de lado seu papel educativo (Patterson, Reid & Dishion, 1992). Variáveis

individuais, como temperamento e características comportamentais dos pais favorecem o desenvolvimento da impulsividade e da agressividade na criança de forma recíproca.

A falta de efetividade dos pais em suas práticas parentais, somada aos comportamentos inadequados dos filhos elevam a possibilidade de uma criança desenvolver comportamentos opositores e desafiadores (Salvo, Silhares & Toni 2005). P3 comentou algumas vezes, durante o programa, que seu marido exercia essa função disciplinar em casa e, com o seu falecimento, ela passou a assumir a função com auxílio dos outros filhos.

Foi possível identificar um padrão de comportamento comum nas participantes, o fato de falar o que era certo ou errado era caracterizado como um bom comportamento por parte delas “estavam cumprindo o seu papel” embora os filhos não correspondessem de acordo com as regras ou combinados estabelecidos. P1, P2 e P4 diante dos comportamentos dos genitores, agressivos, inadequados principalmente sob efeito de álcool e outras drogas dos maridos ou ex-marido P1, acabavam relaxando na disciplina, com pena dos adolescentes. Durante o programa com as intervenções elas perceberam que era possível ser mais incisivas em relação aos comportamentos positivos esperados.

Na monitoria negativa a média no pré-teste foi + 7,5 (risco); no pós-teste +6,7 e +4,3 no *follow up*. Esta prática educativa caracteriza-se pelo excesso de ordens e fiscalização dos pais, prejudicando a relação com os filhos. O uso demasiado do controle psicológico, pela retirada do amor ou indução de culpa costumam gerar nos filhos comportamentos de hostilidade, insegurança, mentiras e ocultações, favorecendo a inclusão do adolescente em grupos desviantes (Barber, 1996; Patterson et. al, 1992)

Todas as participantes perceberam em suas relações com os filhos a utilização da monitoria negativa e justificaram seus comportamentos pela ausência de uma figura

paterna positiva. Certas estratégias são formas de controlar os filhos, mesmo inadequadas são as que em determinadas situações de conflito ou de dificuldade acabam utilizadas. Na última sessão do programa todas admitiram dificuldades em relação a essa prática, nos discursos do grupo houve um consenso de mistura de sentimento de culpa (pela prisão do filho), preocupação com os filhos no CENSE, e na saída da instituição em relação a futuros atos infracionais.

Em abuso físico a média do pré-teste foi + 2,5, pós-teste + 0,5 e *follow up* + 0,3. P1, P2 e P3 apresentaram no pré-teste estilo parental de risco e P4 regular, foi possível identificar uma redução no uso de abuso físico em P1 e P2, passaram para o nível regular e P3 e P4 para ótimo. Na sessão em que foi abordado o abuso físico P1, P2 e P3 relataram que os genitores utilizavam o abuso físico como prática educativa, dos adolescentes, estes pais tinham histórico de negligência, abuso físico e ambiente familiar hostil (P1 e P2). O abuso físico caracteriza-se pelo uso da força física com intenção de machucar a criança como espancamento, queimar, morder, chutar, etc.. (Gomide, 2006). O ambiente familiar violento está correlacionado como um dos principais fatores desencadeadores do desenvolvimento do comportamento antissocial, comportamento criminoso e distúrbios psiquiátricos (Gomide, 2009; Haapasotoa & Pokelaa, 1999,)

4.4.2. Inventário ASR

Os dados obtidos foram incluídos no programa IBM SPSS Statistics 20. Foram analisados os escores totais do pré, pós-teste e *follow up* de algumas variáveis do ASR, aquelas possíveis de serem modificadas pelas intervenções, quais sejam: amigos, família, e as categorias que avaliavam problemas comportamentais internalizantes e externalizantes: ansiedade / depressão, retraimento, problemas de pensamento,

comportamento agressivo, problemas depressivo, problemas de ansiedade, problemas internalizantes, problemas externalizantes.

A tabela 7 corresponde às variáveis do inventário nas quais se esperava aumento de pontuação após a intervenção. Na categoria amigos houve elevação da pontuação em todas as participantes entre o pré-teste, pós-teste e follow up, com especial destaque para P4, cuja melhora foi significativa, (nível clínico para o normal). Não houve alterações significativas nos índices da categoria “família” em função da intervenção (Tabela8).

Tabela 8.
ASR Amigos e família.

Testes	P1	P2	P3	P4
Amigos				
Pré teste	44	42	58	20
Pós teste	53	46	60	39
Folow up	53	---	60	46
Família				
Pré teste	58	50	56	56
Pós teste	58	46	56	56
Folow up	56	---	56	50

Interpretação ; > 35 (normal), 30 a 35 (limítrofe) e < 30 (clínico)

Em geral, houve redução na maioria das categorias que avaliavam problemas comportamentais internalizantes e externalizantes, os resultados do teste Z de Wilcoxon comparando as médias de pré-teste, e *follow up* encontrou-se diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis $Z = (0,03)$.

Em ansiedade e depressão houve redução em todas as participantes, P4 passou do nível clínico para limítrofe. Em problemas de pensamento P1 passou de limítrofe para normal, P3 apresentou redução de 8 pontos e P4 manteve-se no nível clínico embora tenha diminuído seu escore em 7 pontos.

Em retraimento, problemas internalizantes e problemas externalizantes a redução ocorreu para as 3 participantes. O comportamento agressivo foi reduzido em P1 e P3, os problemas de depressão em P1 e P4. Em problemas de ansiedade P3 e P4 apresentaram redução de 2 e 3 pontos respectivamente e P2 um aumento de 6 pontos passando do nível normal para o limítrofe (Tabela 6).

Tabela 9.
ASR Redução.

	P1			P2			P3			P4		
	Pré teste	Pós teste	Follow up	Pré teste	Pós teste	Follow up	Pré teste	Pós teste	Follow up	Pré teste	Pós teste	Follow up
Ansiedade / Depressão (a)	53	53	53	59	52	---	55	50	50	72	68	68
Retraimento (a)	55	50	50	65	62	---	53	51	51	70	59	59
Problemas de Pensamento (a)	62	55	55	51	54	---	58	50	50	79	77	70
Comportamento Agressivo (a)	58	51	50	65	56	---	50	51	50	52	51	52
Problemas Depressivos (a)	58	50	50	51	50	---	50	50	50	74	68	70
Problemas de Ansiedade (a)	55	62	62	53	52	---	52	50	50	62	65	59
Problemas Internalizantes (b)	54	51	46	62	55	---	51	38	38	86	77	40
Problemas Externalizantes (b)	57	48	50	65	50	---	42	45	32	52	45	46

Interpretação: Variáveis categoria (a) >70 clínico, 65 a 68 limítrofe e < 65 normal

Variáveis categoria (a) >63 clínico, 60 a 63 limítrofe e < 60 normal

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou alguns resultados que corroboram com a literatura referente aos programas de intervenção com essa população. Foi preciso um esforço significativo por parte do pesquisador para manter o grupo até o final do programa. Estratégias como o acolhimento na primeira sessão, distribuição do kit alimentação, recurso financeiro para o transporte, telefonemas durante a semana para manter o contato, lembrar da sessão, reforçar a participação ou manifestar o apoio emocional mostraram-se eficaz no envolvimento das participantes no grupo, na disponibilidade e motivação.

Na condução do grupo, manter uma postura continente foi fundamental, para isso foi necessário nas primeiras sessões identificar e reconhecer forças que pudessem afetar a coesão do grupo, ser flexível e consistente em situações referentes ao cumprimento de horários e tarefas. Ao entender as participantes do grupo como agentes de mudança, buscou-se tornar as atividades interessantes e possíveis de serem aplicadas no contexto familiar.

A pesquisa demonstrou que aprendizagem interpessoal é um importante fator terapêutico, pois possibilita o autoconhecimento, o conhecimento do outro, novas formas de comunicação e oportuniza experiências emocionais corretivas como refere Leszcz e Yalom (2006). As atividades desenvolvidas foram enfatizadas em situações do presente, o foco foi no “aqui e agora”, pois as temáticas desenvolvidas no grupo precisavam ser treinadas e avaliadas.

É importante lembrar que jovens de comunidades carentes são vulneráveis ao contexto em que vive, o repertório comportamental de pais e mães nessas populações costuma ser limitado. Na literatura o grau de instrução dos pais está correlacionado com o uso de punição física, condição econômica, ausência de monitoria e negligência.

O abuso físico e a negligência estão entre as práticas parentais negativas mais determinantes para o comportamento antissocial e criminoso. (Gomide, 2003; Feldman, 1977; Kazdin & Buela-Casal, 2001).

Embora a proposta inicial fosse realizar um trabalho com familiares, pais, mães ou avós muitas vezes cuidadoras nesta situação, o grupo foi composto exclusivamente por mães. Adolescentes infratores tendem a apresentar uma relação com a mãe, caracterizada pelo não cumprimento de regras por parte dos adolescentes, mas também de lealdade com a mãe, pois ela tende a ser o último familiar a ficar ao lado do adolescente em conflito com a lei (Pereira & Sudbrak, 2008).

Estas mulheres geralmente apresentam baixa escolaridade e consequentemente é comum viverem em condições socioeconômicas desfavoráveis e apresentarem sobrecarga emocional. Este fator foi observado em todas as participantes. Diante do contexto infracional o papel da mãe pode ser fundamental para uma “virada de mesa”, embora exista uma tendência das mães à permissividade, minimização das consequências dos comportamentos infratores e centralização da resolução de problemas familiares. Todas essas características são comuns em famílias de menores infratores famílias (Pereira & Sudbrak, 2008).

Em três famílias que participaram da pesquisa identificou-se uma relação ruim com o pai, P1, P2 e P4, desafetos familiares, ausência paterna, abuso físico e baixa afetividade são evidências comuns nesse perfil de família (Branco et al, 2008; Feijó & Assis, 2004; Nardi & Dell’ Aglio, 2012). P3 relatou que seu filho tinha uma relação boa com o pai este dado foi observado pelo terapeuta no momento da visita familiar, nas conversas por telefone com o pai, e na entrevista de apoio com o adolescente, com foco no apoio referente ao luto realizada após o *follow up* de P3. Segundo o adolescente seu pai era “um homem muito correto, honesto, líder na igreja, todo mundo gostava dele”

(SIC). Nesta entrevista foi possível identificar a mudança no comportamento da mãe na percepção do adolescente. Quanto questionado sobre o comportamento da mãe ele respondeu “ôôô doutor, não sei o que o senhor fez com a mãe mais ela tá mais linha dura que quando eu tinha pai e mãe... risos... o senhor fez um bom trabalho... risos...” (SIC).

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados, tendo sido avaliados os resultados de uma intervenção com mães de adolescentes infratores, foram identificadas as práticas negativas e positivas utilizadas pelas mães dos adolescentes infratores na educação de seus filhos e foram treinadas habilidades de comunicação para o aprimoramento das práticas parentais.

As hipóteses que o treinamento de habilidades sociais e de práticas parentais pode contribuir para redução de práticas parentais negativas, aprimorar o relacionamento da mães com os filhos, treinar práticas educativas que inibam comportamentos de risco e promover redução nos níveis de ansiedade e depressão nas participantes se confirmou através dos resultados alcançados.

Em ansiedade e depressão houve redução em todas as participantes, P4 passou do nível clínico limítrofe para limítrofe. Em problemas de pensamento P1 passou de limítrofe para normal, P3 apresentou redução de 8 pontos e P4 manteve-se no nível clínico embora tenha diminuído seu escore em 7 pontos.

Em retraimento, problemas internalizantes e problemas externalizantes a redução ocorreu para três participantes. O comportamento agressivo foi reduzido em P1 e P3, os problemas de depressão em P1 e P4. Em problemas de ansiedade P3 e P4 apresentaram redução de 2 e 3 pontos respectivamente e P2 um aumento de 6 pontos passando do nível normal para o limítrofe.

A intervenção realizada com as participantes propiciou melhora nos escores do IEP e melhora nos resultados do ASR.

Em relação ao IEP, constatou-se redução nas práticas parentais negativas e consequentemente uma melhora significativa no resultado do IEP Geral. Em relação às práticas positivas as percepções das participantes estavam distorcidas em relação à autoavaliação. Para futuras pesquisas é importante aplicar o IEP nos filhos para comparar os resultados.

Ao proporcionar a redução dos comportamentos inadequados dos filhos, estimular pais a exercer uma monitoria positiva, e a melhorar a comunicação, este programa traz uma importante contribuição à sociedade. As habilidades sociais educativas podem promover maior competência a esses pais e ambientes como a escola podem ser estratégicos para a prevenção do comportamento infrator (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002).

Ao descrever detalhadamente o programa de intervenção, este trabalho contribuiu para futuras intervenções com mães ou familiares de adolescentes infratores. Uma sugestão para futuros estudos é investir no incentivo para a participação e manutenção dos participantes em grupos, seja em ações grupais ou individuais quando necessário. Compreender as participantes do grupo como membro de uma família e assim envolver mais familiares, pois em momentos de chegada e saída foi possível conhecer outros filhos, irmãos, marido, primas e assim ampliar a rede de apoio, esta postura pode render generosos frutos, tão ou mais importante que qualquer técnica específica que possa ser utilizada.

Trabalhos como esse podem dar grandes contribuições às famílias participantes, entretanto para ter êxito, é preciso ser pesquisador, para analisar de forma mais precisa e correta os resultados, ser um líder para envolver e motivar o grupo, ser terapeuta para

saber conduzir o grupo articulando momentos de psicoeducação, apoio emocional e mobilização para a mudança, é preciso ser inspirador, fazer as mães acreditarem que elas podem ser melhores, que podem fazer mais, mesmo diante de suas limitações e de um contexto social tão desfavorável.

Na elaboração e aplicação de um programa como esse é imprescindível destacar o papel do psicólogo. A capacitação do profissional para acompanhar grupos de cuidadores é um fator determinante no sucesso deste tipo de intervenção. Várias habilidades são necessárias: conhecimento teórico sobre o desenvolvimento antissocial e práticas educativas parentais, manejo de grupo, uso de recursos técnicos atualizados e voltados para esta população, apoio da instituição e comprometimento do terapeuta. O contexto é desfavorável e a população a ser atendida não está por si motivada para melhorar as habilidades parentais.

APÊNDICES

Apêndice A Solicitação AUTORIZAÇÃO para realização de Pesquisa

Solicitação de AUTORIZAÇÃO para realização de Pesquisa

EXCELENTÍSSIMO SENHOR Leonildo de Souza Grota
SECRETÁRIO DA JUSTIÇA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS DO PARANÁ

Vimos por meio desta, solicitar autorização de Vossa Excelência para a realização de pesquisa intitulada “Programa de Escolarização para adolescentes em regime de internação”, que tem por objetivo elaborar, aplicar e analisar um programa de escolarização individual para adolescentes em regime de internação no CENSE – Centro de Socioeducação de Ponta Grossa.

O modelo brasileiro de educação pública vem formando adolescentes que apresentam grande defasagem escolar, muitos deles sendo ainda analfabetos não obstante terem alcançado os últimos anos do ensino fundamental. Essa defasagem em diversos casos resulta na evasão escolar, e esta é associada à prática infracional e ao uso de entorpecentes.

Pela necessidade de melhor se entender a relação entre o analfabetismo ou defasagem escolar e o ato infracional, justifica-se a elaboração e aplicação de um programa de escolarização individual com adolescentes internados em unidade de socioeducação, na modalidade reforço escolar, com o intuito de verificar se a promoção pedagógica diminui os índices de reiteração infracional.

A responsável pela pesquisa, Vanessa Harmuch Perez Erlich, é Promotora de Justiça da Infância e Juventude da Comarca de Ponta Grossa e aluna do Mestrado em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Área de Concentração Psicologia Forense (podendo ser contatada pelos telefones 42 99724479 e 42 32242357) e sua orientadora é a Prof. Dra. Paula Inez Cunha Gomide.

Quanto ao método, busca-se com a presente pesquisa trabalhar individualmente com um grupo de adolescentes selecionados dentre os acima mencionados, que continuarão frequentando a escola que existe dentro daquela unidade, em aulas de reforço escolar, cerca de três vezes na semana, com ênfase em português e matemática, alfabetizando aqueles que necessitem, e nivelando os demais, que na sua maioria apresentam grande defasagem com relação à série em que estão inseridos.

Tais adolescentes, antes da aplicação do programa, serão avaliados pelos psicólogo Everton Adriano de Moraes (CRP 08/19778) e Leandro Cesar Tirelli Martins (CRP 08/21543), também alunos do Mestrado em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Área de Concentração Psicologia Forense, cujas solicitações de autorização de pesquisas seguem anexas, que aplicarão diversos testes, buscando averiguar o desenvolvimento cognitivo e o nível de escolaridade, propiciando a intervenção adequada do presente programa.

O programa contará com auxiliares de pesquisa, acadêmicos de pedagogia e/ou psicologia, que aplicarão as atividades previamente formuladas para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da matemática, seguindo algumas diretrizes:

I - o programa terá a duração de três a quatro meses. Cada adolescente terá aulas individuais de reforço escolar três vezes na semana, com 2 horas de duração, ou seja, 39 sessões;

II - as aulas de reforço terão ênfase em português e matemática, com exercícios e questões que respeitem a vivência de cada um, partindo sempre da leitura de uma fábula (eventualmente um filme), com base na qual todo o plano de aula será elaborado;

III - serão elaborados quatro roteiros-padrão, para as primeiras etapas do ensino fundamental: (a) para os analfabetos; (b) para 1º e 2º anos; (c) para 3º e 4º anos; e (d) para 5º e 6º anos. Esses roteiros serão adaptados segundo as particularidades de cada adolescente;

IV - cada adolescente terá uma ficha que deverá ser preenchida pelo auxiliar de pesquisa ao final de cada aula de reforço;

V - o programa será aplicado em 20 adolescentes, paulatinamente, conforme forem ingressando na unidade.

No que toca ao período de atuação e à periodicidade, a intenção é começar a aplicar o programa em agosto/2015, mas não há prazo certo para o encerramento, pois isto

dependerá do ingresso do vigésimo adolescente no programa.

Não haverá retorno financeiro.

Consigno que os acadêmicos interessados receberão orientações adequadas de como proceder, e serão selecionados dentre aqueles que apresentarem perfil para a pesquisa, já que estaremos tratando com adolescentes em situação de total vulnerabilidade.

Finalmente, confiando que tal intervenção promoverá uma mudança na vida desses adolescentes, poderíamos pensar em futuro convênio com as faculdades, para seguirmos com a aplicação deste programa tanto na unidade de cumprimento de medida em meio fechado de Ponta Grossa, quanto em outras do Estado.

Após a conclusão da pesquisa nos comprometemos a informar a Vossa Excelência os resultados obtidos e garantimos o total sigilo no que se refere a manter em anonimato os nomes e identidades dos participantes.

Antecipadamente agradecemos a sua valorosa colaboração que contribuirá para o desenvolvimento do conhecimento nesta área e sem a qual este estudo não poderia ser realizado.

Paula Inez Cunha Gomide
Professora Orientadora
Psicóloga CRP 08/ 00416

Vanessa Harmuch Perez Erlich
Mestranda em Psicologia Forense
Promotora de Justiça

Eu, _____, autorizo a coleta de dados desta pesquisa e compreendo que poderei retirar a minha autorização a qualquer momento.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Apêndice B Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Programa de Intervenção com mães de adolescentes em conflito com a lei”, no CENSE de Ponta Grossa. Este programa foi idealizado, no intuito de promover o aprendizado e aprimoramento de comportamentos prossociais com base no ensinamento das virtudes, realizar orientações sobre as consequências das práticas parentais negativas e avaliar a eficácia do mesmo.

O Programa consta de 12 encontros de 90 minutos, a ser desenvolvido semanalmente com um grupo de mães e familiares de adolescentes em conflito com a lei. Para realização da pesquisa necessitaremos aplicar o programa em dois grupos: um experimental e um controle, com 20 mães em cada um deles. Além das atividades de grupo aplicadas nos encontros os participantes responderão 3 instrumentos; o Inventário de Estilos Parentais IEP, (Gomide 2006) e o Inventário de Auto-avaliação para adultos de 18 a 59 anos (ASR) e o Histórico Infracional de Familiares. Estes instrumentos serão aplicados em 3 momentos, uma semana antes do programa, e duas vezes após a conclusão do programa, uma semana depois do término e a última 3 meses depois. Este programa não oferece riscos aos participantes, se surgir algum desconforto durante o processo psicoterapeuta realizará as devidas intervenções e se necessário realizará o devido encaminhamento. Sua participação é voluntária, podendo desistir em qualquer momento.

Os dados serão coletados e analisados pelo responsável pela Pesquisa, psicólogo Alfredo Hauer Junior CRP – 08 / 07494-2 aluno do Mestrado em Psicologia Forense da Universidade Tuiuti do Paraná. Seus contatos são (41 9971-6336 e 41 3029-4713). Esta pesquisa será supervisionada pela sua orientadora Dra. Paula Inez Cunha Gomide.

Para podermos realizar a Pesquisa “Programa de Intervenção com mães de adolescentes em conflito com a lei”, precisamos de sua colaboração autorizando a coleta de dados que será realizada durante o Programa no CENSE. Você poderá interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem que isto lhe acarrete qualquer tipo de prejuízo.

Os dados obtidos serão analisados e poderão ser submetidos à publicação, independentemente dos resultados finais, com o compromisso ético de manter a sua identidade em absoluto sigilo. A identidade dos participantes ou materiais que identifiquem a sua participação, não serão liberados sem permissão formal, caso sejam utilizados em pesquisas ou publicações.

Antecipadamente agradecemos a sua valorosa colaboração que contribuirá para o desenvolvimento do conhecimento nesta área e sem a qual este estudo não poderia ser realizado

Eu, _____, autorizo a coleta de dados desta pesquisa e compreendo que poderei interromper a minha autorização a qualquer momento.

Curitiba, _____, de _____ de 2016.

Alfredo Hauer Junior

Psicólogo CRP08/ 07494-2

Especialista em Psicologia Clínica

Mestrando em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Forense, UTP.

Paula Inez Cunha Gomide

Psicóloga CRP-08/00416

Doutora em Psicologia, Coordenadora do Mestrado em Psicologia Forense, UTP.

Apêndice C Inventário de Estilos Parentais (IEP)

Inventário de Estilos Parentais (IEP) Práticas educativas maternas e paternas Auto-aplicação

Paula Inez Cunha Gomide

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como **você** educa seu/sua filho(a).

Identificação

Nome: _____ Idade: _____
Escolaridade: _____ Sexo: ()m ()f
Nome do filho(a): _____

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a frequência com que **você** age nas situações relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o seu possível comportamento naquelas circunstâncias.

Utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

NUNCA: se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes.

ÀS VEZES: se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes.

SEMPRE: se, considerando 10 episódios, você agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.


Entre 10 episódios

	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando meu filho(a) sai, ele(a) conta espontaneamente onde vai.			
2. Ensino meu filho(a) a devolver objetos ou dinheiro que não pertencem a ele(a).			
3. Quando meu filho(a) faz algo errado, a punição que aplico é mais severa dependendo de meu humor.			
4. Meu trabalho atrapalha na atenção que dou a meu filho(a).			
5. Ameaço que vou bater ou castigar e depois não faço nada.			
6. Critico qualquer coisa que meu filho(a) faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
7. Bato com cinta ou outros objetos nele(a).			
8. Pergunto como foi seu dia na escola e o ouço atentamente.			
9. Se meu filho(a) colar na prova, explico que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a si mesmo(a).			
10. Quando estou alegre, não me importo com as coisas erradas que meu filho(a) faça.			

	Entre 10 episódios		
	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
11. Meu filho(a) sente dificuldades em contar seus problemas para mim, pois vivo ocupado(a).			
12. Quando castigo meu filho(a) e ele pede para sair do castigo, após um pouco de insistência, permito que saia do castigo.			
13. Quando meu filho(a) sai, telefono procurando por ele(a) muitas vezes.			
14. Meu filho(a) tem muito medo de apanhar de mim.			
15. Quando meu filho(a) está triste ou aborrecido(a), interesso-me em ajudá-lo a resolver o problema.			
16. Se meu filho(a) estragar alguma coisa de alguém, ensino a contar o que fez e pedir desculpas.			
17. Castigo-o(a) quando estou nervoso(a); assim que passa a raiva, peço desculpas.			
18. Meu filho(a) fica sozinho em casa a maior parte do tempo.			
19. Durante uma briga, meu filho(a) xinga ou grita comigo e, então, eu o(a) deixo em paz.			
20. Controlo com quem meu filho(a) fala ou sai.			
21. Meu filho(a) fica machucado fisicamente quando bato nele(a).			
22. Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefono para saber como meu filho(a) está.			
23. Aconselho meu filho(a) a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.			
24. Quando estou nervoso(a), acabo descontando em meu filho(a).			
25. Percebo que meu filho(a) sente que não dou atenção a ele(a).			
26. Quando mando meu filho(a) estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e ele não obedece, eu "deixo pra lá".			
27. Especialmente nas horas das refeições, fico dando as "broncas".			
28. Meu filho(a) sente ódio de mim quando bato nele(a).			
29. Após uma festa, quero saber se meu filho(a) se divertiu.			
30. Converso com meu filho(a) sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.			
31. Sou mal-humorado(a) com meu filho.			
32. Não sei dizer do que meu filho(a) gosta.			
33. Aviso que não vou dar um presente para meu filho(a) caso não estude, mas, na hora "H", fico com pena e dou o presente.			
34. Se meu filho(a) vai a uma festa, somente quero saber se bebeu, se fumou ou se estava com aquele grupo de maus elementos.			
35. Sou agressivo (a) com meu filho(a).			
36. Estabeleço regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explico as razões sem brigar.			
37. Converso sobre o futuro trabalho ou profissão de meu filho, mostrando os pontos positivos ou negativos de sua escolha.			
38. Quando estou mal-humorado(a), não deixo meu filho(a) sair com os amigos.			
39. Ignoro os problemas de meu filho(a).			
40. Quando meu filho fica muito nervoso(a) em uma discussão ou briga, ele(a) percebe que isto me amedronta.			
41. Se meu filho(a) estiver aborrecido(a), fico insistindo para ele contar o que aconteceu, mesmo que ele(a) não queira contar.			
42. Sou violento(a) com meu filho(a).			

Este inventário é referente à obra *Inventário de Estilos Parentais*.

Apêndice D Inventário de auto-avaliação para adultos de 18 a 59 anos (ASR)



Achenbach
System of
Empirically
Based
Assessment

INVENTÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO PARA ADULTOS DE 18 A 59 ANOS (ASR)

Nº de Identificação _____

NOME COMPLETO: _____

TIPO DE TRABALHO (ocupação habitual), mesmo que você não esteja trabalhando no momento. Favor especificar - por exemplo: mecânico de automóveis, professor(a) de ensino médio, dona de casa, operário, vendedor de sapato, sargento do exército, estudante (Indique o que está estudando e que título você pretende alcançar).

Seu trabalho: _____

Trabalho do(a) esposo(a) ou companheiro(a): _____

SEXO

☐ Masculino

☐ Feminino

IDADE

Dia ____ Mês ____ Ano ____

ETNIA OU COR DE PELE

Dia ____ Mês ____ Ano ____

DATA DE HOJE

Dia ____ Mês ____ Ano ____

DATA DE NASCIMENTO

Dia ____ Mês ____ Ano ____

Favor preencher esse questionário de acordo com seu ponto de vista, mesmo que outras pessoas não concordem. Você não precisa gastar muito tempo com nenhum item. Comentários adicionais são bem vindos. FAVOR RESPONDER TODOS OS ITENS.

POR FAVOR, ASSINALE SUA ESCOLARIDADE MÁXIMA

<input type="checkbox"/> 1. Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto	<input type="checkbox"/> 6. Ensino Superior Completo (4 ou mais anos)
<input type="checkbox"/> 2. Ensino Fundamental completo	<input type="checkbox"/> 7. Pós-graduação incompleta
<input type="checkbox"/> 3. Ensino Médio completo	<input type="checkbox"/> 8. Mestrado
<input type="checkbox"/> 4. Ensino Superior incompleto	<input type="checkbox"/> 9. Doutorado
<input type="checkbox"/> 5. Ensino Superior Tecnológico completo (curso de 2 anos)	<input type="checkbox"/> Outro (especifique): _____

I. AMIGOS:

A. Aproximadamente quantos(as) amigos(as) próximos(as) você tem? (*Não incluir* pessoas da família)

☐ Nenhum ☐ 1 ☐ 2 ou 3 ☐ 4 ou mais

B. Aproximadamente quantas vezes por mês você tem contato com qualquer um dos(as) seus(suas) amigos(as) próximos(as)? (Incluir contatos pessoalmente ou através de telefonemas, cartas e e-mails)

☐ Menos de 1 ☐ 1 ou 2 ☐ 3 ou 4 ☐ 5 ou mais

C. Até que ponto você se dá bem com seus(suas) amigos(as) próximos?

☐ Não se dá bem ☐ Na média ☐ Acima da média ☐ Bem acima da média

D. Aproximadamente quantas vezes por mês amigos ou familiares visitam você?

☐ Menos de 1 ☐ 1 ou 2 ☐ 3 ou 4 ☐ 5 ou mais

II. ESPOSO(A) OU COMPANHEIRO(A):

Qual é o seu estado civil?

☐ Nunca fui casado(a) ☐ Casado, mas separado do esposo(a)

☐ Casado e vivendo com o esposo(a) ☐ Divorciado(a)

☐ Viúvo(a) ☐ Outro - Por favor, descreva: _____

Em algum momento nos últimos seis meses, você viveu com seu/sua esposo(a) ou companheiro(a)?

☐ Não - Favor pular os próximos itens e ir para a página 2.

☐ Sim - Circule 0, 1 ou 2 ao lado das afirmações A-H para descrever o seu relacionamento nos últimos seis meses:

0 = NÃO É VERDADEIRA	1 = UM POUCO VERDADEIRA OU ALGUMAS VEZES VERDADEIRA	2 = MUITO VERDADEIRA OU FREQUENTEMENTE VERDADEIRA
0 1 2 A. Eu me dou bem com meu(minha) esposo(a) ou companheiro(a)	0 1 2 E. Eu e meu(minha) esposo(a) ou companheiro(a) discordamos quanto à questões de administração do lar, como onde morar	
0 1 2 B. Eu e meu esposo(a) ou companheiro(a) temos dificuldades em dividir as responsabilidades	0 1 2 F. Eu tenho problemas com a família do meu(minha) esposo(a) ou companheiro(a)	
0 1 2 C. Eu me sinto satisfeito(a) com meu(minha) esposo(a) ou companheiro(a)	0 1 2 G. Gosto dos amigos do meu(minha) esposo(a) ou companheiro(a)	
0 1 2 D. Eu e meu(minha) esposo(a) ou companheiro(a) gostamos de atividades semelhantes	0 1 2 H. O comportamento de meu(minha) esposo(a) ou companheiro(a) me incomoda	

Favor verificar se todos os itens foram respondidos.

Copyright 2003 T. Achenbach
ASEBA, University of Vermont
1 South Prospect St., Burlington, VT 05401-3456
www.ASEBA.org

Versão brasileira do "Adult Self-Report for ages 18-59"
traduzida por: MM Rocha & EFM Silveiras (2010)
asebabrasil@gmail.com

REPRODUZIDA SOB LICENÇA Nº 207-12-04-06. PROIBIDA A REPRODUÇÃO NÃO AUTORIZADA.

Página 1

FAVOR RESPONDER TODOS OS ITENS.

III. FAMÍLIA:

Comparando com outro, como é seu relacionamento com:

		Pior do que a média	Varia ou na média	Melhor do que a média	Não tenho Contato
A. seus irmãos?	<input type="checkbox"/> Não tenho irmãos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B. suas irmãs?	<input type="checkbox"/> Não tenho irmãs	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C. sua mãe?	<input type="checkbox"/> Mãe falecida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D. seu pai?	<input type="checkbox"/> Pai falecido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E. seus filhos biológicos ou adotados?	<input type="checkbox"/> Não tenho filhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1. Filho mais velho	<input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Segundo filho	<input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Terceiro filho	<input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Outro	<input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
F. seus enteados?	<input type="checkbox"/> Não tenho enteado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

IV. EMPREGO: Em algum momento nos últimos seis meses, você exerceu alguma atividade remunerada (inclusive trabalho por conta própria ou serviço militar)?☐ Não – Por favor, vá para a seção V.☐ Sim – Por favor, descreva o(s) trabalho(s): _____

Circule 0, 1 ou 2 ao lado dos itens A-I para descrever a sua experiência de trabalho nos últimos seis meses:

0 = NÃO É VERDADEIRA

1 = UM POUCO VERDADEIRA OU
ALGUMAS VEZES VERDADEIRA2 = MUITO VERDADEIRA OU
FREQUENTEMENTE VERDADEIRA

0 1 2	A. Trabalho bem com os outros	0 1 2	F. Faço coisas que podem me levar a perder meu emprego
0 1 2	B. Tenho dificuldade para me relacionar com chefes	0 1 2	G. Falto ao trabalho mesmo quando não estou doente ou de férias
0 1 2	C. Faço bem o meu trabalho	0 1 2	H. Meu emprego é muito estressante para mim
0 1 2	D. Tenho dificuldade para terminar meu trabalho	0 1 2	I. Preocupo-me demais com o trabalho
0 1 2	E. Estou satisfeito com a minha situação de trabalho		

V. EDUCAÇÃO: Em algum momento nos últimos seis meses, você frequentou alguma escola, universidade ou qualquer outro programa educacional ou de treinamento?☐ Não – Por favor, vá para a seção VI.☐ Sim – Que tipo de escola ou programa? _____

Que tipo de diploma ou certificado você vai obter? _____

Qual área? _____

Quando você espera obter seu diploma ou certificado? _____

Circule 0, 1 ou 2 ao lado dos itens A-E para descrever a sua experiência educacional nos últimos seis meses:

0 = NÃO É VERDADEIRA

1 = UM POUCO VERDADEIRA OU ALGUMAS
VEZES VERDADEIRA2 = MUITO VERDADEIRA OU
FREQUENTEMENTE VERDADEIRA

0 1 2	A. Eu me dou bem com outros estudantes	0 1 2	D. Estou satisfeito com a minha situação educacional
0 1 2	B. Eu alcanço o que está dentro da minha capacidade	0 1 2	E. Faço coisas que podem fazer com que eu seja reprovado
0 1 2	C. Tenho dificuldade para terminar minhas tarefas		

VI. Você tem alguma doença ou deficiência (física ou mental)? ☐ Não ☐ Sim – Por favor, descreva: _____**VII. Por favor, descreva suas preocupações ou temores sobre sua família, trabalho, educação ou outras coisas:**☐ Não tenho preocupações.**VIII. Por favor, descreva suas qualidades, seus pontos positivos.**

POR FAVOR, CONFIRA SUAS RESPOSTAS E VERIFIQUE SE TODOS OS ITENS FORAM RESPONDIDOS.

VERSÃO BRASILEIRA DO "ADULT SELF-REPORT FOR AGES 18-59" TRADUZIDA POR: MM ROCHA & EFM SILVARES (2010). E-MAIL: asebabrasil@gmail.com – REPRODUZIDA SOB LICENÇA Nº 207-12-04-06. PROIBIDA A REPRODUÇÃO NÃO AUTORIZADA.

FAVOR RESPONDER TODOS OS ITENS.

IX. Logo abaixo você encontrará uma lista de itens que descrevem pessoas. Para cada afirmação, por favor, circule 0, 1 ou 2 para descrever você *nos últimos seis meses*. Por favor, responda todos os itens o melhor que puder, mesmo que alguns deles não pareçam aplicar-se a você.

0 = NÃO É VERDADEIRA	1 = UM POUCO VERDADEIRA OU ALGUMAS VEZES VERDADEIRA	2 = MUITO VERDADEIRA OU FREQUENTEMENTE VERDADEIRA
0 1 2 1. Sou muito esquecido(a)	0 1 2 37. Meto-me em muitas brigas	
0 1 2 2. Sei aproveitar as oportunidades que aparecem para mim	0 1 2 38. Minhas relações com os vizinhos são insatisfatórias	
0 1 2 3. Argumento muito	0 1 2 39. Ando em más companhias	
0 1 2 4. Desenvolvo minhas habilidades	0 1 2 40. Escuto sons ou vozes que outras pessoas acham que não existem (descreva): _____	
0 1 2 5. Culpo os outros por meus problemas	0 1 2 41. Sou impulsivo(a) ou ajo sem pensar	
0 1 2 6. Uso drogas (que não álcool ou nicotina) sem fins medicinais (descreva): _____	0 1 2 42. Prefiro ficar sozinho(a) do que ficar na companhia dos outros	
0 1 2 7. Gosto de contar vantagem	0 1 2 43. Minto ou engano os outros	
0 1 2 8. Tenho dificuldade para me concentrar ou prestar atenção por muito tempo	0 1 2 44. Sinto-me sobrecarregado(a) por minhas responsabilidades	
0 1 2 9. Não consigo tirar certos pensamentos da cabeça; obsessões (descreva): _____	0 1 2 45. Sou nervoso(a) ou tenso(a)	
0 1 2 10. Tenho dificuldade para parar sentado(a)	0 1 2 46. Tenho movimentos repetitivos que não consigo parar (tiques) (descreva): _____	
0 1 2 11. Sou muito dependente dos outros	0 1 2 47. Falta-me autoconfiança	
0 1 2 12. Sinto-me sozinho(a)	0 1 2 48. As outras pessoas não gostam de mim	
0 1 2 13. Fico confuso(a) ou desorientado(a)	0 1 2 49. Sou capaz de fazer algumas coisas melhor do que outras pessoas	
0 1 2 14. Choro muito	0 1 2 50. Sou muito medroso(a) ou ansioso(a)	
0 1 2 15. Sou bastante honesto(a)	0 1 2 51. Tenho tonturas	
0 1 2 16. Sou maldoso(a) com os outros	0 1 2 52. Sinto-me muito culpado(a)	
0 1 2 17. Vivo no "mundo da lua"	0 1 2 53. Tenho dificuldade em fazer planos para o futuro	
0 1 2 18. Machuco-me de propósito ou já tentei me matar	0 1 2 54. Sinto-me cansado(a) sem um bom motivo	
0 1 2 19. Tento chamar muita atenção	0 1 2 55. Meu humor oscila entre excitação e depressão	
0 1 2 20. Estrago ou destruo as minhas coisas	0 1 2 56. Tenho problemas físicos de fundo emocional (sem causa médica):	
0 1 2 21. Estrago ou destruo coisas que pertencem a outras pessoas	0 1 2 a. Dores (exceto de cabeça ou de estômago).	
0 1 2 22. Preocupo-me acerca do meu futuro	0 1 2 b. Dores de cabeça	
0 1 2 23. Desrespeito as regras no trabalho ou em outros lugares	0 1 2 c. Náuseas, enjôo	
0 1 2 24. Não como tão bem quanto deveria	0 1 2 d. Problemas com os olhos (que não são corrigidos com o uso de óculos) (descreva): _____	
0 1 2 25. Não me dou bem com outras pessoas	0 1 2 e. Problemas de pele	
0 1 2 26. Não me sinto culpado depois de fazer alguma coisa que não deveria ter feito	0 1 2 f. Dores de estômago ou de barriga	
0 1 2 27. Tenho ciúmes ou inveja dos outros	0 1 2 g. Vômitos	
0 1 2 28. Não me dou bem com minha família	0 1 2 h. Coração disparado ou batendo forte	
0 1 2 29. Tenho medo de certos animais, situações ou lugares (descreva): _____	0 1 2 i. Partes do corpo formigando ou com dormência	
0 1 2 30. Minhas relações com o sexo oposto são insatisfatórias	0 1 2 57. Ataco fisicamente as pessoas	
0 1 2 31. Tenho medo de que possa pensar ou fazer alguma coisa má ou errada	0 1 2 58. Cutuco a pele ou outras partes do corpo (descreva): _____	
0 1 2 32. Acho que tenho que fazer tudo perfeito	0 1 2 59. Não termino as coisas que eu deveria fazer	
0 1 2 33. Acho que ninguém gosta de mim	0 1 2 60. Poucas coisas me dão prazer	
0 1 2 34. Acho que os outros me perseguem	0 1 2 61. Meu desempenho no trabalho é insatisfatório	
0 1 2 35. Sinto-me sem valor ou inferior	0 1 2 62. Sou desastrado(a), desajeitado(a) (má coordenação motora)	
0 1 2 36. Machuco-me acidentalmente com frequência		

POR FAVOR, CONFIRA SUAS RESPOSTAS E VERIFIQUE SE TODOS OS ITENS FORAM RESPONDIDOS.

VERSÃO BRASILEIRA DO "ADULT SELF-REPORT FOR AGES 18-59" TRADUZIDA POR: MM ROCHA & EFM SILVARES (2010). E-MAIL: asebabrasil@gmail.com - REPRODUZIDA SOB LICENÇA Nº 207-12-04-06. PROIBIDA A REPRODUÇÃO NÃO AUTORIZADA.

FAVOR RESPONDER TODOS OS ITENS.

0 = NÃO É VERDADEIRA		1 = UM POUCO VERDADEIRA OU ALGUMAS VEZES VERDADEIRA		2 = MUITO VERDADEIRA OU FREQUENTEMENTE VERDADEIRA	
0 1 2	63. Prefiro estar com pessoas mais velhas a estar com pessoas da minha idade	0 1 2	93. Falo demais	0 1 2	94. Faço muita gozação dos outros
0 1 2	64. Tenho dificuldades em estabelecer prioridades	0 1 2	95. Sou esquentado(a)	0 1 2	96. Penso demais em sexo
0 1 2	65. Recuso-me a falar	0 1 2	97. Ameaço machucar as pessoas	0 1 2	98. Gosto de ajudar os outros
0 1 2	66. Repito as mesmas ações várias vezes seguidas, compulsões (descreva): _____	0 1 2	99. Não gosto de ficar em um mesmo lugar por muito tempo	0 1 2	100. Tenho problemas com o sono (descreva): _____
0 1 2	67. Tenho dificuldades para fazer ou manter amigos	0 1 2	101. Falto ao trabalho, mesmo quando não estou doente ou de férias	0 1 2	102. Não tenho muita energia
0 1 2	68. Grito muito	0 1 2	103. Sou infeliz, triste ou deprimido(a)	0 1 2	104. Sou mais barulhento que os outros
0 1 2	69. Sou reservado(a), fechado(a), não conto minhas coisas para ninguém	0 1 2	105. As pessoas acham que sou desorganizado(a)	0 1 2	106. Gosto de ser justo(a) com os outros
0 1 2	70. Vejo coisas que outras pessoas acham que não existem (descreva): _____	0 1 2	107. Sinto que não posso ser bem sucedido(a)	0 1 2	108. Tendo a perder coisas
0 1 2	71. Fico sem jeito na frente das pessoas com facilidade, preocupado(a) com o que os outros vão pensar de mim	0 1 2	109. Gosto de experimentar coisas novas	0 1 2	110. Gostaria de ser do sexo oposto
0 1 2	72. Preocupo-me com a minha família	0 1 2	111. Evito relacionar-me com outros	0 1 2	112. Sou muito preocupado(a)
0 1 2	73. Cumpro minhas responsabilidades para com a minha família	0 1 2	113. Preocupo-me com as minhas relações com o sexo oposto	0 1 2	114. Deixo de pagar minhas dívidas ou de cumprir com outras responsabilidades financeiras
0 1 2	74. Gosto de me exibir ou fazer palhaçadas	0 1 2	115. Sou inquieto(a) ou agitado(a)	0 1 2	116. Fico chateado(a) com muita facilidade
0 1 2	75. Sou muito acanhado(a) ou tímido(a)	0 1 2	117. Tenho problemas para administrar dinheiro ou cartões de crédito	0 1 2	118. Sou muito impaciente
0 1 2	76. Me comporto de maneira irresponsável	0 1 2	119. Presto pouca atenção aos detalhes	0 1 2	120. Dirijo muito rápido
0 1 2	77. Durmo mais que a maioria das pessoas durante o dia e/ou a noite (descreva): _____	0 1 2	121. Tendo a me atrasar nos compromissos	0 1 2	122. Tenho dificuldade em manter um emprego
0 1 2	78. Tenho dificuldades para tomar decisões	0 1 2	123. Sou uma pessoa feliz	0 1 2	124. Nos últimos seis meses, aproximadamente quantas vezes por dia você usou cigarro/tabaco (inclusive fumo de mascar)? _____ vezes por dia.
0 1 2	79. Tenho problemas de fala (descreva): _____	0 1 2	125. Nos últimos seis meses, quantos dias você ficou bêbado? _____ dias.	0 1 2	126. Nos últimos seis meses, quantos dias você usou drogas para fins não medicinais (inclusive maconha, cocaína e outras drogas, exceto álcool e nicotina)? _____ dias.
0 1 2	80. Luto pelos meus direitos				
0 1 2	81. Meu comportamento é instável				
0 1 2	82. Roubo				
0 1 2	83. Fico entediado facilmente				
0 1 2	84. Faço coisas que outras pessoas acham estranhas (descreva): _____				
0 1 2	85. Tenho pensamentos que outras pessoas achariam estranhos (descreva): _____				
0 1 2	86. Sou teimoso(a), mal humorado(a) ou fácil de se irritar				
0 1 2	87. Meu humor ou meus sentimentos mudam de repente				
0 1 2	88. Gosto de estar com as pessoas				
0 1 2	89. Ajo precipitadamente, sem pensar nos riscos				
0 1 2	90. Tomo muita bebida alcoólicas ou fico bêbado(a)				
0 1 2	91. Penso em me matar				
0 1 2	92. Faço coisas que podem me causar problemas com a lei (descreva): _____				

POR FAVOR, CONFIRA SUAS RESPOSTAS E VERIFIQUE SE TODOS OS ITENS FORAM RESPONDIDOS.

VERSÃO BRASILEIRA DO "ADULT SELF-REPORT FOR AGES 18-59" TRADUZIDA POR: MM ROCHA & EFM SILVARES (2010). E-MAIL: asebabrasil@gmail.com - REPRODUZIDA SOB LICENÇA Nº 207-12-04-06. PROIBIDA A REPRODUÇÃO NÃO AUTORIZADA.

Apêndice F Técnica de apresentação

**OS SONHOS DE HOJE
ESTARÃO CONECTADOS
COM A REALIDADE
DE AMANHÃ.** *Deus*

**E, CONECTADOS,
VIVEMOS MELHOR.**

DE CORAÇÃO
Ajudar ao próximo

CONHEÇA A HISTÓRIA DE PESSOAS
QUE DEDICAM HORAS DE SUAS
AGENDAS OU SUAS VIDAS INTEIRAS
A AJUDAR O PRÓXIMO

**SABER PARA
MUDAR**

RECONSTRUÇÃO DA DIGNIDADE (F)
Ajudar meu filho
*matheus a ter
dignidade
novamente*
esperança
FUTURO MELHOR

Educação
PARA
COM
TODOS

FILHOS

FELICIDADE
MEUS FILHOS BEM.

SONHO
*VIVER EM PAZ COM
MEUS, FAMILIARES
E IRMÃOS EM CRISTO*

ACREDITAR
*Que tudo pode
melhorar*

**É POSSÍVEL
TRANSFORMAR
O MUNDO.
BASTA acreditar.**



"Tendo amado os seus, amou-os até o fim."

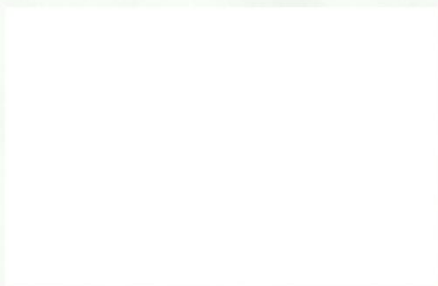


TEATRO
De pai para filha



FAMILIA
É O
TUDO

SABE QUANDO
VOCÊ BATE O OLHO
E VÊ QUE TEM
ALGO DIFERENTE?



Mesma receita, sabores diferentes



Todos podem, devem,
clamar: "Assim não
dá mais. Assim
não quero mais"

COMEÇO
MARAVILHOSO



CARNE CRUA
Macloys (ao
centro) e Salma
fundaram a banda

Deus e
mais
passo
confiar.
nele.





"É MUITO GRATIFICANTE PODER FAZER
ALGO QUE AJUDE A REINTEGRAR AS
PESSOAS À SOCIEDADE."



A ESCOLA

QUE

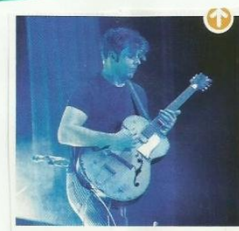
FUNCIONA

FAMÍLIA



AMIGOS
TRABALHO

"VALORES DA VIDA"



Apêndice G Cartaz das características positivas e negativas

Positivo **Eu** **negativo**

Boa mãe

Gasto muito

Super prote-tora

AMIGO

PAI -

drogas

vícios

COMPANHEIRO

FILHOS

Falta diálogo

ANSIEDADE

AUGUSTO CURY

COMO ENFRENTAR O MAL DO SÉCULO

PAIS E FILHOS

LOGO, AS FAMÍLIAS MORNEM

DEPENDENTE QUÍMICO



A decoração muda de cor quando molha!

Beleza que faz Sentido

Sombriinha Beleza que faz Sentido 2.490 Pontos | Cód.: 3-014

SÍTIO

Soriso
"Religião"

FAMÍLIA

72

MÃE CUIDADORA

A falta de opções para os estudantes leva ao desperdício de talentos

COISA ERRADA

FALTA DO ESTUDO*



CASAL
"PAIS"



IRMÃO

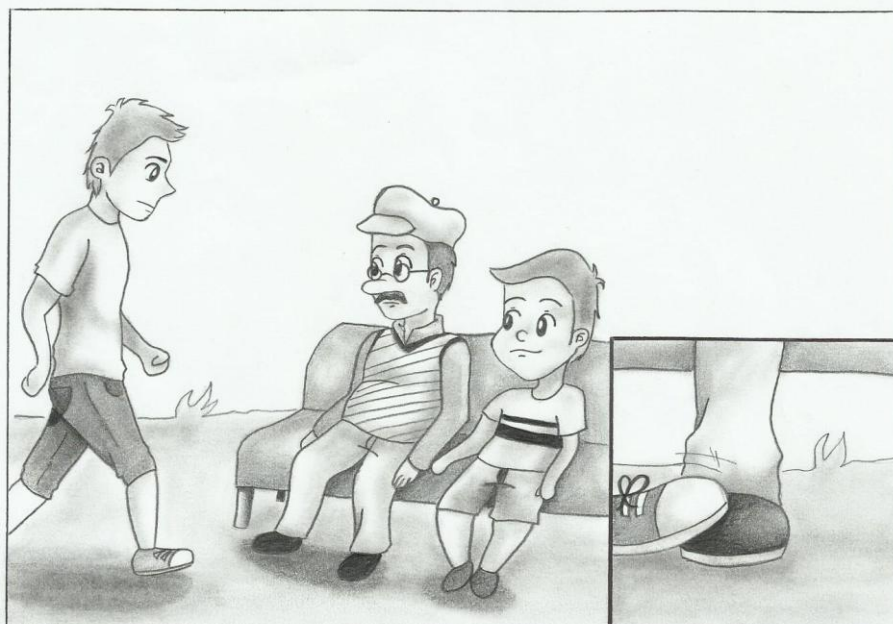


EUSEU



EUSEU



Apêndice H Quadrinhos da falta de polidez









Apêndice I Cartaz análise funcional ABC

<p>ANTES</p>	<p>BOM COMPORTAMENTO</p>	<p>C CONSEQUÊNCIA</p>
<p>→ "OLHA FICHO..."</p> <p>→ "COMO É BOM TER VOCÊ EM CASA"</p> <p>→ "AVISA ANTES.... VAMOS CONVERSAR HOJE..."</p> <p>→ HONESTO</p> <p>→ PERDE....</p>	<p>→ SEGUIR REGRAS</p> <p>→ FICAR EM CASA</p> <p>→ RESPEITAR OS ADULTOS "CONVERSA"!!</p> <p>→ HONESTIDADE</p> <p>→ "HONRAR OS PAIS"</p>	<p>→ (+) TRÂNCQUICA FELIZ</p> <p>→ "BOCINHO"</p> <p>→ GOSTEI, (+)</p> <p>→ OBRIGADO!!</p> <p>→ ORGULHO!!</p> <p>→ AMÃE AMOU VL ESTAR AQUI HOJE</p>
<p>→ "QUERO VER VOCÊ BEM"</p>	<p>FALA DA SEMANA POSITIVA</p>	<p>→ "VISITA"</p> <p>"ESTOU FELIZ POR VOCÊ"</p>
<p>→ O EXEMPLO.... FALGI E NÃO OUVIU</p>	<p>→ "COMPORTAR-SE BEM, EDUCADO"</p> <p>→ PESSOAS NOVAS</p>	<p>→ "ACEITAÇÃO"</p> <p>→ "OUVIU"</p> <p>* SAÍDA DO CENSO</p>
<p>→ CONVERSOU*</p>	<p>→ FICAR CENSO EM CASA</p>	<p>→ CUMPRE O COMBINADO</p>
<p>→ CONVERSA SOBRE REGRAS</p> <p>→ CERTO X ERRADO</p>	<p>→ OBRIGADO</p>	<p>→ COMPORTAMENTO ADEQUADO</p>

REFERÊNCIAS

- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- American Psychiatric Association. (2014). DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.(M.I.C, Nascimento...et al,Trad).Porto Alegre: Artmed.
- Arón, A. M., & Milicic, N. (1994). Viver com os outros: Programa de desenvolvimento de habilidades sociais. Editorial Psy II.
- Bandura, A., Azzi, R. G., & Polydoro, S. A. (2009). Teoria social cognitiva: conceitos básicos.Porto Alegre: Artmed.
- Barber, B. K. (1996).Parental Psychological Control: Revisiting a Neglected Construct. *Child Development*, (67, pp.3296-3319).
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M.,(2002) Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estud. psicol.* (vol.7, n.2, pp.227-235). ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200004>
- Bordin, I. A., Rocha, M. M., Paula, C. S., Teixeira, M. C.T.V., Achenbach, T.M., Rescorla, L.A., & Silves, E.F.M. (2013). Child Behavior Checklist (CBCL), Youth Self-Report (YSR) and Teacher's form in a sample of brazilian Children.
- Berri, G. (2004). *Programa de intervenção em práticas parentais para mães de adolescentes em conflito com a lei* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Infância e da Adolescência, Universidade Federal do Paraná-UFPR.Curitiba, PR, Brasil.
- Bieling, P. J., McCabe, R. E., & Antony, M. M. (2008). Terapia cognitivo-comportamental em grupos.(I. H.de Oliveira, trad.) Porto Alegre: Artmed Editora.
- Bolsoni-Silva, A, T., & Del Prette, A. (2003). Problemas de comportamento: um panorama da área. *Rev. Brás. de terapia comportamental e cognitiva*, 5(2),91-103. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v5n2/v5n2a02.pdf>.
- Bolsoni-Silva, A, T., & Marturano, E, M. (2007). A Qualidade da Interação Positiva e da Consistência Parental na sua Relação com Problemas de Comportamentos de Pré-Escolares. *Interamerican Journal of Psychology* 41(3),349-358. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300010&lng=pt&tlng=pt.
- Brancalhone, P. G., & Williams, L. C. D. A. (2003). Crianças expostas à violência conjugal: Uma revisão de área. In M.C., Marquezine, M.A., Almeida, S., Omote & E.D.O., Tanaka (Orgs). *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais*. Coleção perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial,(6),(pp. 123-130).Londrina: Eduel.

- Branco, B. M., Wagner, A., & Demarchi, K. A. (2008). Adolescentes infratores: rede social e funcionamento familiar. *Psicologia Reflexão e Crítica* 21 (1), 125-132. Recuperado em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000100016 .doi: 10.1590/S0102-79722008000100016.
- Branden, N., & Gouveia, R. (1998). Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo. Saraiva.
- Caballo, V. E. (1997). El papel de las habilidades sociales en el desarrollo de las relaciones interpersonales. In: Zamignani, D. R. (Org.). *Sobre comportamento e cognição* (3,pp.229-233).Santo André: ARBytes.
- Caballo, V. E. (2012). Diferenças entre indivíduos socialmente hábeis e não-hábeis. In V .E.Caballo, (org.)*Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*.(pp.99-108). São Paulo: Editora Santos.
- Callero, P. L. (2003). The sociology of the self. *Annual review of sociology*, 115-133.
- Caminha, M. G., Almeida, F. F., & Scherer, L. P. (2011). Treinamento de pais: Fundamentos teóricos. In M. G. ,Caminha, & , R. M., Caminha (org.). *Intervenções e treinamento de pais na clínica infantil* (pp. 13-30). Porto Alegre: Sinopsys.
- Carvalho, M, C, N., & Gomide, P, I, C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia* ,22 (03), 263-275.Campinas.Recuperadode: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n3/v22n3a05.pdf>.
- Catania, A. C., (1999). Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição (D.G. Souza, Trad.). Porto Alegre: Artmed.(Trabalho original publicado em 1998).
- Cenci, C. M. B., Teixeira, J. F., & Oliveira, L. R. F. D. (2014). Lealdades invisíveis: coparticipação da família no ato infracional. *Pensando famílias* 18(1), 35-44.
- Comte-Sponville, A. (1996). Pequeno tratado das grandes virtudes. São Paulo: Martins Fontes.
- Corey, G.(2000).Theory and practice of group counseling. 5ed.Belmont, CA Wadsworth Thomson Learning.
- Costa, M.,(2004) Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado. Belo Horizonte: Del Rey,
- Delitti, M., & Derdyk, P. (Orgs). (2008). Terapia analítico comportamental em grupo. Santro André: Esetec.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z.A. P. & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades Social. *Revista Perspectivas* (vol.01, n°02 pp. 104-115). Recuperado em http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/cap/files/2013/12/TREINAM-HABLDD-SOCIAIS-104-115_RP_2010_01_02.pdf.

- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Barreto, M. C. M. (1999). Habilidades sociais en la formación del psicólogo: Análisis de un programa de intervención. *Psicología Conductual* (7, 27-47)Espanha.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Rocha, M. M. (2011). Habilidades sociais na infância: avaliação e intervenção com crianças e seus pais. In .R.Wainer & C.S.Petersen (org). *Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes: ciência e arte*. (pp. 46-61)Porto Alegre: Artmed,.
- Eron, L. D. (1997). The development of antisocial behavior from a learning perspective. In D. M. Stoff, J. Breiling, & J. D. Maser (Eds.), *Handbook of antisocial behavior* (pp. 140-147). Hoboken, NJ: John Wiley.
- Falcone, E. D. O., & Rangé, B. (1998). Grupos. Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas, (pp. 159-169).
- Falcone, E. (2000). Habilidades sociais: para além da assertividade. In H.J.,Guilhardi, M.B.B., Madi, P.P., Queiroz, & M.C. Scoz, (Orgs) *Sobre comportamento e cognição: questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos*, (6, PP. 211-221.)
- Feijó, M, C., & Assis, S. G. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia* 9(1), 157-166. <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22391.pdf>.
- Feldman, M, F. (1977). Comportamento criminoso: uma análise psicológica. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fiorelli, J.O. & Mangini, R.C.R. (2015). *Psicologia Jurídica*. São Paulo: Atlas.
- Gallo, A, E., & Williams, L, C, A. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática*,7(1),81-95. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872005000100007.
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. A. (2010). Ensino de habilidades parentais a mães de adolescentes em conflito com a lei. In L.C.A. Williams, J.M.D. Maia & K.S.A. Rios. (Orgs.) *Aspectos psicológicos da violência: Pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental*, (pp.407-427). Santo André: Esetec.
- Gomide, P, I, C. (1998). *Menor Infrator: A caminho do Novo Tempo*.(2ª.ed.) Curitiba: Juruá.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z.A.P Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 21-60). Campinas: Alínea.
- Gomide, P, I, C. (2004). *Pais presentes pais ausentes: regras e limites*. Petrópolis: Vozes.

- Gomide, P. I. C., Salvo, C. G., Pinheiro, D. P. N. & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10, (2), 169-178. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v10n2/v10n2a08.pdf>.
- Gomide, P. I. C. (2006). Inventário de estilos parentais (IEP): modelo teórico – manual de aplicação, apuração e interpretação. Petropolis: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2009). The influence of profession on maternal parenting styles according to children's perception. *Estudos de Psicologia* 26(1), 25-34.
- Gomide, P. I. C. (2010). Comportamento moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes. Curitiba: Juruá.
- Grabicoski, B. (2016). Avaliação de pais de adolescentes em conflito com a lei. (Dissertação de Mestrado). Depto de Psicologia-Universidade Tuiúti do Paraná. Curitiba.
- Haapasola, J., & Pokela, E. (1999). Child-rearing and abuse antecedents of criminality. *Journal of Aggression and Violent Behavior* (4), 107-27.)
- Haydu, V. B., Gomide, P. I. C., Seegmueller, V. (2010). Obediência. In P. I. C., Gomide (Org.), *Comportamento Moral: Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes*. Curitiba: Juruá.
- Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11(2), 228-239. doi: 10.1037/h0076463.
- Ingberman, Y. K. (2001). O estudo dos padrões de interação entre pais e filhos: prevenção da aquisição de comportamentos desadaptados, embasamento para a prática clínica. In H. J., Guilhardi, M. B. B., Madi, P. P., Queiroz, & M. C. Scoz, (Orgs). *Sobre Comportamento e cognição*, (Vol. 8, Capítulo 27, pp. 226-233). Santo André: Esetec.
- Junger, M., Greene, J., Schipper, R., Hesper, F., & Estourgie, V. (2013). Parental criminality, family violence and intergenerational transmission of crime victim a birth cohort. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 19, 117-133. Doi 10.1007/s 10610-012-9193-z.
- Kazdin, A. E., & Buela-Casal, G. (2001). Conduta Antissocial: Evolução, Tratamento e Prevenção na Infância e Adolescência. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Kazdin, A. E. (2008). Parent management training: Treatment for oppositional, aggressive, and antisocial behavior in children and adolescents: Oxford University Press.
- Kazdin, A. E. (2010). Como educar crianças: sem remédios, terapia ou conflitos. São Paulo: Novo Século.
- Kellerman, J. (2002). Filhos selvagens : reflexões sobre crianças violentas . Rio de Janeiro: Rocco.

- Leonardi, J. L., Borges, N. B., & Cassas, F. A. (2012). Avaliação funcional como ferramenta norteadora da prática clínica. In N.B, Borges & F.A, Cassas (Orgs.) *Clinica Analítico-Comportamental: aspectos teóricos e práticos*(Parte II, Seção I, Capítulo10, pp.105-109). Porto Alegre: Artmed.
- Leszcz, M., & Yalom, I. (2006). Psicoterapia de Grupo: Teoria e Prática.
- Marin, A. H., Martins, G. F., Silva, I. M., Freitas, A. P, C. O., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão Intergeracional de Práticas Educativas Parentais: Evidências Empíricas. *Psicologia Teoria e Pesquisa*. 29 (2), 123-132. Recuperado em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n2/01.pdf>.
- Marinho, M. L., & Caballo, V. E. (2002). Comportamento anti-social infantil e seu impacto para a competência social. *Psicologia, saúde & doenças* 3(2), 141-147.
- Militão, A., & Militão, R. (1999). SOS dinâmica de grupo. Qualitymark.
- Militão, A. & Militão, R. (2000) Jogos, Dinâmicas & Vivências Grupais: Como desenvolver sua melhor “técnica” em atividades grupais. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Murta, S. G., Rodrigues, A. C., Rosa, I. D. O., & Paulo, S. G. D. (2012). Evaluation of a psycho-educational parenthood transition program. *Paidéia* 22(53), 403-412. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v22n53/12.pdf>. doi: 10.1590/1982-43272253201312.
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (Abr-Jun 2012). Adolescentes em Conflito com a Lei: Percepções sobre a Família. *Psicologia : Teoria e Pesquisa*, 28(2), 181-191. Brasília. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/06.pdf>.
- Neiva, A. L.(2015). A Desistência da Conduta Infracional por Adolescentes no Brasil: uma Discussão Teórica. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, (13),338-357. Recuperado de <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/adolescencia/article/view/3484/3071>
- Nucci, L. (2000). Psicologia moral e educação: para além de crianças "boazinhas". *Educação e Pesquisa*, 26(2), 71-89. São Paulo: USP
- Pacheco, J. T, B., & Hutz, C. S. (2009). Variáveis Familiares Preditoras do Comportamento Anti-Social em Adolescentes Autores de Atos Infracionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 25(2), 213-219. Recuperado em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a09v25n2.pdf>. doi: 10.1590/S0102-37722009000200009.
- Patterson, G. R., Reid, J. B, & Dishion, T. J. (1992). Antisocial boys. Comportamento anti-social. Santo André: Esetec.
- Patterson, G. R. (2002). The early development of coercive family process. In J. B. Reid, G. R. Patterson, & J. Snyder (Eds.), *Antisocial behavior in children and adolescents: A developmental analysis and model for intervention* (pp. 25-44).

- Pereira, S. E. F. N., & Sudbrack, M. F. O. (2008). Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 151-159. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/03.pdf>. doi:10.1590/S0102-37722008000200004.
- Petersen, C., & Wainer, R. (2009). Terapias Cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes. Porto Alegre: Artmed.
- Pettit, G., Laird, R. D., Dodge, K. A., Bates, J. & Criss, M. (2001). Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. *Child Development*, (72, 583-598.)
- Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G., Amarante, C. L. D., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Treinamento de Habilidades Sociais e educativas para Pais de Crianças com Problemas de Comportamento. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 19(3), 407-414. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n3/a09v19n3>. doi: 10.1590/S0102-79722006000300009.
- Predebon, J., & Giongo, C. (2015). A família com filhos adolescentes em conflito com a lei: contribuições de pesquisas brasileiras. *Pensando famílias* 19(1), 88-104. Recuperado em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n1/v19n1a08.pdf>.
- Prust, L. W., & Gomide, P. I, C (Jan-Mar 2007). Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. *Estudos de psicologia*, 24(1), 53-60. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a06.pdf>. doi: 10.1590/S0103-166X2007000100006.
- Reid, M. J., Webster-Stratton, C., & Beauchaine, T. P. (2001). Parent training in Head Start: A comparison of program response among African American, Asian American, Caucasian, and Hispanic mothers. *Prevention Science* 2(4), 209-227. Recuperado em <http://tpb.psych.ohio-state.edu/papers/ParenttraininginHS.pdf>.
- Reinecke, M. A., Dattilio, F. M., & Freeman, A. (1999). Terapia cognitiva com crianças e adolescentes. Manual para a prática clínica. Porto Alegre: Artmed.
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In S.C. Hutz (Org.). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*, 7-52. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rios, K. S. A., & Williams, L. C. A. (2008). Intervenção com famílias como estratégia de prevenção de problemas de comportamento em crianças: uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 799-806. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a18.pdf>. doi: 10.1590/S1413-73722008000400018.
- Rocha, G. V. M. (2012). Comportamento Antissocial: Psicoterapia para Adolescentes Infratores de Alto Risco. Curitiba: Juruá.
- Rosset, S. M. (2004). 1, 2, 3: Técnicas de Psicoterapia Relacional Sistêmica. Curitiba: Sol.

- Salvo, C. G., Silveiras, E. F. M., & Toni P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia* 22(2), 187-195. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n2/v22n2a08.pdf>.
- Schlenger Jr, H. D. (1995). *Applied clinical psychology. A behavior analytic view of child development*. New York: Plenum Press
- Serrão, M.; Baleeiro, M.C.(1999). *Aprendendo a ser e a conviver*. São Paulo: FTD
- Serra-Pinheiro, M. A., Guimarães, M. M., & Serrano, M. E. (2005). A eficácia de treinamento de pais em grupo para pacientes com transtorno desafiador de oposição: um estudo piloto. *Revista de Psiquiatria Clínica* 32(2), 68-72. Recuperado em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v32n2/a02v32n2>
- Shecaira, S. S. (2008) *Sistema de garantias e o direito penal juvenil*. São Paulo: Revista dos tribunais.
- Silva, P. S. (2016). Adolescentes em conflito com a lei: o CENAM na contramão do estatuto e do adolescente. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT*, 3(3), 117.
- Snyder, J., & Patterson, G. R. (1987). Family interaction and delinquent behavior. In *Handbook of juvenile delinquency*, ed. H.C Quay . New York: John Wiley & sons.
- Stern, J. Treinamento de pais. (2003). In J.R. White & A. Freeman.(orgs.) *Terapia cognitivo comportamental em grupo para populações e problemas específicos*. (pp. 381-416).São Paulo: Roca.
- Toledo, P. M. H. D., & Coser, D. S. (2015). Treinamento para pais de adolescentes: Aprendendo conceitos comportamentais e práticas parentais para atuar na fase da adolescência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* 17(3),38-54.São Paulo: USP. Recuperado em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/814/448>
- Weber, L., & Gomide, P. I. C. (2004). O comportamento moral e os estilos parentais. In M. Z. da S., Brandão, , F. C. de S., Conte, , F. S., Brandão, Y. K., Ingberman, C. B. de, Moura, V. M. da, Silva, & S. M. Olliane. . (Orgs.). *Sobre Comportamento e Cognição: estendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas*, (Vol. 14., seção V Capítulo 33 ,pp.267-284). Santo André: Esetec.
- Webster-Stratton, C., & Hammond, M. (1997). Treating children with early-onset conduct problems: A comparison of child and parent training interventions. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(1), 93-109.Recuperado em <http://www.incredibleyears.com/wp-content/uploads/evaluation-treating-children-intervention-comparison-97.pdf>
- White, J. R., & Freeman, A. S. (2003). *Terapia cognitivo-comportamental em grupo para populações e problemas específicos*.São Paulo: Roca.